

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

**ANTONIO BELFORTE LAVACCA**

**TERAPIA OCUPACIONAL E CULTURA: sobrevoos sobre  
construções acadêmicas do campo.**

**SÃO CARLOS -SP  
2023**

ANTONIO BELFORTE LAVACCA

**TERAPIA OCUPACIONAL E CULTURA: sobrevoos sobre  
construções acadêmicas do campo.**

Tese apresentada ao Exame de Defesa pública de Doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de doutor em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Regina Silva

SÃO CARLOS-SP  
2023

**FICHA CATALOGRÁFICA**

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for entering cataloging information. It occupies the lower half of the page.

## **DEDICATÓRIA**

Ao amor, à vida, à música, à literatura, às palavras e aos que quero bem.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço ao milagre de estarmos vivos caminhando sobre a Terra. Agradeço à poesia, à literatura, aos livros e aos professores que tenho e tive em minha vida: tudo isso construiu caminhos sensíveis e espetaculares em minha vida.

Gratidão eterna à divina música que nos momentos mais tristes de minha vida, magicamente me salvou da falta de alegria. Aos colegas de trabalho que compartilharam comigo a escrita e os estudos para que esta tese fosse concluída. À direção e à coordenação da escola *Tic Tac Toe* (onde trabalho há quase 12 anos) por me apoiarem e incentivarem a minha escrita de forma afetuosa e paciente.

Aos grandes amigos que nos momentos mais insanos da minha vida, não disseram nada (em muitas das ocasiões), mas estavam lá para me abraçarem e enxugarem minhas lágrimas.

À minha família, às minhas irmãs e àqueles (que mesmo não consanguíneos) são parte familiar do meu coração: obrigado pelas tardes, pelas lições, pelos ensinamentos, pela paciência quando por excessos acabei me transformando em loucura e medo.

Meu agradecimento especial à minha querida orientadora Carla Regina Silva, que me acompanhou durante seis anos da minha vida (entre mestrado e doutorado) e me ensinou tanta coisa (que eu faria uma tese só de agradecimentos a ela). À terapia ocupacional: ciência cujos caminhos metodológicos me transformaram em uma pessoa melhor. Aos colegas de laboratório e ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (PPGTO), meu abraço enternecido.

Aos esportes que me alegam no cotidiano e ratificam a minha longevidade: ao ciclismo, à corrida e em especial ao paraquedismo que me ensina tal qual o Yoga, a não me antecipar e a valorizar os momentos mágicos como, por exemplo, voar e estar presente nos momentos sublimes como navegar a 6 mil pés em um céu maravilhosamente azul em Boituva. Aos amigos paraquedistas que tanto têm me ensinado. Ao medo, que me mantém vivo e consciente nos momentos mais difíceis do esporte.

Aos meus ídolos (e são tantos) que moldaram e moldam a minha personalidade: Raul, *Made in Brazil*, Paulo de Carvalho, Bob Cusp (um dos maiores nomes do paraquedismo que já pude saber), Gabriel Feltran, às bandas de rock and

roll, de punk rock, de salsa, de blues, de heavy metal (em especial ao Iron Maiden). Aos deuses, às mitologias, ao amor (que busco cultivar como religiosidade). À boemia que me trouxe vida e me apresentou pessoas incríveis.

Aos meus amores eternos: Roberto Lavacca, Claudio Belforte, Teresa Belforte, Pedro Barretta, Rita Belforte, Giuseppina Lavacca (*in memoriam*) e Antonio Lavacca (*in memoriam*), que me seguraram enquanto eu caía de vários precipícios da minha existência. À Héliide Barretta (*in memoriam*).

Às participantes desta tese que conferiram coletividade, pertencimento e relações significativas para a construção dos dados, análises e todos os caminhos.

À banca especial que traz contribuições robustas para a minha edificação enquanto pesquisador e pessoa.

Aos meus grandes amigos que admiro.

Que possamos continuar com amor e fé. Dedico esta tese ao amor e para a memória de todos os meus amigos e amados que não correm mais comigo neste plano telúrico, maluco e mágico. Amo vocês. Obrigado vida!

Rizoma: raízes se ramificam por baixo da terra fértil, sem começo e nem fim. Pensamentos se ramificam em palavras, estas... em poesias. Brotos em plantas, em qualquer um de seus pontos. A cultura e o amor são rizomas. A vida se ramifica em afeto, carinho e fé.

(Antonio Belforte Lavacca. Julho de 2022)

## RESUMO

A presente tese apresenta diálogos entre os campos da cultura e da terapia ocupacional. Inicialmente, conceituamos algumas ideias em torno de compreensões sobre cultura. A seguir, relacionamos a temática da cultura como presente na construção da terapia ocupacional brasileira, suas relações com as artes, a ampliação de campos e de ações a partir do engajamento, compromisso e construções políticas. A tese teve como objetivo: Identificar e analisar as possibilidades de atuação da terapia ocupacional na interface e com a cultura; mapear e analisar os saberes e práticas de terapeutas ocupacionais que contribuem para as reflexões e possibilidade do campo da terapia ocupacional e cultura. Para tanto, buscou conhecer grupos de pesquisa e outros coletivos de terapeutas ocupacionais que estabelecem relações com a cultura. Como dialogam? Quais são as perspectivas? Que relações estabelecem? Posteriormente, convidamos pessoas, pesquisadoras e representantes de grupos e coletivos. Assim, foram realizadas 13 entrevistas, a partir de roteiro produzido para este fim e acima de tudo, diálogos baseados nas trajetórias, práticas, reflexões e outras construções. Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas, assim como, todos os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos respeitados. Desta forma, nos resultados apresentamos o perfil de cada entrevistada e foi realizada a curadoria temática das narrativas, na qual se destacam cinco grandes temas de debate ao campo: Acessibilidade cultural, política e Direito, Experiência Estética, Corporeidade e Relações Interseccionais. Por fim, as narrativas representaram as possibilidades de práticas e diálogos no campo cultural cujas práticas revelaram relações de múltiplos sentidos e direcionamentos. Novos olhares, novos horizontes, novos rumos e outras perspectivas são trazidos como exercícios de fortalecimento para o futuro de práticas e debates, para o campo e para as possibilidades de interface entre a cultura e a terapia ocupacional. Trata-se mais de curadorias temáticas do que classificações, análises temáticas ou comparativas que expressam as potências e os desafios desta construção.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Cultura. Campos. Política Cultural.

## ABSTRACT

This thesis presents dialogues between the fields of culture and occupational therapy. Initially, we conceptualize some ideas around understandings of culture. Next, we relate the theme of culture as present in the construction of Brazilian occupational therapy, its relations with the arts, the expansion of fields and actions based on engagement, commitment and political constructions. The thesis aimed to: Identify and analyze the possibilities of occupational therapy in the interface and with the culture; to map and analyze the knowledge and practices of occupational therapists that contribute to the reflections and possibilities of the field of occupational therapy and culture. Therefore, it sought to meet research groups and other groups of occupational therapists that establish relationships with culture. How do they dialogue? What are the prospects? What relationships do they establish? Afterwards, we invited people, researchers and representatives of groups and collectives. Thus, 13 interviews were carried out, based on a script produced for this purpose and, above all, dialogues based on trajectories, practices, reflections and other constructions. All interviews were transcribed and analyzed, as well as all ethical precepts of research with respected human beings. In this way, in the results we present the profile of each interviewee, and the thematic curation of the narratives was carried out, in which five major themes of debate in the field are highlighted: Cultural, Political and Law Accessibility, Aesthetic Experience, Corporeality and intersectional relationships. Finally, the narratives represented the possibilities of practices and dialogues in the cultural field whose practices revealed relationships of multiple meanings and directions. New perspectives, new horizons, new directions and other perspectives are brought as a strengthening exercise for the future of practices and debates for the field and the possibilities of interface between culture and occupational therapy. It is more about thematic curatorship than classifications, thematic or comparative analyzes that express the potential and challenges of this construction.

Keywords: Occupational Therapy. Culture. Fields. Cultural Policies.

## **RESUMEN**

*Esta tesis presenta diálogos entre los campos de la cultura y la terapia ocupacional. Inicialmente, conceptualizamos algunas ideas en torno a los entendimientos de la cultura. A continuación, relacionamos el tema de la cultura como presente en la construcción de la terapia ocupacional brasileña, sus relaciones con las artes, la ampliación de campos y acciones a partir de construcciones de compromiso, compromiso y políticas. La tesis tuvo como objetivo: Identificar y analizar las posibilidades de la terapia ocupacional en la interfaz y con la cultura; mapear y analizar los saberes y prácticas de los terapeutas ocupacionales que contribuyan a las reflexiones y posibilidades del campo de la terapia ocupacional y la cultura. Para ello, buscó reunirse con grupos de investigación y otros colectivos de terapeutas ocupacionales que establecen relaciones con la cultura. ¿Cómo dialogan? ¿Cuáles son las perspectivas? ¿Qué relaciones establecen? Posteriormente, invitamos a personas, investigadores y representantes de grupos y colectivos. Así, se realizaron 13 entrevistas, a partir de un guión elaborado al efecto y, sobre todo, diálogos a partir de trayectorias, prácticas, reflexiones y otras construcciones. Todas las entrevistas fueron transcritas y analizadas, así como todos los preceptos éticos de la investigación con seres humanos respetados. De esta forma, en los resultados presentamos el perfil de cada entrevistado y se realizó la curaduría temática de las narrativas, en las que se destacan cinco grandes temas de debate en el campo: Accesibilidad Cultural, Política y Jurídica, Experiencia Estética, Corporalidad y Relaciones interseccionales. Finalmente, las narrativas representaron las posibilidades de prácticas y diálogos en el campo cultural cuyas prácticas revelaron relaciones de múltiples sentidos y direcciones. Nuevas perspectivas, nuevos horizontes, nuevos rumbos y otras miradas se traen como un ejercicio de fortalecimiento para el futuro de las prácticas y debates para el campo y las posibilidades de interfaz entre cultura y terapia ocupacional. Se trata más de curadurías temáticas que de clasificaciones, análisis temáticos o comparativos que expresen las potencialidades y desafíos de esta construcción.*

*Palabras llave: Terapia Ocupacional. Cultura. Campos. Política Cultural.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Relação das temáticas abordadas .....	107
------------	---------------------------------------	-----

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Nuvem de palavras da entrevistada 1 .....	65
Imagem 2 -	Nuvem de palavras da entrevistada 2 .....	67
Imagem 3 -	Nuvem de palavras da entrevistada 3 .....	70
Imagem 4 -	Nuvem de palavras da entrevistada 4 .....	73
Imagem 5 -	Nuvem de palavras da entrevistada 5 .....	76
Imagem 6 -	Nuvem de palavras da entrevistada 6 .....	79
Imagem 7 -	Nuvem de palavras da entrevistada 7 .....	83
Imagem 8 -	Nuvem de palavras da entrevistada 8 .....	86
Imagem 9 -	Nuvem de palavras da entrevistada 9 .....	90
Imagem 10 -	Nuvem de palavras da entrevistada 10 .....	93
Imagem 11 -	Nuvem de palavras da entrevistada 11 .....	97
Imagem 12 -	Nuvem de palavras da entrevistada 12 .....	101
Imagem 13 -	Nuvem de palavras das entrevistadas 13 e 14 .....	106

## **APRESENTAÇÃO:**

Em 2016 tomei contato com a área da terapia ocupacional e ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO). De lá para cá, realizamos muitos projetos que envolveram arte, cultura, corpo e a terapia ocupacional. Na dissertação dialogamos com questões referentes às identidades juvenis, aos processos de socialização e subjetivação humana a partir de oficinas culturais e os pertencimentos criados dentro do contexto de uma escola pública no município de São Carlos. Desde então, meu olhar se volta para práticas culturais e artísticas dentro da terapia ocupacional.

Em 2018, concluí a minha dissertação sob a orientação da professora Dra. Carla Regina Silva, a quem atribuí parte considerável da minha compreensão sobre a terapia ocupacional (T.O.).

Tal tese, por sua vez, busca mapear e compreender como a cultura se estabelece na relação com as práticas terapêuticas ocupacionais. O olhar se volta para um sobrevoo panorâmico de como estes trabalhos se correlacionam e estabelecem diálogos com a literatura dos temas.

O título desta pesquisa advém da conexão entre o que tem mudado meu modo de pensar e ver o mundo, o panorama construído nesta tese e uma paixão recente: o paraquedismo.

O paraquedismo é um esporte cujas relações com o espaço, com o seu corpo e com o espaço/tempo se transfiguram a cada salto. Em Boituva-SP tive um processo de renascimento. A respiração, a calma a centralidade de seus pensamentos antecedem cada salto, tal qual a corporeidade e a presença de espírito em práticas terapêuticas e terapêuticas ocupacionais sob o prisma da relação com o outro, com a sensibilidade de olhar o universo e consigo mesmo. Equipar-se com o “container<sup>1</sup>” é um processo de concentração e pertencimento tais quais são os processos que antecedem o contato com os usuários e as práticas profissionais da terapia ocupacional. Tudo é conferido com delicadeza e observação, bem como os processos metodológicos adotados em cada demanda inerente ao campo da T.O.

---

<sup>1</sup> Bolsa onde vão os paraquedas - o principal e o reserva

Além das conferências no seu próprio equipamento, os demais amigos paraquedistas conferem solitária e coletivamente cada outro que subirá no mesmo avião. Todos se sentam em fila (próximos uns aos outros). A subida dura, aproximadamente, 15 minutos. Tudo vai ficando minúsculo lá embaixo. É fascinante. Aos 10 mil pés de altura, sinalizamos que faltam quatro minutos para a abertura da porta. Novas conferências são feitas e ajustamos novamente os óculos de proteção, o capacete e o altímetro<sup>2</sup>. Em doze mil pés, o piloto libera a luz verde (ao lado da aeronave) e a porta do avião se abre. O barulho do vento, no começo, é assustador. Todas as vezes, na porta do avião, balançando a cabeça para aquele paraquedista responsável pelas saídas (lançamentos), respiro fundo, buscando estar totalmente presente naquele momento. A vida lá cima se altera: o que pode um corpo? Onde eu chego com a minha ousadia? São perguntas frequentes. O som do vento forte se iguala ao meu coração (que sempre dispara).

Ajusto os meus pés (um na frente do outro) e endireito a minha coluna na beira do avião. Flexiono as pernas e um dos joelhos toca o solo da aeronave (e esse é apenas um dos tipos de saída). Concentro a minha respiração sobre o meu corpo, que é uma nova unidade de presença naquele mundo: percebo minhas mãos, meus pés, respiro fundo mais uma vez. Olho por cima e por baixo da asa do avião, para ter uma referência visual durante a saída e me lanço nos céus, buscando a posição correta para que o ar passe de maneira igual sobre toda a minha extensão corporal, de maneira simétrica. A consciência deve estar sóbria. São 45 segundos em queda livre e o corpo chega a mais de 200 km/h na velocidade final. Durante a queda, alguns exercícios são necessários para a minha evolução, como curvas de 90°, 180° e 360°. A postura de um paraquedista se aproxima de uma aula de Yoga: mente, respiração e todos os seus membros devem estar em sincronia. É um balé no céu. Não se luta contra o vento: é uma parceria. Uma nuvem, às vezes, se aproxima e ela é atravessada por você ou vice versa. É simbiótica a relação.

Os objetivos do esporte se convergem com os objetivos da ação dos terapeutas ocupacionais: o desejo de emancipação e participação dos usuários com quem trabalhamos é o mesmo quando nos jogamos daquele avião. A terapia ocupacional

---

<sup>2</sup> Espécie de relógio que marca a altura que nos encontramos.

se vale da reinserção, do lugar potente do outro no espaço, do gerenciamento das dores e das vidas cotidianas, sugerindo ampliação do ser, do corpo, da alma, da vida. Não é o contrário quando se está em queda livre. É seu corpo furando as nuvens, seus órgãos interferindo na relação das nuvens no céu e as nuvens penetrando na sua carne, como as paixões fortes que se inclinam por aquilo que se demonstra novo e nos eleva.

Aos seis mil pés, sinalizo o comando (abertura) do velame (paraquedas) principal e o processo total de abertura se faz em, no máximo, cinco segundos.

As etapas de conferência se iniciam por perceber a sustentação completa do seu corpo no ar, apoiado nos tirantes de peito e de pernas (equipamentos que prendem o corpo no container) passando pelas conferências visuais e funcionais com o velame já aberto: se ele está retangular, se as linhas não se entrelaçam, se o pilotinho (acionador de abertura) se encontra por cima do paraquedas e se este faz curvas e freia corretamente.

Tudo isto conferido, começo a navegação<sup>3</sup> sobre o céu (sempre observando o altímetro). Procuo a área de pouso para que possa me dirigir à ela. Antes disso sempre dou um grito, que se ecoa na vastidão dos céus, afinal estou em segurança. A liberdade e o desprendimento do que já fui antes de sair do avião me fazem um novo Antonio, bem como os processos de apropriação dos elementos culturais e subjetivos dentro de qualquer área potente cujas sinapses da mente humana podem simbolizar ampliação do ser no mundo. O sobrevoo é a ressignificação dos seus medos em relação à sua própria vida. Durante a navegação, alcanço “insights” para a escrita deste trabalho, que se concretizaram no papel durante a minha concentração já dentro do quarto de hotel. O esporte é também concentração, foco e total imersão.

Perguntam-me sobre o medo e eu digo sempre na afirmativa: “- Sim. Tenho medo! Afinal são quase 4 km de altura!” E para que faço? Para me reinventar, me correlaciono comigo, com o outro e com o mundo de maneira diferente e libertária. Eu controlo também os riscos da minha vida. Não se trata de desafiar o espaço e a existência, se trata de aumentar o seu corpo e o seu lugar no espaço. Muitos acham que paraquedistas querem morrer cedo ou flertam com a morte. E é o contrário. Queremos viver mais, para voar cada vez mais.

---

<sup>3</sup> Termo utilizado no paraquedismo para se referir ao voo posterior à abertura do paraquedas (a 6 mil pés de altura) até o momento do pouso em solo).

Lá no céu, durante a navegação, consigo escutar o barulho do vento. Os carros passam pequenos lá embaixo e, por vezes, vejo a minha própria sombra, em cima da rodovia Castelo Branco. Sempre importante conferir o altímetro e observar se não há outros paraquedistas por perto antes de cada curva ou cada manobra que venha a nos aproximar da área de pouso. Os rios, os lagos, o telhado dos hangares vão tomando proporções maiores. Os pássaros cantam. Lá me cima é sempre mais frio e o céu é mais azul. A ideia do seu corpo no mundo se refaz.

O som do vento é fascinante. O silêncio é ensurdecedor. Vou perdendo altura na área de espera. O chão se aproxima e iniciam-se as etapas de pouso. Entro no circuito de pouso a 1000 pés, busco as linhas imaginárias que estabelecemos antes do salto para os pontos: A, B e C, que se encontram a 1000, 500 e a 300 pés do chão respectivamente. Olhar a 45° do chão é a maneira correta de chegar sem com que se caia de maneira enganosa: Não se deve olhar para a ponta dos seus pés, que se encontram pendurados no ar e na linha do seu quadril, mas sim para frente, no horizonte, tal qual a visão que temos que ter para os futuros caminhos da terapia ocupacional.

Aos aproximados 15 pés, tragos os batoques (que controlam o velame) do alto da minha cabeça até a altura do peito e já quase perto do chão completo o flare (processo de frenagem do velame). A atenção ainda é necessária e metódica, pois ainda preciso levar o paraquedas para a sala de dobragem e todos cruzam a pista de decolagem e pouso. Olho, pelo menos, duas vezes para cada lado, para ver se não há aviões chegando ou partindo. Atravesso. E aí sim. Salto concluído.

Um salto de paraquedas é tão metódico quanto uma tese de doutorado, tão inovador quanto às novas experiências estéticas, tão certas quanto à luta pelas políticas e pelos direitos humanos; é também questão de acessibilidade à possibilidade de fruição e pertença no mundo; o esporte se aproxima da TO e desta tese por criar novas relações corporais com a minha matéria no universo. Ao me desmontar do papel de atleta (e ainda em constante formação), volto ao Antonio, mas não posso mais ser o mesmo. Tudo mudou. Sinto o meu corpo diferente, minhas mãos se acalmam, ando como se estive pisando em algodões.

Relaxo a minha cabeça e toda a minha existência. Toda a adrenalina começa a se transformar em endorfina. Imagino sempre que estou (e de forma positiva) acostumando meu corpo às substâncias que libero em todo o procedimento que

duram 20 minutos (da equipagem até a saída do avião), mais 7 minutos (da queda livre à chegada ao chão) e pouco mais de (15 minutos) até as últimas fases que encerram a chegada. A cada salto disponho cerca de, aproximadamente, 40 minutos da minha vida. Passamos sempre boas horas treinando no chão e revendo procedimentos de emergência. Mas quando retorno, tenho nascido a cada salto, me libertado de preconceitos e visões aprisionadoras. Fiz reduções de danos frente aos meus mais variados vícios da carne.

Esta tese é um salto de paraquedas: um novo eu frente aos estudos, uma nova possibilidade de relação no mundo. Desejo que este trabalho influencie outras pessoas e o “alvo”, o recorte sobre o qual estamos lançando o nosso olhar enquanto pesquisadores. Desejo que esta tese produza (em alguma escala) efeitos parecidos com aqueles que o paraquedismo produziu em minha vida. Que as atitudes diante do outro, das diversidades e das discussões que acaloram os campos da terapia ocupacional e da cultura sejam tão ribombantes quanto são os ventos aos 12 mil pés de altura. Bom salto a vocês. Boa leitura.

## SUMÁRIO

<b>PARTE 1: UMA NAVEGAÇÃO AÉREA SOBRE AS DIMENSÕES DA CULTURA.</b> .....	22
1.1 INTRODUÇÃO .....	22
1.1.1 A terapia ocupacional no campo da cultura: sobrevoando a área de pouso.....	25
1.1.2 Novas concepções sobre os termos e os conceitos da “cultura” com a terapia ocupacional: paraquedistas de mãos dadas em queda livre. ....	30
1.1.3 Cultura como campo de atuação profissional (pousando no alvo da área).....	34
1.1.4 Os diálogos entre a arte, cultura e terapia ocupacional: a queda-livre, a navegação e o pouso corretos.....	38
<b>PARTE 2: HIPÓTESES, OBJETIVOS, PROCEDIMENTOS E PERCURSOS METODOLÓGICOS: PREPARANDO A NAVEGAÇÃO</b> .....	48
2.1 HIPÓTESE .....	49
2.2 OBJETIVOS .....	49
2.2.1 Objetivo Geral.....	49
2.2.2 Objetivos Específicos .....	49
2.3 PROCEDIMENTOS E PERCURSOS METODOLÓGICOS: O MOMENTO EM QUE ME POSICIONO FRENTE À PORTA ABERTA DO AVIÃO .....	49
2.3.1 Trabalho de campo: aproximação com profissionais.....	50
2.3.2 Os grupos de pesquisa e outros coletivos .....	50
2.3.3 Dos roteiros de entrevista: caminhos percorridos .....	56
2.3.4 Do convite às entrevistadas .....	59
2.3.5 Da apreciação à ética .....	60

**PARTE 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES: SALTOS FRENTE À IMENSIDADE E À BELEZA DO CÉU AZUL.....61**

**3.1 PERFIL DAS ENTREVISTADAS, SUA RELAÇÃO COM A CULTURA E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS OCUPACIONAIS.....62**

**3.1.1 Entrevistada 1: Ingrid Oliveira (I.O.).....63**

3.1.1.1 Relações com o campo da cultura .....63

3.1.1.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....64

3.1.1.3 Sobrevoos e palavras-chave .....65

**3.1.2 Entrevistada 2: Andrea Jurdi (A.J.).....65**

3.1.2.1 Relações no campo da cultura .....66

3.1.2.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....67

3.1.2.3 Sobrevoos e palavras-chave .....67

**3.1.3 Entrevistada 3: Flávia Liberman (F.L.).....68**

3.1.3.1 Relações no campo da cultura .....69

3.1.3.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....69

3.1.3.3 Sobrevoos e palavras-chave .....70

**3.1.4 Entrevistada 4: Devir A .....71**

3.1.4.1 Relações com o campo da cultura .....71

3.1.4.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....72

3.1.4.3 Sobrevoos e palavras-chave .....73

**3.1.5 Entrevistada 5: Débora Galvani (D.G.).....73**

3.1.5.1 Relações com o campo da cultura .....74

3.1.5.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....75

3.1.5.3 Sobrevoos e palavras-chave .....76

**3.1.6 Entrevistada 6: Érika Inforsato (E.I.).....77**

3.1.6.1 Relações com o campo da cultura .....78

3.1.6.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....	78
3.1.6.3 Sobrevoos e palavras-chave: .....	79
<b>3.1.7 Entrevistada 7: Martha Minatel (M.M.) .....</b>	<b>80</b>
3.1.7.1 Relações com o campo da cultura .....	81
3.1.7.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....	82
3.1.7.3 Sobrevoos e palavras-chave .....	83
<b>3.1.8 Entrevistada 8: Cláudia Reinoso (C.R.) .....</b>	<b>83</b>
3.1.8.1 Relações com o campo da cultura .....	85
3.1.8.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....	85
3.1.8.3 Sobrevoos e palavras-chave .....	86
<b>3.1.9 Entrevistada 9: Patrícia Dorneles (P.D.) .....</b>	<b>87</b>
3.1.9.1 Relações com o campo da cultura .....	88
3.1.9.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....	89
3.1.9.3 Sobrevoos e palavras-chave: .....	90
<b>3.1.10 Entrevistada 10: Márcia Cabral (M.C.) .....</b>	<b>91</b>
3.1.10.1 Relações com o campo da cultura .....	92
3.1.10.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....	92
3.1.10.3 Sobrevoos e palavras-chave .....	93
<b>3.1.11 Entrevistada 11: Maria Daniela (M.D.) .....</b>	<b>94</b>
3.1.11.1 Relações com o campo da cultura .....	95
3.1.11.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....	95
3.1.11.3 Sobrevoos e palavras-chave .....	96
<b>3.1.12 Entrevistada 12: Paula Cardoso (P.C.) .....</b>	<b>97</b>
3.1.12.1 Relações com o campo da cultura .....	98
3.1.12.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....	99
3.1.12.3 Sobrevoos e palavras-chave: .....	101

<b>3.1.13 Entrevistadas 13 e 14 : Marina Silvestrini (M.C.) e Isadora Cardinali (I.C)</b> .....	102
3.1.13.1 Relações com o campo da cultura .....	103
3.1.13.2 Práticas profissionais (alguns trechos) .....	104
3.1.13.3 Sobrevoos e palavras-chave .....	106
<b>3.2 CURADORIA SOBRE AS TEMÁTICAS (OBSERVANDO A PAISAGEM DA JANELA DO AVIÃO)</b> .....	106
<b>3.2.1 Política e Direito: um pouso sobre a área do respeito</b> .....	109
<b>3.2.2 Acessibilidade: adentrando nos espaços como protagonistas</b> .....	129
<b>3.2.3 Acessibilidade cultural: o paradigma das pessoas com deficiências que se expande para o direito cultural</b> .....	131
<b>3.2.4 Acessibilidade cultural como campo de ensino, pesquisa e extensão na terapia ocupacional</b> .....	140
<b>3.2.5 Experiência estética: vislumbrando a maravilha dos céus</b> .....	142
3.2.5.1 Cultura produzindo deslocamentos .....	155
<b>3.2.6 Corpo/Corporeidade: sentindo o vento durante a navegação.</b> .....	158
3.2.6.1 Perspectivas sobre o corpo e a corporeidade: processos estéticos e formativos na terapia ocupacional .....	161
<b>3.2.7 Relações Interseccionais paraquedistas em oração aos céus.</b> .....	165
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	184
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	189
<b>ANEXOS</b> .....	200

**PARTE 1: UMA NAVEGAÇÃO AÉREA SOBRE AS DIMENSÕES DA CULTURA.**



Fonte: Plano Nacional de Cultura, 2007.

## 1.1 INTRODUÇÃO

A palavra cultura tem sua raiz do latim e vem do verbo “*colare*” que significa cultivar e está ligada ao cultivo da terra: nos remete à ideia de brotar, nascer, florescer, frutificar. Segundo Chauí (2008) a cultura, a partir do século XVIII e do pensamento iluminista, ganha em seu significado à acepção de civilização: a cultura está diretamente ligada ao povo, ao crescimento de uma nação e mede o grau de civilização desse povo. A cultura passa a ser termômetro avaliador das sociedades.

A concepção da palavra e seus significados sofrem mudanças durante o século XIX e o padrão de cultura se volta para a cultura da Europa e do sistema capitalista. Já no século XX, com o avanço das ideias de Marx e da filosofia alemã, a cultura rompe a concepção etnocêntrica e imperialista e dá lugar a um ideal de cultura mais voltada ao materialismo histórico, sofrendo mudanças de acordo com a estrutura e a individualidade de cada lugar/povo (BRANDÃO, 2002).

A cultura passa por transformações ao longo do tempo, mas assume o papel de determinante nas ações humanas: é pela cultura de um povo que se perpetuam hábitos, crenças, costumes e tradições. A cultura divide e pode ser o que o sociólogo Bauman (2012) chamará de elemento estruturante das sociedades. Assim sendo, cada povo, cada lugar, cada região têm sua cultura própria. Capaz de segregar ou unir pessoas, a cultura é como se fosse um divisor e um determinante para aquele lugar ou povo.

Sob esta perspectiva a cultura impõe, impinge, adentra e perpetua hábitos e padrões. Independentemente das clivagens sociais, o conceito de cultura como estrutura perpassa a modernidade e as relações humanas. Essa divisão cultural perpetua um movimento hierárquico de sociedade e é o que o sociólogo polonês chamará de “cultura como hierarquia”. Os estruturalmente “detentores de determinada cultura” ficam mais para cima da pirâmide social: a cultura preestabelece quem sobe e quem desce nesse sistema piramidal (BAUMAN, 2012).

O conceito de cultura pode nos apresentar questões que segregam, que excluem e que hierarquizam os seres humanos. A utilização do termo “cultura” necessita de uma pergunta: “De qual cultura ou culturas estão falando?”, pois então.

Para Bauman (2012) o conceito genérico de cultura é aquele que transmite a ideia dos “mais cultos” ou “menos cultos”. Também de acordo com o sociólogo

polonês, a cultura pode simbolizar a hierarquia entre os humanos ou até mesmo os processos de inclusão e exclusão.

Desta forma, alguns poucos que se encaixam naquele padrão se estabelecem mais ao topo, outros mais no centro e a grande maioria: na base da pirâmide. A base é mais larga e o topo mais estreito. Criticamente à essa estrutura, pensar a cultura como elemento hierarquizante é pensar na contramão dos direitos humanos, uma vez que o acesso à cultura passa a ser privilégio de poucos. Logo, garantir o acesso à cultura, bem como o respeito pela diversidade cultural, se torna uma missão das profissões que tenham como material de trabalho: os seres humanos.

É preciso olharmos para a cultura com a criticidade correta: as culturas de massa, as culturas midiáticas, as culturas quaisquer que sejam também podem conotar objetivos perversos quando tratamos de construção de subjetivação, pertencimento, afeto, respeito às diversidades culturais.

Não obstante, Bauman (2005) nos propõem que as identidades culturais também podem segregar ou concluir pessoas. A todo instante estamos cercados de fazeres culturais, todavia, devemos olhar como estamos tratando as discussões ao longo do conceito. Bauman (1998) relembra Freud (1996) em uma de suas publicações de 1929, sobre a qual o psicanalista discorre sobre o mal estar na cultura.

Por outro lado, as identidades culturais afirmam o pertencimento, o afeto e a união de povos e etnias distintas. Analisamos que os conceitos de cultura podem ser amplos: cultura de etnias, cultura musical, cultura de elite, cultura política, dentre outras. O caminho a se percorrer sobre a discussão se demonstra extenso. Todavia, o foco da discussão se dá sobre as possibilidades de atuação no campo da cultura para fortalecermos, de maneira otimista, as diversidades, as identidades, o pertencimento, a acessibilidade, o direito à cultura, a interculturalidade, as políticas culturais e a cultura como um campo de atuação.

Observamos também que a apropriação do termo “cultura” em terapia ocupacional vem sendo utilizado ao longo do tempo. Há algumas produções que discutem a utilização do termo e o que queremos dizer quando a utilizamos. Por isso, ao longo da tese aprofundaremos as discussões sobre a utilização de alguns termos e conceitos, com o objetivo de aprimorar e lapidar o campo em construção, haja vista que as políticas culturais vêm sendo mais efetivamente implementadas no Brasil a partir de 1990, como nos sugere Patrícia Dorneles (2014). Afinal, temos urgências por políticas públicas mais emancipatórias e mais progressistas (SANTOS, 2009).

Ao longo nossas incursões sobre o campo cultural se depararam, assim, com debates sobre acessibilidade cultural e políticas culturais. Para aprofundar o aporte teórico metodológico, nos ancoramos nos reflexões de autores como Antonio Albino Canelas Rubim (2012): cujas contribuições tangenciam as políticas culturais e a cultura como direito humano. Buscamos ainda alguns documentos governamentais que nos auxiliassem na compreensão da trajetória das políticas culturais e das leis que garantam a acessibilidade cultural (BRASIL, 2017).

Durante as entrevistas e os estudos sobre o vasto campo cultural, nos deparamos sobre as questões de interculturalidade. Este trabalho está dividido em três partes principais. A primeira é composta por esta introdução, pelas breves conceituações:

- terapia ocupacional no campo da cultura;
- dimensão cultural nas ocupações e atividades humanas;
- dimensão da cultura como estratégia, ferramenta e recurso para práticas em T.O.;
- cultura como possível agente de transformação social.

Procuramos ainda trazer algumas concepções sobre a cultura e a utilização de seus termos e conceitos dentro do debate e das produções. Encerrando a primeira seção do trabalho, expusemos possíveis diálogos entre as artes, a cultura e a T.O. Na segunda seção, trouxemos as hipóteses, objetivos gerais e específicos, ferramentas da pesquisa, procedimentos e percursos metodológicos.

Na terceira e última parte, discorreremos em como chegamos no desenho atual da pesquisa, como selecionamos documentos, grupos e convidados para a construção dos dados: como se deu a seleção dos artigos que tratam sobre a temática, quais foram selecionados, como os classificamos, resumos das produções encontradas, caminhos que percorremos até a fase final de seleção. Traremos também: como elegemos os grupos que têm interface no campo da cultura, como efetivamos os convites, como realizamos as entrevistas, quais categorias de análise surgiram a partir das narrativas das entrevistadas e como caminharemos para a conclusão desta tese.

### 1.1.1 A terapia ocupacional no campo da cultura: sobrevoando a área de pouso<sup>4</sup>.

A terapia ocupacional é definida no Brasil e reconhecida pela associação internacional da categoria como:

É um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, reunindo tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia de pessoas que, por razões ligadas a problemática específica (físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e ou sociais), apresentam temporária ou definitivamente dificuldade na inserção e participação na vida social. As intervenções em terapia ocupacional dimensionam-se pelo uso da atividade, elemento centralizador e orientador, na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico (WFOT, 2018, p. 11).

Para tanto, a terapia ocupacional tem estabelecido parcerias teóricas e metodológicas em diversas áreas do conhecimento, a fim de expandir os horizontes epistemológicos que compõem as suas áreas e campos de atuação e reflexão, criando múltiplos sentidos de interpretação e múltiplas possibilidades de atuação.

Segundo Malfitano (2005), a terapia ocupacional tem na educação, na habitação, na justiça, na assistência social, na saúde e na cultura, núcleos de ação que atuam em parcerias, compondo uma prática imbuída de troca e carregada de caráter interdisciplinar. A interlocução entre as áreas aumenta a capacidade de ampliação do repertório de atuação e ação dos profissionais, que se mobilizam para atender à determinadas demandas para a emancipação e a maximização das potências positivas de vida surjam em meio às vulnerabilidades que acometem.

Galheigo *et al.* (2018) apresentam um estudo sobre perspectivas teórico-metodológicas e referenciais teórico-práticos da terapia ocupacional brasileira, entre 1956 a 2017. As autoras relatam que entre 1970 até 1996, a terapia ocupacional esteve marcada pela problematização dos saberes e práticas, a partir de aportes da saúde coletiva e das ciências humanas e sociais o que contribuiu para o aporte crítico para a profissão.

Já o terceiro movimento, denominado pelas autoras (GALHEIGO *et al.*, 2018, p. 729), como: “constituição dos campos de saber e prática da terapia ocupacional por

---

<sup>4</sup> Parte deste texto foi adaptado em formato de artigo e se encontra aprovado para publicação em revista da área.

meio de contextualização sociopolítica, problematização teórico-conceitual e proposição de práticas emancipatórias” (entre 1997 e 2005) a cultura aparece: i) identificada como campo de atuação profissional, diretamente relacionado à ampliação de políticas públicas sociais; ii) representada na consolidação de um deslocamento da concepção de atividade enquanto instrumento e recurso mecanicista de cura de uma ciência exata para atividade como elemento da cultura, de caráter polissêmico e complexo, que se funda numa dimensão sociopolítica e afetiva da condição humana e iii) e presente quando considerada sua dimensão nos contextos de pessoas e grupos, principalmente em práticas profissionais voltadas para ao trabalho territorial e comunitário:

Estas produções mostraram-se potentes para a sustentação de uma terapia ocupacional crítica, que entendia que práticas transformadoras e emancipatórias deveriam ser necessariamente desenvolvidas desde, para e com o contexto local e territorial. Práticas que possibilitassem criar territórios de ser e de pertencer em liberdade; territórios, construídos sócio-histórica e culturalmente (GALHEIGO *et al.*, 2018, p. 731).

Assim, a terapia ocupacional vem produzindo práticas e construção de conhecimento no campo da cultura e ampliando as possibilidades e compreensões de refletir e atuar na direção de promover a diversidade das atividades e relações humanas, na busca pela garantia e ampliação de direitos de pessoas, grupos e comunidades diversas, além de compreender e ressignificar seus cotidianos e modos de vida.

Na terapia ocupacional, que é vista como um campo de conhecimento cujas ações influenciam na vida cotidiana de indivíduos e comunidades, a cultura se faz um conceito e um meio de ação bastante fértil. Como campo de conhecimento, a profissão agrega conceitos, concepções e referenciais que melhor embasem suas proposições teórico-práticas (SILVA, 2007, p. 4).

Corroborando com Galheigo (2005) a terapia ocupacional pode oferecer novos caminhos aos cotidianos, buscando na cultura, nos contextos históricos sociais e nas vivências do dia a dia, a ideia de coletividade, contraponto ao referencial de individualidade.

Há a necessidade de dialogarmos com perspectivas que vociferem as potencialidades humanas: reduzindo aquilo que os excluem e maximizando as

capacidades. Aumentar a inclusão e a participação dos sujeitos é um dos objetivos centrais das produções em terapia ocupacional.

Pensar as atividades humanas necessariamente singulares e coletivas, a partir da terapia ocupacional no campo da cultura é dialogar, então, com novas maneiras de se relacionar com a vida e com os caminhos de construção do afeto, da potência e da subjetividade.

A terapia ocupacional espelha o que seus profissionais pensam e produzem. Seus métodos estão condicionados a determinadas problemáticas que são percebidas e incorporadas como pertinentes e para essas áreas de problemas desenvolvem-se soluções (BARROS, 2004, p. 92).

Para Gonçalves, Costa e Takeiti (2017) a cultura na terapia ocupacional pode ser compreendida a partir de três perspectivas, enquanto atravessamento na prática, como recurso e campo de atuação. A primeira perspectiva se refere à cultura como expressão de identidades: a partir a cultura do outro, da identidade expressa no outro é que a terapia ocupacional concretizará o seu trabalho. Na segunda perspectiva, temos a ideia de ferramenta para a atuação profissional, como por exemplo, o uso das artes nos Centros da Juventude. Já a última: cultura como campo de atuação nos aponta para uma gama de fatores e condições que incluem as práticas profissionais em constantes discussões sobre políticas públicas, como agentes de divulgação, fruição e curadoria culturais.

Ressalta-se que a cultura possui inúmeras formas de conceituações em suas distintas dimensões afinal está intrinsecamente articulada a experiência e expressão à vida humana em contextos diversos (SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019).

Pensando nos diferentes contornos que a cultura ganha, estabelecemos uma divisão em quatro dimensão. Cada uma delas se refere à uma visão em torno da cultura, podendo se concretizar como intrínseca às atividades humanas e ocupações: como estratégia de atuação e práticas profissionais nos mais diversos campos e com os diferentes grupos e coletivos, como campo de atuação com engajamento ético-político e como agente de transformação social. Elementarmente, a divisão se torna didática, pois na prática todas as dimensões estão coexistindo.

Segundo as possibilidades e reflexões que estamos sugerindo apresentaremos, pois então, quatro dimensões analisadas que podem mapear as relações construídas entre a terapia ocupacional e a cultura, dadas a produção e

experiências já vivenciadas a partir desta interconexão: i) dimensão da cultura nas atividades humanas e ocupações; ii) a marca da cultura nos processos históricos e na construção das práticas terapêuticas ocupacional e, nesta dimensão, as artes são protagonistas; iii) a cultura como campo de trabalho para terapeutas ocupacionais, a partir das políticas culturais e da compreensão da cultura como direito.

As reflexões apresentadas só podem ser compreendidas se considerarmos a cultura como conceitos polissêmicos que muitas vezes estão em disputa e se transformam ao longo do tempo, de maneira constante. Propusemos tais dimensões com o objetivo de dividir as atividades e práticas culturais dentro de subcategorias que possam explicar melhor cada contorno que o trabalho com a cultura ganha dentro de cada contexto.

A cultura se apresenta como elemento estruturante dos seres humanos e das sociedades, portanto intrínseco às suas ocupações, às atividades humanas, aos cotidianos e aos modos de vida e dimensão central do desenvolvimento humano. (FERREIRA, 2015). A cultura pode se apresentar sob diferentes formas, podendo se concretizar como determinante dos costumes, ações e hábitos de um coletivo, povo, etnia.

Ao longo do tempo, as maneiras das pessoas se relacionarem com objetos, natureza, outras pessoas e consigo mesma sofreram, sofrem e sofrerão mudanças, entretanto é por meio da cultura que são reveladas formas, significados, construções históricas e ancestrais e práticas que conferem sentido coletivo a esses fazeres.

É pela cultura que se modelam valores sociais, crenças, formações, costumes e modos de vida. Cada cultura de um povo é diferente de outras, assim sendo, considerar as diversidades culturais é não aniquilar as dimensões culturais das ocupações e das atividades humanas.

Cabe a nós subsidiarmos debates e atividades a fim de oferecer bases para a ação territorial e comunitária de terapeutas ocupacionais e a elaboração de projetos em contextos marcados por práticas culturais diferenciadas, pluriétnicas e multirraciais (BARROS; GALVANI, 2016, p. 111).

No início dos anos 90, Brunello (1991), apresentava sua preocupação sobre como compreender, considerar e apreender ao máximo a cultura que carrega cada pessoa era importante para a terapia ocupacional, pois se relaciona diretamente com o significado de cada ação humana, já afirmando sua relação com o coletivo e não

apenas ao individual. Além disso, tratava-se de poder deslocar-se para os contextos e as realidades das pessoas, buscando não incorrer em equívocos e interpretações erradas se manter-se apoiado apenas em suas perspectivas individuais.

Ainda em 1990, Castro e Silva (1990) contextualizam sujeito e atividades humanas e sua dimensão cultural e criadora, afinal toda atividade humana está inserida numa realidade social e seu contexto cultural afetou direta ou indiretamente suas experiências, sejam elas pessoais, sociais ou afetivas.

Neste sentido a cultura também influencia ou ainda pode ser considerada determinante no desenvolvimento das próprias práticas terapêuticas ocupacionais. Os terapeutas ocupacionais do Brasil se diferem culturalmente dos terapeutas ocupacionais do Canadá, como exemplo. Não apenas por conceberem visões e demandas de atuação distintas nos campos, mas por participarem de processos culturais outros, ao longo de suas vidas.

Na tese de doutorado desenvolvida por Cardinalli (2022), dentre uma série de enunciados sobre as atividades humanas, a autora apresenta as dinâmicas próprias entre níveis contextuais da atividade humana, como história, realidade social, cotidiano, modo de vida, cultura, paradigma, entre outros.

O contexto não é apenas o entorno ou momento em que a atividade humana está inserida, mas há uma tecitura que pode estar explícita ou implícita. A atividade humana não é um elemento único ou neutro que possa ser isolado sem alteração de sentido, ou seja, os significados envolvidos ou gerados também irão variar a cada contexto. Atividades humanas, modos de vida e cotidianos expressam singularidades e são condicionados pelas diversas esferas contextuais, independente da atenção do terapeuta ocupacional, incidindo e sendo centrais na vida humana (CARDINALLI, 2022, p. 61).

Assim, a cultura também vai sendo considerado como elemento essencial nas práticas terapêuticas ocupacionais. Nesta dimensão observamos a possível conexão com o campo das artes: aqui, a cultura aparece como importante a ser reconhecida nas diferentes práticas terapêuticas ocupacionais; como estratégias a ser incorporada para atingir determinados objetivos, ampliar possibilidades de atuação ou ainda, como expansão da capacidade criativa. Por isso, a cultura se conecta com a intervenção técnica do trabalho terapêutico ocupacional.

De acordo com Castro e Silva (2007, p. 393), a proposição de atividades artísticas se constitui por meio da participação e da criatividade e objetiva “transformações no cotidiano da população atendida e favorece sua inclusão em atividades culturais, desenvolvendo e pesquisando habilidades, estimulando e construindo conhecimento artístico e redes de convivência”.

Como exemplos de tais práticas, podemos trazer as atividades realizadas entre os universos da terapia ocupacional e da cultura. Práticas e vivências que envolvam a música, a dança, o teatro, o lúdico, as histórias do universo infantil podem contextualizar a utilização de atividades culturais como ferramentas que auxiliam nas ações do terapeuta ocupacional.

A cultura passa a ser equipamento dos espaços de atuação profissional. Por este lado, trabalhos que destaquem habilidades artísticas são fontes inesgotáveis de interação, inserção, reabilitação, construção de relações, vínculos, expansão da criatividade, formas e modos de vidas, expressão das subjetividades, entre muitos outros, nos campos onde tais práticas ocorrem.

Podemos pensar as experimentações não apenas como recursos para alguma finalidade em questão, mas também como a própria finalidade em si da experiência vivida: a fruição cultural. Se considerarmos as artes e suas expressões há uma vinculação direta com as práticas terapêuticas ocupacionais em todas áreas e campos de atuação. Além de considerarmos importantes marcas históricas para a construção da profissão.

### **1.1.2 Novas concepções sobre os termos e os conceitos da “cultura” com a terapia ocupacional: paraquedistas de mãos dadas em queda livre.**

A palavra “cultura” é mundialmente utilizada para caracterizar definições de terapia ocupacional, palavras chaves e práticas no campo; se trata de uma maneira de se definir o papel e a função dos terapeutas ocupacionais (WFOT, 2005).

Entretanto, a aplicabilidade e a utilização do termo, se referem à uma gama de significados relacionados ao papel do terapeuta ocupacional, ao significado de suas práticas e às características de territórios e populações como quem o terapeuta ocupacional compõe a sua ação prática, designando a função e as definições acerca da profissão. A cultura se faz e se constrói como um campo de possibilidades ampliado e transdisciplinar.

A cultura como conceito nos leva a diferentes compreensões, campos de saberes e debates teóricos ao longo do tempo. A partir dela compreendemos diferentes padrões sociais, costumes, hábitos, elementos simbólicos de um povo, necessariamente plural, multifacetada e complexa (LAVACCA; SILVA, 2017, p. 1).

Novos desenhos e novas epistemologias acerca do termo vêm sendo cunhados nos últimos anos. Em 2010, a WFOT apresentou a Declaração de Posicionamento Diversidade e Cultura (WFOT, 2005), baseada nos Princípios Orientadores para a

Diversidade e Cultura e alinhada estreitamente com o artigo 2 da Declaração na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Neste documento, a WFOT endossa quatro princípios essenciais em relação à diversidade e cultura: 1. Questões de diversidade: evidências de pesquisas 2. Direitos humanos e inclusão são questões: ocupação, participação, consciência cultural e sensibilidade; 3. A linguagem importa: o poder das palavras 4. A competência importa: atitude, conhecimento e habilidades.

A ampliação dos significados se dá também pelo fato de que os diálogos entre a terapia ocupacional e a cultura se transformaram Cardinalli (2022, p. 7) afirma que “A análise terminológica indica uma produção epistemológica e social fortemente implicadas na cultura e nas relações interculturais, com o destaque linguístico e dos processos de tradução.”

Para Poellnitz e Silva (2019) as palavras e os termos produzem sentidos e significados, dizendo a respeito de um determinado pensamento ou opinião. Além do mais, a escolha e a utilização dos termos evidenciam sobre o que se fala, como se fala, para quem se fala. Sobre cada escolha, se revela uma opinião e uma manifestação, um posicionamento.

Assim, os novos significados em torno do termo “cultura” apontam para “o fazer” de novas ações e práticas, sobre as quais são lançados outros olhares frente às práticas. Toda a terapia ocupacional e seus núcleos têm igual importância. A perspectiva cultural é um ponto dos muitos que compõem a grandeza da área.

Na América Latina há práticas e atuações profissionais da terapia ocupacional no campo da cultura que têm configurado novas possibilidades de trabalho com grupos diversos e em diferentes cursos de vida, consciente dos “processos de desigualdades e de exclusão, que abrangem dimensões plurais e intrínsecas aos processos de vida da maior parte da população, e se estabelecem nas complexidades da vida no cenário neoliberal” (SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019, p. 953).

Silva *et al.* (2017) o conceito em torno da cultura deve ser ampliado para que compreendamos as múltiplas dimensões: por meio da cultura o sujeito expressa as suas identidades, as suas ocupações e as suas mais diversas dimensões do ser:

*La cultura puede ser considerada por la Terapia Ocupacional en una perspectiva ampliada e integrada implicada en las dimensiones simbólicas de los sujetos en sus ocupaciones, identidades, pertenencias y diversidades; como en sus expresiones y producciones materiales e inmateriales; en las dimensiones económicas, en el enfrentamiento de las problemáticas sociales y de desigualdad, en la relación con el mercado de trabajo y otras cuestiones derivadas del sistema de producción capitalista; y en las dimensiones de ciudadanía interesadas en las demandas de acceso, promoción y derechos culturales para todos (SILVA et al., 2017, p. 112).*

Novas maneiras de se enxergar a prática que vêm abarcando, inclusive, discussões em torno do fazer ético político dos profissionais e as necessidades do campo da cultura de se afirmar como possibilidade de existência e núcleo para o trabalho com a terapia ocupacional nacional.

As práticas e atuações profissionais da terapia ocupacional no campo da cultura configuram novas formas de compreender suas práticas, assim como, estão atreladas ao compromisso ético político, também composto pela defesa e luta pela ampliação dos direitos humanos e cidadania, respeito pela diversidade e participação social (PASTORE; SATO, 2018).

A cultura, sob essa ótica, é tida como direito humano: o exercício da cidadania é assegurado por práticas que abram margem para que haja o desenvolvimento de ações culturais como a fruição, a experimentação, o acesso sobre um vasto campo de atividades que se compreende como campo cultural.

O campo que se constrói sobre a cultura e a terapia ocupacional é composto por inúmeros saberes, fazeres, sentidos e significâncias necessários para a ampliação dos diálogos acerca deste universo. Para Dorneles (2014), criar novos territórios onde estejam presentes ações culturais é fortalecer novos elos: Novas redes e corredores culturais se demonstraram a força para novas relações entre a arte, a cultura e os sujeitos.

De acordo com Poellnitz e Silva (2019) os termos podem ser lidos como palavras às quais o conceito está atrelado. Os termos são palavras que auxiliam no

entendimento do conceito. Elas compõem os vocabulários necessários para que entendamos o conceito.

Por sua vez, conceito é o sentido daquele campo de palavras e signos em discussão. O conceito é a ideia e os termos são as palavras para que expressemos essa ideia de maneira correta e coesa. “Os conceitos permitem que os pesquisadores de um campo de saber específico expressem suas ideias, seu modo de ver o mundo e que se comuniquem entre si” (POELLNITZ; SILVA, 2019, p. 83).

Os termos são, então, expressões que nomeiam fenômenos e/ou objetos. E, os conceitos estão relacionados à significação e à essência desse objeto, além disso, são um dos principais pontos de apoio da produção de conhecimento, visto que eles formam a base das diversas perspectivas presentes nos diferentes campos de saber (POELLNITZ; SILVA, 2019, p. 84).

A correta utilização dos termos e conceitos também nos leva para outro campo da compreensão: ler e interpretar corretamente todos as intenções, inflexões, tensões dentro do discurso. Adentrar na significação das palavras é desvendar estruturas de poder, de hierarquia e de hegemonia dentro do universo onde estas palavras estão imersas. O entendimento da palavra se também sobre as suas entrelinhas, sobre as suas pausas.

Quanto mais se faz a discussão sobre a utilização correta dos termos sobre arte, cultura e terapia ocupacional, tanto mais há a efetivação da ampliação das produções, epistemes e arcabouços teóricos. Para Poellnitz e Silva (2019) considerar a pluralidade dos termos e conceitos na Terapia Ocupacional no Brasil é, de fato, aumentar a capacidade das produções e discussões em torno das múltiplas práticas desenvolvidas ao longo dos tempos.

Tais necessidades de interpretação, discussão e apropriação dos termos e conceitos tangenciam ainda, outras expressões como: “atividades terapêuticas”. “atividades culturais” e “atividades artísticas”. Nem sempre as utilizamos da maneira mais apropriada. Os termos, ao longo do tempo, ganharam uma espécie de caráter genérico na discussão da terapia ocupacional no Brasil. Diversas produções se utilizam do termo “atividades”, como exemplo, como se referindo a um campo sociocultural.

O termo atividade, no campo da terapia ocupacional, indicaria campos da produção cultural, que compreendem um conjunto de hábitos, técnicas, instrumentos, materiais, formas socialmente estabelecidas de fazer e conhecimentos historicamente constituídos (LIMA, 2019, p. 99).

Os termos e conceitos utilizados na escolha das discussões podem revelar posicionamentos ético-estético políticos nos fazeres e práticas profissionais. Para Lima, as atividades em terapia ocupacional sofreram modificações de sentidos e foram reduzidas dentro do campo de atuação.

De acordo com Lima (2019), as atividades em terapia ocupacional, no Brasil, foram desvalorizadas pelo saber biomédico e pela psiquiatria e passaram a ser “uma estratégia marginal de tratamento”. A cultura como patrimônio da humanidade, pode vir a compor possibilidades de não adoecimentos.

A partir de então, a terapia ocupacional no Brasil, passou a pensar em práticas próprias, novos contornos sobre os trabalhos, fundamentos no pensamento crítico em relação às funções disciplinadoras do trabalho. Sob esta ação, podemos deslocar o entendimento de conceitos sobre a utilização das artes, das culturas, dos corpos, dos coletivos e das ações profissionais, onde o coletivo ganha forças.

Não obstante à discussão sobre a utilização das artes e da cultura, podemos pensar em atuações que valorizem as potências do ser e minimizem a impotência, a incapacidade e a vulnerabilidade (LIMA, 2019).

### **1.1.3 Cultura como campo de atuação profissional (pousando no alvo da área).**

A cultura apresenta-se ainda como um campo com suas premissas políticas, éticas e sociais, como campo de trabalho e tem proposto o terapeuta ocupacional como agente de transformação social.

Ele é também parte da relação entre seus participantes. Torna-se peça necessária para a compreensão e transformação das demandas sociais e culturais, partir de seu compromisso ético político junto às pessoas, grupos e coletivos que sofrem com os processos de exclusão e desigualdades presentes e expressados em suas atividades humanas.

A atividade humana e sua representação e delimitação se dá na correlação intrínseca entre o ser, estar e fazer que se categoriza como

atividade própria, singular, diversa, de sua existência criativa e cultural. Está na atividade humana de sujeitos e coletivos a dimensão do terapeuta ocupacional em seu correspondente compromisso ético político (SILVA *et al.*, 2019, p. 96).

Para Silva (2007), a inserção da terapia ocupacional na cultura traz para o campo da discussão a expressão do fazer, da ação e do sentir humano. Sobre esta dimensão, podemos pensar o papel da terapia ocupacional engajada com o compromisso ético político de suas ações. Ao refletirmos sobre os campos de atuação de terapeutas ocupacionais (e aqui abrangemos toda a área) nos deparamos com a necessidade de tal inflexão: os direitos humanos, a acessibilidade, a redução das desigualdades, o aumento na participação social, a busca pela autonomia e emancipação dos que estão dentro dos diversos territórios onde a terapia ocupacional atua, devem ser pilares da atuação ética e profissional.

É sobre essa esfera que pensamos o campo da cultura como local de experimentações e como campo propriamente em composição tornando a cultura um possível agente de transformação. De acordo com Silva *et al.* (2019), o diálogo entre cultura e terapia ocupacional se faz imprescindível: a cultura se afirma como um campo ampliado e transdisciplinar.

Sobre o qual a terapia ocupacional constrói oportunidades para ampliar as potências das atividades humanas, se reinventado a partir das estratégias de fruição, produção e gestão culturais.

Neste contexto, Silva *et al.* (2019) apontam que práticas terapêuticas ocupacionais que têm a cultura como foco e estão envolvidas com garantia dos direitos culturais e exercício da cidadania, investem em estratégias para efetivar os seguintes objetivos:

- **Fruição cultural:** participar, usufruir, aprender, compartilhar, adquirir, vivenciar expressões artísticas e culturais, conhecer novas linguagens e expressões, consumir bens culturais, participar de circuitos culturais e ampliar repertórios culturais, buscando se apropriar de produções, identidades e símbolos e efetivar a cidadania e acessibilidade cultural;
- **Produção cultural:** acessar e criar espaços, materiais e técnicas a fim de expressar sua intenção com seu próprio corpo (ou não) e efetivar processos criativos e produtivos, gerar produtos materiais, imateriais ou virtuais, fortalecendo as possibilidades de elaboração simbólica, consciente ou inconsciente, e de geração de renda;

- **Gestão cultural:** mapear, planejar, organizar, monitorar, avaliar, sistematizar, gerenciar e gestar carreiras ou projeções/ações culturais, compartilhar e divulgar informações, criar e/ou utilizar planos de comunicação, utilizar estratégias empreendedoras (empreendimentos culturais), seguir diretrizes de economia criativa, buscando qualificar e/ou ofertar produtos, projetos, ações, identidades, bens culturais, gerando renda ou não (SILVA *et al.*, 2019, p. 252-253).

Dentro de um campo multifacetado e interdisciplinar, o universo da terapia ocupacional se apresenta como uma possibilidade de conexão e parceria para a elaboração de propostas que dialogam com o mundo da infância, das artes, da cultura, do corpo e suas diversas formas de se significar e se expressar.

Devemos entender que a terapia ocupacional não é apenas um processo de “tratar doenças”, porque por meio do fazer, ela produz novas pragmáticas, novos corpos, convocando todas as atividades, movimentos e ações corporais como forma de militância criativa que resiste às formas de alisamento do “*socius*”, permitindo que o corpo artifício, o corpo arte, o corpo criação, o corpo sonhador, garantam a intensidade da vida (DE ALMEIDA, 2004, p. 18).

As práticas e atuações profissionais da terapia ocupacional no campo da cultura têm configurado novas tentativas para a busca da efetivação da melhoria das vidas com as quais os profissionais da área trabalham: dialogar sobre as demandas de cada grupo com quem se trabalha e as suas especificidades, faz do universo da terapia ocupacional um amplo leque de possibilidades, que se confluirão de acordo com as necessidades específicas de cada grupo. O olhar para a cultura e suas interfaces se torna uma temática crescente ao longo dos últimos anos.

Buscamos compreender as relações estabelecidas nas práticas e construção de conhecimento da terapia ocupacional e a cultura. Silva *et al.* (2019) apresentam que as práticas terapeutas ocupacionais desenvolvidas junto à Política Nacional Pontos de Cultura, em diferentes propostas, estabeleceram necessariamente o compromisso ético político pela diversidade, pelas práticas coletivas e defesa dos direitos humanos. Por isso, a importância de aprofundar perspectivas e epistemologias mais adequadas para atuações que valorizem as potências humanas.

Comprometidos com a garantia dos direitos humanos e a construção da cidadania plena, a terapia ocupacional no campo da cultura se mostra ativa no que se refere à novas interações sociais de sujeitos em situações de vulnerabilidade e ruptura social (SILVA *et al.*, 2019, p. 258).

Seu papel no campo da cultura estabelece uma relação de articulação entre as dimensões da cultura, o ser humano em sua plenitude, isto é, a partir de suas atividades humanas no individual e no coletivo. Em que uma leitura do micro social para o macrosocial se faz necessária e presente (SILVA *et al.*, 2019, p. 938).

Sabemos que a diversidade de práticas da terapia ocupacional apresenta muitas demandas e desafios a serem respondidos em cada área e campo de atuação profissional, afinal cada pessoa-coletivo-grupo apresentará uma série de problemáticas que demanda a construção de uma linguagem adequada para suas questões, epistemologias que sustentem as práticas adotadas e compromisso ético político que impulsiona as ações terapêuticas ocupacionais.

Reconhece-se que na América Latina há práticas e atuações profissionais que vêm, passo a passo, aumentando o seu diálogo e a sua parceria com o campo da cultura, caracterizando novas possibilidades de trabalho e possibilitando novas formas de conscientização sobre os processos de inclusão e exclusão sociais. É também por meio de atividades culturais que podemos atuar com os mais diversos modos de vidas, cotidianos de sujeitos e grupos coletivos.

A proposta é de que toda e quaisquer transformações sociais passem pelo campo da cultura, caracterizando dessa forma a transformação social por meio da cultura. Dar garantia aos acessos à cultura, respeitar a multiplicidade e a diversidade cultural, dar voz e luz às distintas culturas de um mundo, maximizam as potências humanas, sufocadas pelos modos de produção capitalistas, temáticas que configuram o trabalho da terapia ocupacional:

Sublinhamos, portanto, a importância da terapia ocupacional em compreender e atuar nos processos de desigualdades e de exclusão, que abrangem dimensões plurais e intrínsecas aos processos de vida da maior parte da população, e se estabelecem nas complexidades da vida no cenário neoliberal (SILVA *et al.*, 2019, p. 953).

A cultura é o campo onde as diferenças se desejam como multiplicadoras de um mundo em transformação. As maneiras de se relacionar com o universo, com as comunidades, com os demais seres humanos se transformam para melhor por meio da cultura.

Vimos que o campo da cultura é amplo e pode se encerrar como meio para transformações ou como finalidade: pode ter seu valor intrínseco a si ou extrínseco. A

terapia ocupacional e a cultura parecem interatuar sobre as quatro dimensões apresentadas, caracterizando a sua pluralidade na busca de um mundo mais diverso e equitativo.

Resumidamente, a terapia ocupacional se subdivide em áreas específicas cujas necessidades de cada uma delas, se demonstrará variável. Portanto, para cada caso, existirão metodologias específicas, referenciais teóricos metodológicos próprios, epistemologias e perspectivas peculiares. No campo da cultura, a terapia ocupacional se apropria de diversas fontes para compor tal diálogo e consolidar a sua existência

#### **1.1.4 Os diálogos entre a arte, cultura e terapia ocupacional: a queda-livre, a navegação e o pouso corretos.**

A cultura e as artes têm sido campo de atuação e reflexão para terapia ocupacional desde sua constituição no Brasil (FRANCISCO, 1988; LIMA; PELBART, 2007. Também na interação nos e pelos métodos e propostas de ensino e formação de terapeutas ocupacionais. (CASTRO *et al.*, 2009; SILVA; GREGORUTTI, 2014; FRANCELINO; BREGALDA, 2020).

Por meio da produção da arte, o artista produz reflexões acerca de temáticas do universo, com novas percepções, apontando sobre a potência artística na criação e a produção de afetos e partilhas entre pessoas trazem para a realidade uma pulsão vital, que produz vida (DI PASCUCCHI; PETRECHEN; QUARENTEI, 2011).

Como exemplos, temos a utilização da cultura auxiliando nos espaços escolares. A utilização de práticas artísticas auxiliando na reinserção de sujeitos, a arte como ferramenta de socialização e pertencimento e a cultura como ponte para o acesso de profissionais da saúde e pessoas em estado de vulnerabilidade social nos trazem a dimensão da cultura como ferramenta de interação, intervenção e práticas, quando correlacionadas às práticas terapêuticas ocupacionais como ferramentas, estratégias, construção de linguagens e expressões e/ou participação e inclusão social nos mais diversos campos e coletivos (SILVA *et al.*, 2018).

Impossível não considerarmos a importância das artes e suas expressões em todo movimento de reforma psiquiátrica e de luta antimanicomial, na construção dos cuidados em saúde mental que rompesse com o paradigma psiquiátrico, o modelo hospitalocêntrico medicalizador e as instituições totais (DE ALMEIDA, 1996; SHIMOGUIRI; COSTA-ROSA, 2017). Movimentos que combatiam os controles,

abusos, violações, torturas e mortes, por vezes, empregados com o consentimento do Estado, de profissionais e da sociedade, denominados como métodos e modelos de tratamento para a doença mental (ARBEX, 2013).

Lima (2021) afirma que entre as décadas de 1980 e 1990 representaram um ponto de virada na constituição da terapia ocupacional, as lutas de democratização, por direitos, a produção de teorias e práticas locais e situadas, ampliação dos estudos, produções no campo foram decisivos para ampliação do debate crítico no campo, “articulado à produção de uma cultura de resistência que se fazia na participação em diversos movimentos sociais, no diálogo com a música, o teatro, a literatura e as artes e no estudo de pensadores e pensadoras críticas” (LIMA, 2021, p. 161).

Neste campo, o percurso da terapia ocupacional e sua incursão sobre o universo cultural parte de práticas artísticas, contribuíram para descentralizar o saber-poder médico, deslocar lugar taxativo e definitivo dos diagnósticos, ampliar o conceito de saúde e a abrangência do cuidado de pessoas e coletivos, assim como, adotar compromissos éticos envolvendo práticas comunitárias e territoriais, participação social, cidadania entre outros (CASTRO *et al.*, 2016).

Na perspectiva da terapia ocupacional, o conhecimento dos componentes intrínsecos da atividade artística é essencial quando o terapeuta faz uso deste recurso. (...) A presença destas atividades na organização do cotidiano estimula o organismo e atuam como catalisadores dos processos de restabelecimento e melhora da saúde dos indivíduos e, um novo potencial de vida é ativado, novos projetos surgem. As atividades artísticas auxiliam na recomposição de universos de subjetivação e de re-singularização das atividades das pessoas, constituem-se de linguagens que permitem o compartilhar de experiências, o entendimento de concepções de mundos; e, com isso, auxiliam na compreensão de padrões de vivências que precisam ser completadas e integradas plenamente na experiência de vida dos sujeitos. São enriquecedoras das experiências de vida e instrumentos para a comunicação entre as pessoas (CASTRO; SILVA 2002, p. 5).

Desta forma, foi possível produzir mutações em relação às compreensões também sobre o sensível, a obra, as criações produzidas na fronteira com o campo clínico, produzindo um deslocamento nas relações entre arte, loucura e clínica no contemporâneo. “Como se, de alguma forma, cada um desses campos, como blocos monolíticos e isolados do conjunto das práticas sociais, houvessem sido implodidos e passassem a se cruzar em múltiplas conexões, em outros tantos territórios” (LIMA; SILVEIRA 2009, p. 328).

Temos que experiências envolvendo arte, cultura, território e terapia ocupacional, tal como desenvolvidas por Castro *et al.* (2016), podem ser consideradas como tecnologias socioculturais capazes de ampliar o acesso da população atendida às experiências artísticas e culturais do território, contribuir para a construção de políticas da vida, dinamizando formas de participação, convivência e produção de subjetividade.

Diante da ampliação da participação de terapeutas ocupacionais em dispositivos desenvolvidos na interface entre as práticas sociais, de saúde e de cultura, torna-se cada vez mais importante tecer reflexões que discutam problemáticas relativas às estratégias de participação social e cultural de pessoas que, por múltiplas questões, vivem situações de vulnerabilidades (CASTRO *et al.*, 2016, p. 838).

Para Silva (2007) as atividades culturais podem promover a aprendizagem de habilidades compartilhadas: os espaços coletivos são dinâmicos e criam novas fronteiras de memória, afeto e pertencimento.

Espaços constituídos por um agrupamento social nos quais são estabelecidas propostas relacionadas ao fazer, à ação humana, que promovem a aprendizagem compartilhada. Ressalta-se o caráter ativo do sujeito nesse processo assim como o caráter dinâmico dessas experiências relacionais: entre participantes, espaço, materiais, memória, sensações (SILVA, 2007, p. 213).

Em sua tese de doutoramento Siegmann (2018) situa-se no ponto de articulação entre a terapia ocupacional, as artes e a filosofia da diferença e busca esboçar pistas ou passagens de uma prática que busca potencializar a dimensão criativa e expressiva da vida, seguindo outros caminhos que não os da representação e da normatização dos corpos. Processo que compõe uma imagem da terapia ocupacional que se quer inventiva e que se faz transversalizada pelas atividades expressivas, artísticas e culturais.

Siegmann (2011) aponta para um modo de pensar a terapia ocupacional com um território de ação aberto ao novo, e um olhar sensível às diferenças e aos afetos, que afirma a criatividade como parte constitutiva do seu fazer profissional, numa poética que integra o potencial inventivo e a própria vida.

Quando no campo da terapia ocupacional acompanhamos as propostas em arte, identificamos aí um lugar de múltiplos

acontecimentos, de aproximação dos sujeitos e também de participação coletiva. São experiências que favorecem o trânsito de muitos atores num território no qual, muitas vezes, as pessoas atendidas possuem raras possibilidades de participação, dificuldades no acesso ao conhecimento artístico, pouca circulação sociocultural (CASTRO; SILVA, 2007, p. 103).

Considerando os múltiplos acontecimentos, a criatividade e as expressões artísticas como parte desse vínculo criado diante de um cenário de múltiplas identidades individuais, todos somados pelas suas potências, temos a construção de uma identidade mais robusta e socialmente mais completa: a coletiva. Os processos se desenham diferente quando a relação com o outro se apresenta menos individualista. A identidade cultural se desenvolve por meio dos processos de apropriação dos elementos culturais e das vivenciais dentro do universo cultural. Em larga escala, podemos pensar que o contato com os universos das artes e das múltiplas formas de se relacionar com a cultura, cria novas relações para além dos sujeitos que o fazem: não se trata apenas de uma mudança nos cotidianos das pessoas que estão diretamente imersas nos campos da cultura: a transformação se irradia para toda a sociedade, influenciando a vida dos que circundam os coletivos de cultura: as comunidades, as famílias, os núcleos sobre os quais as ações culturais se estabelecem; tudo se transfigura paulatina e gradualmente.

Sabemos hoje que as identidades culturais não são regidas nem, muito menos imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes dos processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano, país europeu, escondem negociação de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidade em constante processo de transformação (SANTOS, 1993, p. 11).

Por meio das artes e das criações, o coletivo se torna um caminho distante da competição, como exemplo. A substituição de paradigmas, que outrora compuseram a sociedade, nos traz novos horizontes (SANTOS, 1993).

Ressalta-se a importância do processo de desinstitucionalização que também possibilitou o desenvolvimento de uma nova prática terapêutica ocupacional, cujas características principais foram marcadas pelo princípio de responsabilidade territorial na assistência (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002) e gerou uma série de ampliações e mudanças deste fazer-pensar.

A partir destes deslocamentos, a terapia ocupacional brasileira ganha novos contornos com a proposição da terapia ocupacional social, ao refletirem o social como campo de intervenção terapêutico ocupacionais interessados nos processos de exclusões, que dialogassem com outros campos para além da saúde, corroborando com ações territoriais, comunitárias, com pessoas e populações diversas (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002)

Neste campo, as estratégias e os recursos adotados para promoverem a inserção, a inclusão e a participação dos diferentes grupos em processos de ruptura das redes sociais de suporte, “as atividades (artesanal, artística, cultural, geradora de renda) se tornam o eixo organizador da intervenção” (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002, p. 101).

Assim, podemos afirmar que no Brasil, a parceria da cultura com a terapia ocupacional ganhou diferentes espaços de atuação e de reflexão. Pesquisas, estudos e práticas envolvendo artes, culturas e outras interfaces com grupos diversos desenvolveram um campo fértil para a terapia ocupacional.

Os espaços e territórios podem simbolizar mais possibilidades de acesso: museus, locais culturais como teatros, cinemas, shows, eventos em praça pública elaboram a possibilidade de acessos. Os eventos abertos ao público e gratuitos ampliam a acessibilidade. A manutenção e a preservação desses espaços são necessárias para a garantia do acesso.

A integração com a comunidade é exemplo de acessibilidade: promover espaços e acessos para a população é permitir que elas vivenciem experiências e tomem contato com possíveis situações diferentes daquele cotidiano que a cerca.

Takeiti *et al.* (2019) demonstram novas maneiras de se olhar para a juventude periférica a partir das expressões artísticas e cultura. Não a partir da condição da pobreza ou da desigualdade, mas a partir do lugar das potências como elaboradores de culturas e criadores de atividades que potencializem as qualidades dessa juventude.

De acordo com Almeida Prado *et al.* (2020), as ações que envolvam arte e elementos culturais podem ser uma fonte de renda alternativa, auxiliando na diminuição do desemprego entre os jovens e as desigualdades do sistema neoliberal, promovendo artistas e produtores de cultura e gerando novas relações com o trabalho, como forma de também de engajamento e posicionamento social.

Silva e Teixeira (2021), a partir do trabalho com juventude do movimento *hip hop*, apontam as dificuldades do trabalho na cultura na relação ao poder público, falta de financiamento, recursos e espaços para ensaios e convivência, a desvalorização da arte de rua também pelo mercado e a deturpação dos valores. Ao mesmo tempo os jovens artistas enfrentam essas dificuldades por meio da organização coletiva, da divulgação e fomento da arte e da criação de espaços para diálogo e reconhecimento social, afinal, há potência do *hip-hop* enquanto expressão artística, militância e transformação social.

Na interface entre terapia ocupacional, cultura e a educação, Lavacca (2018) apresenta uma pesquisa que considera o núcleo das artes, como as expressões corporais, musicais, a dança e o teatro, como ferramentas possíveis para a criação de espaços onde jovens e adolescentes possam criar e recriar identidades coletivas e significados aos seus contextos e cotidianos, em espaços interventivos onde haja diálogo, afeto e liberdade.

A arte pode aparecer como mediadora das atividades educativas e através dela é possível conhecer-se e conhecer o outro, entrar em contato consigo e com o próximo. “Sendo assim, fazer uso da arte na escola pública, sob essas prerrogativas, é imprescindível para que se facilite a construção de um pensamento crítico sobre a própria realidade dos adolescentes e jovens e sobre o contexto social em que vivem” (LAVACCA, 2018, p. 161).

Diante das múltiplas possibilidades de atuação, temos no papel do terapeuta ocupacional a figura daquele que auxilia nos processos de ampliação dos próprios cuidados em saúde, nos processos de reabilitações, prevenção e promoção de saúde. A arte, por sua vez, aparece como estratégia para as práticas, também nos hospitais, clínicas e serviços de saúde em geral. Considerando inclusive a saúde como instrumentos de diagnóstico e tratamento e seus efeitos terapêuticos (NALASCO; MARTINS, 2007).

O fazer artístico poderá estimular diversas funções e habilidades integrando os sistemas: sensorial, motor, emocional e cognitivo. Através da ampliação da percepção, exteriorização de sentimentos, despertando a motivação e resgatando a autoestima o que provoca mais capacidade do paciente ser criativo e expressivo (NALASCO; MARTINS, 2007, p. 26).

Lima e Silveira (2009) nos apresenta propostas para um envelhecimento com qualidade, a partir da produção artística (pinturas realizadas pelos idosos em ateliês), nas interfaces da terapia ocupacional, arte e gerontologia.

O trabalho, desenvolvido por Leite *et al.* (2013), relata a inserção da terapia ocupacional no contexto da assistência em saúde ao sujeito infectado pelo vírus HIV (*Human Immunodeficiency Virus*) por meio da apropriação dos recursos da arte, a fim de compreender de que forma as atividades expressivas afetam o cotidiano desses sujeitos possibilitando descobertas que proporcionaram a apropriação de si e do sentimento de bem-estar.

Muitas outras práticas poderiam ser citadas, o fato é que temos maior valorização, pesquisas e práticas que afirmam os efeitos das artes na saúde e no bem-estar. O Relatório “*What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review*” publicado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) sintetiza as evidências globais sobre o papel das artes na melhoria da saúde, com foco específico na Região Europeia com mais de 3.000 estudos na prevenção, promoção e gestão em saúde. O que demonstra ampliação da relação arte em diferentes campos e setores da saúde (FANCOURT; FINN, 2019).

Outra temática-conceito importante para o debate é o trabalho com o corpo, na relação com as artes e a cultura. Afinal, temos uma série de experiências que valorizam a atuação corporal de forma a promover espaços híbridos entre cuidado, arte e corpo.

Ao hibridizar a arte e terapia ocupacional, entende-se que a criação de espaços poéticos de arte, com potencial de abertura à sensibilidade, à percepção e à imaginação, estimula a afetação de um corpo nos encontros com outros corpos e, a partir dessa aproximação, cria novos corpos e novas formas de viver, revitalizando um estado permanente de arte (ELMESCANY *et al.*, 2018, p. 153).

Para Gonçalves, Costa e Takeiti (2017) o trabalho com o corpo, traz novas metodologias e recursos possíveis para se criarem diretrizes novas que possibilitarão outras interações nos trabalhos com a clínica.

Almeida (2011) discute a interligação do corpo com a criação e adota os conceitos corpo-arte representa a possibilidade de organizar novos corpos, um corpo territorializados que guardam potências para uma nova passagem e formar uma obra

e o corpo-artesanal que consiste na capacidade de modelar, criar e produzir um corpo, produto de um processo de insistência, pela repetição do fazer cotidiano.

Liberman e Maximino (2016) as práticas que oferecem a experiência e a experimentação estética cultural podem criar ambientes confiáveis entre as pessoas, que desenvolvam afeto e pertença.

Logo, a arte e a cultura aparecem de mãos dadas entre terapeutas ocupacionais como ferramentas de trabalho, estratégias de atuação e intervenção. “O contato com a arte e com as expressões artísticas pode alavancar e dar novos sentidos aos processos de subjetivação” (LAVACCA, 2018, p. 51).

Os elementos da cultura compõem uma gama de possibilidades de novos horizontes no trabalho do terapeuta ocupacional dentro dos núcleos: clínicas, escolas, comunidades, diversos territórios. A cultura atravessa e perpassa os mais diversos ambientes.

As relações que os indivíduos estabelecem com o espaço vão demarcando seus lugares e suas culturas. O espaço é demarcado, apropriado, institucionalizado, qualificado, sinalizado. Referindo-se que o território é a ocupação do lugar do espaço, que este, trata-se da delimitação de fronteiras, dos lugares, das regiões, das nações, confrontando-se as culturas, onde jovens sintetizam como um processo de retomada do processo de reelaboração de sua identidade (DA COSTA; SOUZA; CARDEL, 2010, p. 4).

Assim sendo, a utilização das artes, como exemplo, também é chave de acesso à garantia dos direitos humanos, às melhores condições de vida e existência e aos novos meios de interação social na vida de pessoas ou grupos que estão, por um motivo ou outro, com seus direitos de dignidade em ruptura.

Entender a cultura como um direito significa aceitar que o outro não se revela em traços culturais ou étnicos pré-estabelecidos a serem (exaltados ou recusados) e a cultura, como processo de produção, circulação e consumo da significação da vida social (CANCLINI, 2003, p. 57).

As atividades culturais podem expressar demandas dos sujeitos com quem elas trabalham: sentimentos, expressões de um ser, desejos e angústias se expressam constantemente por meio da cultura e das artes, sejam pela pintura, pela poesia, pela música, pela dança, pelo teatro: promover a cultura é dar voz aos sentimentos mais calados dos sujeitos sociais. Para Barros *et al.* (2013, p. 592) “A atividade nos desafia

a potencializar a criação expressa na liberdade e na experiência partilhada em relações de troca de sentidos e possibilidades de ser no mundo”.

A arte, a terapia ocupacional e a cultura podem também serem vistas e trabalhadas como um elo, uma conexão, uma rede de suporte sobre a qual se constroem relações humanas e de afeto, como exemplos. As compreensões acerca do que é o universo da terapia ocupacional e suas funções vêm se transformando ao longo dos últimos anos.

Produzir cultura é produzir vidas cotidianas mais leves e amplas: há o fortalecimento das relações humanas. Elos e pontes são criados em um vasto campo de expressividade, sensibilidade e nuances. O desenvolvimento do sensível para o mundo se torna papel ético político do fazer e da relação terapia ocupacional/cultura/arte.

Humanizar pela arte é proporcionar um ambiente de trocas e relações humanas mais respeitadas. As práticas se tornam atos e ações de humanização dos sujeitos, de desenvolvimentos do ser sensível. A criatividade e a expressividade podem simbolizar uma fonte de tais desenvolvimentos para e pela vida.

Essa potência criativa é como uma força de expansão da vida, uma aptidão do corpo e da mente para a pluralidade simultânea, uma capacidade para conceber inúmeras ideias e desejar simultaneamente tudo que aumente sua capacidade de pensar, potencializando, concomitantemente, seu modo de existir (STUBS; FILHO, 2013, p. 6).

Considerando todo processo dialógico presente neste fazer, assim como, o intuito de promover atos de humanização nas relações de trocas e experiências dos processos educativos vividos, na direção da conscientização coletiva, da criticidade para a construção de sociedades democráticas (FREIRE, 2000).

O sentido e os significados dos sujeitos coletivos, dos grupos, do “estar junto”, se transfigura ao passo em que as artes se correlacionam com o novo, com novas maneiras de se estar no mundo. Terapia ocupacional, arte e cultura possibilitando experimentações, produções e expressões, acolhimento, respeito, cuidado e compartilhamento, produzindo outras formas de estar junto e criar.

A relação com o outro transforma diversas esferas da vida humana: os sujeitos da ação, a sociedade e os arredores desse mundo onde há a troca. Para Paulo Freire (2010), a humanização acontece diante das trocas e das interações sociais. A criação de um universo de sentidos sobre a vida pautada nas relações de trocas coletivas,

abre margem para a solidificação de espaços onde sejam promovidas atividades engrandecedoras e capazes de transformar as realidades cotidianas, de fato. O trabalho com a cultura transfigura as dimensões simbólicas, cidadãs e sociais dos seres humanos.

A noção de atividade em terapia ocupacional, no contexto das novas práticas, também é ressignificada, se inscrevendo nas relações entre as pessoas e os contextos, na produção de possibilidades materiais, subjetivas, sociais e culturais que viabilizem a convivência com as diferenças (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002).

As diferentes linguagens conferidas pela atividade artística também são apontadas como viabilizadoras do tratamento, ao permitirem a expressão, a comunicação e o desenvolvimento da criatividade, além da inserção sociocultural (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2005; CASTRO; SILVA 2002; LOPES; LEÃO, 2002).

A partir dessas questões e do constante crescimento das produções envolvendo terapia ocupacional e cultura, levantamos algumas hipóteses para a realização desta pesquisa, bem como alguns objetivos gerais e específicos, que almejam contribuir para a manutenção de tais diálogos e para a afirmação deste campo como campo de atuação possível para o trabalho dos (as) terapeutas ocupacionais.

**PARTE 2: HIPÓTESES, OBJETIVOS, PROCEDIMENTOS E PERCURSOS  
METODOLÓGICOS: PREPARANDO A NAVEGAÇÃO**



Fonte: Imagem retirada da internet

## 2.1 HIPÓTESE

A cultura é um campo específico para a terapia ocupacional expressadas sob diversas dimensões do fazer prático, sob diversas interfaces.

## 2.2 OBJETIVOS

### 2.2.1 Objetivo Geral

Identificar e analisar, a partir da atuação de terapeutas ocupacionais, como a cultura se constitui como campo teórico-prático na e para a terapia ocupacional, considerando suas possibilidades de atuação da terapia ocupacional no campo, assim como, suas interfaces.

### 2.2.2 Objetivos Específicos

- Mapear e analisar saberes e práticas de terapeutas ocupacionais que contribuem para as reflexões e possibilidade do campo da terapia ocupacional e cultura.
- Compreender como grupos, laboratórios e profissionais da área se relacionam com a cultura em seus trabalhos;
- Contribuir com o debate sobre políticas culturais, práticas culturais em T.O.; cultura como campo de atuação profissional para a T.O..

## 2.3 PROCEDIMENTOS E PERCURSOS METODOLÓGICOS: O MOMENTO EM QUE ME POSICIONO FRENTE À PORTA ABERTA DO AVIÃO

Essa pesquisa de doutorado trata-se de uma pesquisa qualitativa com enfoque para a relação entre 'terapia ocupacional' e 'cultura' e para tanto foram realizadas entrevistas com profissionais do campo, cujas nas análises assumimos a responsabilidade do pesquisador e não sua neutralidade: a visão, o modo como são analisados os dados influencia criticamente à luz da relação pesquisador/pesquisado e teorias adotadas no processo que é também político-ético-social. Assim, corroboramos com Gunther (2006), quando afirma que a pesquisa qualitativa

considera os atributos de teorias e condutas de pesquisa no prisma de visão do pesquisador.

### **2.3.1 Trabalho de campo: aproximação com profissionais**

Na primeira fase desta etapa, para ampliarmos o escopo de visão sobre a temática, decidimos partir para a análise dos grupos existentes no Brasil cuja temática se baseie centralmente pela terapia ocupacional no campo da cultura ou, que ao menos, tenham alguma interface com tais campos de atuação e produção.

### **2.3.2 Os grupos de pesquisa e outros coletivos**

Foram mapeados os 62 Grupos de Pesquisa por meio da plataforma digital dos Diretórios dos Grupos de Pesquisa do Brasil (<https://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do campo da terapia ocupacional, nas mais diversas áreas de atuação, considerando também a quantidade de linhas de pesquisa, de pesquisadores pertencentes ao grupo e quantidade de estudantes em cada grupo.

Desse total, elegemos 12 grupos de pesquisa que apareceram com possíveis debates e interfaces com o campo da cultura. E assim, selecionamos e mapeamos por meio de plataformas digitais, sites de universidades, grupos e laboratórios de pesquisa que trabalham como terapia ocupacional no Brasil. Tabulamos os grupos encontramos, seu ano de fundação, suas interfaces, seus membros representantes e seus contatos em uma planilha no Excel®. Foram 14 entrevistadas. Uma das entrevistas (laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional- AHTO) contou com duas participantes do mesmo laboratório, que fizeram suas narrativas em uma entrevista coletiva.

Deste mesmo laboratório, entrevistamos uma terceira participante, cuja perspectiva estava mais relacionada com as temáticas da corporeidade e dos direitos. Totalizando assim, 14 entrevistas (12 laboratórios e 14 participantes).

Os critérios de elegibilidade se deram a partir da pesquisa dos nomes dos laboratórios e projetos em terapia ocupacional registrados nos Diretórios dos Grupos de Pesquisa do Brasil (<https://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para a escolha dos laboratórios/

grupos participantes necessariamente deveríamos encontrar a palavra “cultura” em suas descrições iniciais.

Após elegermos os grupos de pesquisa, enviamos o convite para os membros responsáveis por cada um dos coletivos. Os contatos das participantes também foram encontrados a partir dos diretórios.

Entrevistamos as participantes que se identificaram com a proposta de tal tese e, assim, agendamos os encontros síncronos.

Organizamos os dados a partir da análise das transcrições das entrevistas. A ideia da curadoria se deu pelas diferentes concepções acerca do conceito de cultura e terapia ocupacional que foram apresentadas pelas terapeutas ocupacionais participantes.

Convidamos representantes membros dos seguintes grupos:

**1. Arvorecer - Saúde mental de crianças, adolescentes e jovens: cotidiano, autonomia e participação sociocultural sob a perspectiva da atenção psicossocial e da terapia ocupacional – Universidade Federal de São Carlos**

A proposta do presente Grupo de Pesquisa é um desdobramento das atividades de ensino, pesquisa e extensão no campo da saúde mental de crianças e adolescentes que vem sendo desenvolvidas desde o final dos anos 1990 por docentes do Laboratório da Terapia Ocupacional e Saúde Mental do DTO/UFSCar (LaFollia) e que se intensificaram a partir de 2009 com a criação do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar (PPGTO/UFSCar), a partir do qual foi possível ampliar a realização de pesquisas e produções acadêmicas mais robustas e firmar parcerias com docentes e pesquisadoras/es de outras universidades do país. Dessa forma, acredita-se que a formalização do grupo de pesquisa junto ao CNPq poderá contribuir para a consolidação das ações de pesquisa realizadas pela equipe proponente no campo da saúde mental de crianças e adolescentes e para o fomento de um espaço mais organizado e continente para as possíveis ramificações advindas do processo de construção do conhecimento neste campo.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Tal como apresentado no texto resumo do Grupo de Pesquisa junto ao CNPq, a proposta é derivada do grupo inicialmente mapeado pela pesquisa, do qual uma pesquisadora foi participante. Contudo, a partir de sua criação em 2022, atualizamos os dados, já que este novo grupo de pesquisa apresenta de forma ainda mais presente o tema da cultura, incluído no próprio título (Informações retiradas: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0853500340641887](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0853500340641887))

## **2. Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO) - Universidade Federal de São Carlos;**

O AHTO é um Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq que possui mais de quinze pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior no Brasil. As atividades humanas e suas concepções na terapia ocupacional ocupam papel central e norteador da ação profissional. A importância das construções, sistematizações e interpretações acerca destes saberes articulam-se à utilização, compreensão e avaliação de suas potencialidades nas inúmeras e distintas intervenções e vivências advindas do nosso campo. A produção de saberes e a constituição do grupo de pesquisa interinstitucional buscam o fomento da pesquisa e do desenvolvimento científico no estudo das atividades humanas. Assim, a proposta envolve o tema desde sua perspectiva histórica, sua utilização prática até o ensino e a formação de terapeutas ocupacionais e busca tratar a temática em perspectivas multiloculares, transdisciplinares com distintos enfoques, dada sua complexidade e a pluralidade da atuação profissional. <sup>6</sup>

## **3. Envelhecimento humano: saúde, cultura e sociedade - Universidade Federal do Rio de Janeiro**

O grupo é formado por pesquisadores que se dedicam às questões relacionadas ao envelhecimento em suas interfaces com as ciências da saúde, ciências humanas e sociais. O objetivo do grupo é desenvolver estudos científicos com foco na saúde, educação, cultura, inserção socio comunitária e relacionamento intergeracional das pessoas idosas.<sup>7</sup>

## **4. Infância, Educação e Saúde - Universidade Federal de São Paulo**

O Grupo de Pesquisa, alocado no Laboratório de Educação e Desenvolvimento Humano (UNIFESP), reúne alunos de graduação e pós-graduação e pesquisadores colaboradores para desenvolver estudos e pesquisas na área da infância, integrando

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://www.dto.ufscar.br/pesquisa/laboratorios/laboratorio-atividades-humanas-e-terapia-ocupacional-ahto>

<sup>7</sup> Fonte: <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/pt/pesquisa/grupos-de-pesquisa/envelhecimento-humano/>

ensino-pesquisa-extensão, além da oferta de disciplinas em nível de graduação e pós-graduação. Os projetos de pesquisa desenvolvidos estão voltados para os seguintes temas: a) saúde mental infantil; b) desenvolvimento típico e atípico; c) processos de intervenção precoce na abordagem centrada na família; d) formação de profissionais envolvidos na atenção à infância (educadores, profissionais de saúde e assistência social); e) processos de inclusão escolar; f) ludicidade e educação.<sup>8</sup>

## **5. Lab-Işé – Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Trata-se do primeiro Laboratório do Departamento de Terapia Ocupacional e da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro que se dedica, especificamente, aos estudos relacionados às atividades nas perspectivas africanas e/ou afro-brasileiras e tem buscado garantir não só a ampliação do repertório das atividades, de forma qualitativa e quantitativa, dentro de uma visão direcionada à cultura africana, denominada no Lab-Işé como afro referenciada, mas também no exercício de anulação do embranquecimento dessas atividades, portanto, dos processos de embranquecimento da população negra. Isto porque, ao entender que as atividades são produtoras de subjetividades, que expressam uma marcação cultural, faz-se urgente que terapeutas ocupacionais ampliem suas percepções e entendam a urgência de ações que portem a pluralidade cultural e existencial inerente a população negra (CABRAL *et al.*, 2020, p. 735).

## **6. Laboratório de Estudo e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional (PACTO) - Universidade de São Paulo- SP**

Criado em 1996, congrega docentes, estudantes, terapeutas ocupacionais, artistas e outros profissionais que desenvolvem atividades de pesquisa, extensão à comunidade e formação no campo de interface das artes, corpo, saúde e cultura. Suas principais ações são interdisciplinares e se dão: no âmbito de projetos coletivos para populações em situação de vulnerabilidade sociocultural através de parcerias com iniciativas autônomas, equipamentos e serviços públicos de saúde e cultura; nas disciplinas na graduação e na pós-graduação lato e estrito senso; e no

---

<sup>8</sup> Fonte: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8861360415380265](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8861360415380265).

desenvolvimento de pesquisas transdisciplinares que tenham por foco a produção de cultura e subjetividade com investimento na instrumentalização crítica em relação às padronizações na cultura, na educação e na saúde.<sup>9</sup>

## **7. Políticas, ações sociais, cultura e reabilitação - Universidade de São Paulo- SP**

O grupo pretende: 1. Produzir conhecimentos para ampliar a compreensão de problemas que afetam a vida cotidiana e a participação social de pessoas com deficiência, com sofrimento psíquico e em situação de vulnerabilidade e risco social. 2. Contribuir para formular, avaliar e executar políticas públicas e seus serviços, em particular em saúde e assistência social para grupos em situação de vulnerabilidade e risco social. 3. Favorecer o acesso a direitos de pessoas em situação de desvantagem social. 4. Elaborar projetos e ações em saúde e assistência social junto à população em situação de vulnerabilidade e risco social e em processo de ruptura de redes sociais de suporte. 5. Propor tecnologias no campo da terapia ocupacional. 6. Estabelecer parcerias com serviços públicos e organizações sem fins lucrativos de defesa de direitos de populações em situação de vulnerabilidade e risco social. 7. Capacitar recursos humanos para atuar junto a grupos em situação de vulnerabilidade e risco.<sup>10</sup>

## **8. Práticas clínicas em terapia ocupacional (PRACTO) - Universidade do Estado do Pará**

Conduzir pesquisas sobre práticas clínicas em terapia ocupacional transversalizada pelas contribuições dos estudos acerca da subjetividade, fenomenologia e ciência da ocupação. Propomos contribuir para reflexões sobre a clínica da terapia ocupacional contemporânea enquanto clínica ampliada que busca a centralidade das diversas dimensões dos indivíduos em seus contextos.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Fonte: <https://sites.usp.br/mestrado-profissional-terapiaocupacional/pacto/>

<sup>10</sup> Fonte: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4035638918881622>

<sup>11</sup> Fonte: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4480913881494571>

## **9. Terapia Ocupacional e Cultura - Universidade Federal do Rio de Janeiro**

O Grupo de Pesquisa Terapia Ocupacional e Cultura, através de múltiplos aportes teórico-metodológicos, dedica-se a investigar o papel da cultura na sociedade contemporânea a partir das convergências entre cultura, políticas públicas e direitos humanos; cultura, identidade e território; transversalidade da cultura; e cultura, economia e indústria criativa. Os enfoques do grupo de pesquisa têm como finalidade a reflexão, a crítica e a elaboração de propostas que pensem entre outros, cultura popular, culturas urbanas e estéticas, práticas e ações culturais e processos de sociabilidade, acessibilidade, mediação e democratização cultural, cidadania e protagonismo cultural.<sup>12</sup>

## **10. Terapia Ocupacional e Saúde na Amazônia - Universidade do Estado do Pará**

O Grupo de Pesquisa Terapia Ocupacional e Saúde na Amazônia tem por objetivo investigar os pressupostos teórico-práticos da intervenção de terapia ocupacional na promoção à saúde, na prevenção, tratamento e reabilitação dos agravos à saúde da população da região amazônica, pesquisando novos recursos e estratégias de intervenção no campo da terapia ocupacional.<sup>13</sup>

## **11. Espaço corpo: Núcleo Transdisciplinar de estudos em dança e terapia ocupacional - Universidade Federal de Santa Maria**

Linhas de pesquisa: 1) Afroperspectivas; corpar; criar; resistir; 2) Políticas da vida-arte: corpar, afirmar, criar.<sup>14</sup>

O núcleo busca realizar um trabalho delicado e artesanal de encontrar as pessoas, escutá-las, dispor de tempo para ler e escrever junto, para compartilhar comidas, cafés e chás, e desejos. Tece assim, presencialmente e nas redes sociais, espaços de trocas de materiais teóricos, de imagens, de ações; partilhas de palestras vistas e/ou

<sup>12</sup> Fonte: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1636495887602458](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1636495887602458)

<sup>13</sup> Fonte: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3671469603895711](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3671469603895711)

<sup>14</sup> Não há o resumo do grupo no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

ouvidas em congressos e seminários onde só alguns conseguem ir, de divulgação de produções artísticas variadas. Ao longo do tempo, aprendemos a exercitar um revirar aquilo que oprime o trabalho do pensamento e das ações na clínica e na arte, em potência. Nesse sentido, o grupo de pesquisa articula-se à equipe da extensão e do ensino, e a cada ação uma composição de integrantes se faz e é mobilizada pelo desejo de compor (ANGELI, 2021, p. 2).

## **12. Programa ProCult Diversidade e Cidadania - Universidade Federal do Triângulo Mineiro <sup>15</sup>**

Segundo as coordenadoras o ProCult nasce como proposta ético-estético-política de pensar, experimentar e criar voltada para produção de vida e transformação social. A partir da consciência de indissociabilidade entre processos micro e macropolíticos e do investimento em caminhos que levam ao acolhimento e afirmação dos fluxos de intensidades e desejo. Pela produção desejante, estar/criar máquinas revolucionárias (CARDOSO *et al.*, 2019).

### **2.3.3 Dos roteiros de entrevista: caminhos percorridos**

Esta fase consistiu na elaboração do roteiro de entrevista semiestruturada, produzido exclusivamente para os fins desta pesquisa para orientar os encontros realizados com as profissionais convidadas.

De acordo com por Belei (2008), a entrevista semiestruturada é guiada por um roteiro preestabelecido antes do início da conversa, mas que ao longo da ação vai se delineando e perpassando por outros pontos que favoreçam a compreensão do entrevistador frente ao entrevistado. Tal formato “permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado” (BELEI *et al.*, 2008, p. 189).

A elaboração do roteiro inicial se deu se ancorando nos seguintes pontos:

1) Elencando primariamente, os temas e assuntos que mais apareciam nas produções textuais, como por exemplos: artes, cultura e cotidiano, exposição, fazeres humanos, saraus, música, poesia, dentre outros; escolha das ideias, temas e assuntos principais presentes nas produções.

---

<sup>15</sup> Não se trata de Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq

2) Conhecimento, para além das produções acadêmicas de cada autor, de sua trajetória profissional por meio de acesso ao currículo Lattes e, porventura, vídeos e gravações de narrativas em aulas, palestras e congressos.

3) Perguntas que correlacionam as trajetórias com as produções em terapia ocupacional e cultura. Você enxerga uma relação direta do seu trabalho em terapia ocupacional com o campo da cultura? A relação com a cultura, para você, afeta, transfigura transforma? Se sim, de que forma isso se dá?

4) Perguntas relacionadas ao nível de presença do campo da cultura nos trabalhos dos entrevistados.

5) Perguntados relacionadas ao nível de importância dada pelos entrevistados às áreas da terapia ocupacional e da cultura

6) Perguntas relacionadas ao tratamento da identidade dos participantes, tais quais: Como devemos chamá-lo durante a pesquisa, quais as iniciais que gostaria de ter no momento da aparição das narrativas transcritas.

7) Como os autores enxergam a presença da cultura em seus trabalhos e na vida cotidiano das pessoas.

8) Perguntas relacionadas com a perspectiva da cultura na transformação social dos seres humanos.

Esse roteiro foi revisado por três experts da área, escolhidas pela notória trajetória nos campos da terapia ocupacional e da cultural. A função dessas profissionais foi analisar, sugerir ou acrescentar perguntas e questionamentos ao roteiro da entrevista com o intuito de qualificar as questões. Após duas semanas de trocas entre os experts e nós produzimos as devidas correções e incorporamos as sugestões para o fechamento do instrumento obtivemos a versão final do roteiro de entrevista.<sup>16</sup>

Assim, após todo trabalho de revisão chegamos na versão final: um conjunto de 12 perguntas, sendo que as perguntas foram subdivididas em três ou quatro partes, com o intuito de focar em cada ponto principal de cada questão. Esta estratégia também foi tomada, a fim de promover pausas nas narrativas das entrevistadas, para que as informações fossem coletadas de maneira mais concreta e significativa.

---

<sup>16</sup> O roteiro final se encontra nos anexos deste texto. (Na íntegra).

Buscando, ainda, caminhar em consonância com a parceria entre entrevistadas, cujas contribuições também comporão parte dos resultados, elaboramos um espaço (dentro do roteiro de entrevista) onde as autoras puderam discorrer livremente sobre questões que, porventura, não tenham sido abordadas.

O método de coleta de dados por meio das entrevistas é estratégia fundamental da investigação qualitativa (GODOY, 1995). Os roteiros de entrevistas foram desenvolvidos tal como posto por Belei (2008): a entrevista semiestruturada guiada por um roteiro preestabelecido antes do início da conversa, mas que ao longo da ação vai se delineando e perpassando por outros pontos que favoreçam a compreensão do entrevistador frente ao entrevistado. Tal formato “permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado” (BELEI *et al.*, 2008, p. 189).

Ressaltamos a importância da narrativa das participantes de forma que as questões do roteiro de entrevista atuaram como disparadoras, convidativas e contribuir para o direcionamento de temáticas tais como: apresentação da trajetória pessoal, relatos de práticas, aporte teórico metodológico e outras compreensões sobre a interface da terapia ocupacional e a cultura.

A oralidade pode se demonstrar uma ferramenta interessante por manter a fidedignidade das informações e dar mais credibilidade aos dados construídos para a pesquisa. Ao trabalhar com as testemunhas orais através de entrevistas, vídeos, o historiador produz uma fonte que o possibilita a construção da história elegida por ele. Confrontando ou não com outras fontes comumente utilizadas na historiografia há uma ampliação não só da fonte, mas da visão que se tem de fonte (ROSA, 2006, p. 5).

As narrativas são importantes por reconstituírem memórias de experiências, situações e dão acesso às informações importantes. A informalidade da conversa, deixe o entrevistado mais à vontade, podendo assim, haver maior qualidade nas informações oferecidas ao pesquisador. De acordo com Hanke (2003), as narrativas orais possuem funções argumentativas:

A narrativa como ação (linguística) também desempenha uma função em relação à essa intenção. Assim, aplicando uma abordagem mais abrangente da argumentação, cada contribuição para um discurso ou fala está numa relação argumentativa (...) (HANKE, 2003, p. 121).

O fato de entrevistarmos representantes de grupos de pesquisa e outros coletivos, supunha análises entre narrativas e produções no campo. Tais produções serão evidenciadas no momento que trouxermos as narrativas.

#### **2.3.4 Do convite às entrevistadas**

Iniciamos o processo de convite das participantes para a concessão de entrevistas, por meio de contatos por e-mail. As interessadas em contribuir agendaram os horários e dias de acordo com as disponibilidades e realizamos as entrevistas virtualmente em encontros síncronos, gravados com autorização das participantes. As ferramentas utilizadas para os encontros foram o aplicativo ZOOM® e a Plataforma do *Google Meet*®, para a análise dos resultados. Peculiar ressaltar que algumas autoras representaram seus grupos, mas também compuseram a pesquisa enquanto produtoras de texto. Todas as entrevistas foram gravadas, em áudio e/ou por vídeo conferência, transcritas na íntegra

Enviamos ao todo 20 convites, destas 3 pessoas retornaram respondendo que não se identificam trabalhando em nenhuma interface da T.O. com a cultura, 3 pessoas não retornaram o contato e outros 14 coletivos ou pessoas nos concederam as entrevistas, entre os dias 10 de maio e 02 de julho de 2021. Com exceção de uma participante, 13 entrevistadas optaram e autorizaram a utilização de seus próprios nomes (por meio das iniciais), como exemplo: Ingrid Oliveira se reconhece como I.O., Andrea Jurdi como A.J., e assim por diante. Uma das entrevistadas preferiu não se identificar e optou pelo pseudônimo de “Devir A”.

Assim sendo, padronizamos as duas iniciais de seus nomes, de acordo com a escolha das entrevistadas (pelo fato de serem conhecidas assim) e um pseudônimo (escolhido pela participante que preferiu não se identificar).

Os encontros tiveram duração de uma a duas horas e os eixos centrais da entrevista se construíram sobre os marcos dos principais trabalhos em interface com a cultura, as referências que as profissionais têm utilizado para desenvolver as suas práticas e considerações gerais sobre a temática da terapia ocupacional e da cultura. Alguns dados trouxeram pontos relevantes para as análises como: a importância da acessibilidade cultural, à diversidade cultural e a cultura como parte estruturante da sociedade, as políticas culturais existentes no Brasil e a necessidade da atuação do terapeuta ocupacional nesses espaços.

As narrativas trouxeram ideias centrais e substanciais para a discussão. A partir da escuta de todas as entrevistas, chegamos em algumas categorias de análise para a construção e elaboração do trabalho:

- Concepções sobre cultura;
- Cultura como direito e políticas culturais;
- Acessibilidade cultural;
- Experiência estética;
- Corporeidade;
- Relações Interseccionais

A utilização de um roteiro semiestruturado trouxe, para as conversas, a riqueza de detalhes que aparecem a partir de narrativas sobre trajetórias. De acordo com Rosa (2006) a oralidade nos traz elementos e detalhes importantes para a compreensão das ideias do entrevistado. As nuances aparecem a partir da narrativa e compõem elementos importantes no que tange à memória e à relevância das informações.

### **2.3.5 Da apreciação à ética**

O projeto de pesquisa foi devidamente adaptado às condições que garantam a integridade de seus participantes e submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa com seres humanos. Atendemos à todas as solicitações pedidas e seguimos com o trabalho. Logo, tal trabalho está aprovado (Número CAAE 39663020.7.0000.5504)<sup>17</sup> considerando os pilares éticos da RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016 (BRASIL, 2016).

Todas as entrevistadas que concordaram em participar receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível no Anexo. As identidades foram preservadas ou reveladas, a critério das participantes.

---

<sup>17</sup> CAAE: Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

**PARTE 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES: SALTOS FRENTE À IMENSIDADE E  
À BELEZA DO CÉU AZUL.**



Fonte: (Imagem retirada do Plano Nacional de Cultura, 2007)

### 3.1 PERFIL DAS ENTREVISTADAS, SUA RELAÇÃO COM A CULTURA E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS OCUPACIONAIS

Apresentaremos o perfil de cada uma das entrevistadas, que se dividirá em alguns fragmentos do currículo *Lattes* das participantes e trechos das entrevistas que ilustrem marcos de suas trajetórias de formação.

Em seguida, trazemos alguns fragmentos de fala das entrevistas, com o objetivo de ilustrar como cada uma das participantes se apropria, relaciona ou conceitua a cultura, alguns exemplos delas (quais são as perspectivas e interfaces que as profissionais criam quando a temática se dá na relação entre terapia ocupacional em seus cotidianos, em suas práticas).

Por isso, apresentaremos ainda neste bloco práticas relatadas pelas entrevistadas com as interfaces da cultura (ou não), para que possamos mapear essas relações em suas práticas profissionais.

Inserimos uma nuvem de palavras dentro de cada perfil das profissionais, a fim de resumir as principais ideias e os principais conceitos durante as entrevistas e as principais perspectivas de seus trabalhos e referenciais.

A escolha das nuvens finalizando cada perfil tem como objetivo sintetizar as principais ideias que foram discutidas e trazidas por cada participante. As nuvens de palavras servem para anunciar as diretrizes dos trabalhos de cada uma das entrevistadas.

Ao finalizarmos as nuvens de palavras, reenviamos para cada uma das participantes para que acrescentassem ou retirassem informações, aprovando assim, a versão final da figura.

### 3.1.1 Entrevistada 1: Ingrid Oliveira (I.O.)<sup>18</sup>

*“...cultura como um dispositivo de cuidado” (I.O. em entrevista).*



Terapeuta Ocupacional (UEPA), Doutora em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, Mestre em Psicologia Clínica e Social (UFPA), Especialista em Saúde do Trabalhador (Fiocruz/ UFPA). Terapeuta Ocupacional na SESPA - Secretaria de Saúde do Estado do Pará desde 2006; Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará - UEPA desde 2008.

*Eu me formei em 2002 na Estadual aqui do Pará naquela época a única universidade que tinha Terapia Ocupacional aqui, a gente tem 4 universidades na capital, em Belém e aí de cara eu queria trabalhar com criança também, acabei fazendo uma especialização em Desenvolvimento Infantil, mas surgiu uma oportunidade de saúde mental e eu fui (I.O. em entrevista concedida em julho de 2021).*

Trabalha na UEPA desde 2008, com experiências e pesquisas voltadas à Saúde Mental, Pessoas em privação de liberdade, Atividades e Recursos Terapêuticos em Terapia Ocupacional, Motricidade Humana, Pesquisa Qualitativa em Saúde, Metodologias Ativas de Aprendizagem. Cooordenadora do PRACTO - Grupo de Pesquisa em Práticas Clínicas na Terapia Ocupacional.

#### 3.1.1.1 Relações com o campo da cultura

*Desde o início, por uma questão de interesse pessoal e de uma aproximação muito grande, eu sempre fui trazendo elementos culturais e artísticos para essas práticas. Então a minha aproximação como T.O. desses elementos mais culturais se deu a partir dessas vivências nesses grupos, que foi onde eu podia dar vazão para essa necessidade que era minha e dos usuários. E aí foi onde eu pude*

<sup>18</sup> Fonte: Imagem e informações retiradas de <http://lattes.cnpq.br/1474974503465827>

*realizar essas coisas, como o sarau da Mana Nise que foi muito legal. (I.O. em entrevista).*

*Por exemplo, eu fiz um curso de canto com um profissional que veio da Secretaria de Cultura. Ele fez uma oficina com a gente para que a gente pudesse usar algumas coisas dentro do meu grupo de poesia de música, então a gente cantava, mas antes eu ia fazer um aquecimento vocal com eles e a gente aprendeu tudo isso nessa oficina que foi um músico que fez com a gente. A gente sempre teve músicos no CAPS. Porque assim, se você pensar na cultura, não como um recurso específico, mas como dispositivo de cuidado, você não precisaria ter uma formação na área da saúde para estar atuando (I.O. em entrevista).*

### 3.1.1.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*“Entre 2008 e 2020... A gente tinha uma equipe [CAPS AD] que tinha uma pegada muito forte e vivências culturais nas suas próprias vidas (...). Então isso foi compondo na gente uma aproximação mais agora coletiva” (I.O. em entrevista).*

*“O meu primeiro espaço de trabalho era uma clínica particular onde eu atendia clientes variados dentro da saúde mental, quadros psicóticos, dependência química, mas adultos. Desde o início eu trabalhei com adultos” (I.O. em entrevista).*

*O Círio é a festividade em torno da quadra Nazarena no Estado. Então o Círio é uma grande caminhada que as pessoas fazem levando a imagem de Nossa Senhora de Nazaré pela cidade. E junto com Círio, que é esse evento que acontece anualmente, tem a produção dos brinquedos de Miriti (I.O. em entrevista).*

### 3.1.1.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 1 - Nuvem de palavras da entrevistada 1



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.2 Entrevistada 2: Andrea Jurdi (A.J.)<sup>19</sup>

*“Acho que não quando eu na minha trajetória na minha prática. Eu penso muito nessa intervenção no cotidiano nos costumes. Como essas pessoas estão inseridas. Falo da cultura no sentido geral, né?” (A.J. em entrevista concedida em maio de 2021).*



Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade de São Paulo. Mestre e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Especialização em Docência na Saúde pela UFRGS. Pós doutorado em Estudos da Criança, especialidade Educação Especial pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga/Portugal). Professora Associada do Curso de Terapia Ocupacional UNIFESP; Coordenadora do Curso de Terapia Ocupacional

<sup>19</sup> Fonte: Imagem e informações retiradas de <http://lattes.cnpq.br/4140547211703368>

(2014-2016); Vice-coordenadora da Câmara de Graduação do campus Baixada Santista (2014-2016). Membro da Comissão de Acessibilidade e Inclusão da Unifesp (2016-2017).

Credenciada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde e no Programa de Mestrado Ensino em Ciências da Saúde - modalidade profissional. Tem experiência e pesquisas na área de Educação Permanente em Saúde, Educação Inclusiva e Terapia Ocupacional, Intervenção Precoce abordagem centrada na família, atuando nos seguintes temas: saúde mental infantil, inclusão escolar, atividade lúdica, desenvolvimento infantil e formação profissional.

Coordenadora do Laboratório de Educação e Desenvolvimento Humano do campus Baixada Santista; membro do Laboratório de Conhecimento Compartilhado em Saúde Mental do campus Baixada Santista. Representante da Unifesp no *Comité Académico - Accesibilidad y Discapacidad da Asociación de Universidades Grupo Montevideo* (AUGM). Pesquisadora colaboradora do Centro de Investigação em Educação (CIED) do Instituto de Educação da Universidade do Minho (2018/2019). Líder do Grupo de Pesquisa Infância, Educação e Saúde.

### 3.1.2.1 Relações no campo da cultura

*“Eu penso muito nessa intervenção no cotidiano nos costumes. Como essas pessoas estão inseridas. Falo da cultura no sentido geral, né?”* (A.J. em entrevista).

*Te digo isso porque quando eu recebi o convite, eu fiquei me perguntando o quanto eu poderia contribuir para essa pesquisa, uma vez que eu não pesquiso especificamente a cultura e sei que na terapia ocupacional tem um grupo bastante interessante que tem produzido em relação a isso (...) Por outro lado, eu agradeço muito o convite porque me fez enxergar que eu tenho feito coisas em comum com a cultura. [...] Falo da cultura no sentido geral que foi esse exemplo que você deu: “- uma pessoa que sempre aprendeu a comer de um jeito, com AVC não me adianta tentar ensinar a de outro jeito. O quanto isso tá incorporado como valor, como costume, como o hábito daquela sociedade. [...] Mas o que eu ia te falar que eu tava pensando aqui é que nessa questão do meu percurso, acho que a cultura numa forma mais ampla, eu acho que eu nunca estudei especificamente da arte, na música na linguagem artística como cultura, nunca foi meu foco assim de atenção, mas eu via que, apesar de não estudar especificamente, esteve sempre presente na minha concepção de cultura (...)”* (A.J. em entrevista).

### 3.1.2.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*Então eu acho que a cultura sempre esteve presente. Quando eu penso nas populações com quem trabalhei, muitas delas extremamente excluídas de uma comunidade e que esses processos de exclusão poderiam ser revertidos, se essas pessoas se apropriarem dos seus direitos, se apropriarem do que elas conseguiriam criar, elaborar, participar daquela comunidade de algum jeito, eu acho que a cultura acaba entrando (A.J. em entrevista).*

*“Criar brinquedos que eles tinham na infância, né? Então assim, “as 5 Marias”, o jogo de bola de gude... Lembro deles, cada um tinha uma regra: “Olha quando era criança aprendi desse jeito” e ensinar uns aos outros e jogavam” (A.J. em entrevista).*

### 3.1.2.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 2 - Nuvem de palavras da entrevistada 2



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.3 Entrevistada 3: Flávia Liberman (F.L.)<sup>20</sup>

*“Então sempre, para mim, esse ser corpo, ser corpo no mundo, é o que sempre me guiou”* (F.L. em entrevista respondendo como a cultura aparece em seu trabalho).



É graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e Doutora pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade no Programa de Psicologia Clínica da PUC- SP (2007) e Pós-Doutora pelo Centro de Pesquisa História da Arte e Intervenção Artística pela Universidade de Évora, Portugal. Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo, Baixada Santista, atuando tanto no Eixo específico (T.O.) quanto no Eixo Trabalho em Saúde por meio de ações interprofissionais no território, no ensino de estudantes de diferentes cursos. Tem como foco de estudo e pesquisa: Arte, Corpo e Saúde, Trabalho em Saúde, Formação e o Ensino em Saúde. Docente no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde (Acadêmico) e no Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde - Modalidade Profissional. Membro dos Grupos de Pesquisa do CNPq: Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (UFSCar) e do Laboratório Corpo e Arte da UNIFESP-BS.

*“Eu tenho uma formação quando eu fui fazer a pós-graduação eu fui fazer uma pós-graduação no núcleo subjetivo da Suely Rolnik na PUC 2007”* (F.L. em entrevista).

*Eu não tenho formação, precisaria fazer uma graduação pelo menos, para entender como funciona. Então eu queria propor outra coisa. E aí essa questão da cultura... mas agora eu vou substituir a palavra por arte, por corpo, por vivência, por processos culturais, além dos processos de subjetivação (...) estão se expressando atualmente no seu trabalho, sempre* (F.L. em entrevista).

<sup>20</sup> Fonte: Imagem e informações retiradas de <http://lattes.cnpq.br/8790313628912498>

Atua com artes do corpo, corporeidade e práticas coletivas em dança e movimento. Trabalha com abordagens corporais, dança e repertório ligado às atividades e recursos que atuem na prevenção e na promoção de saúde.

### 3.1.3.1 Relações no campo da cultura

*“A primeira coisa que eu queria te falar é que o conceito de cultura é um conceito problemático. E se você notar nas minhas produções, não é o conceito que eu mais uso, para falar daquilo que eu faço. Você notou isso?”* (F.L. em entrevista).

*Apesar de que em algumas produções minhas eu falo de cultura, mas de uma determinada cultura, acesso à cultura; mas quando eu falo de acesso à cultura, eu falo acesso à cultura como o Patrimônio da Humanidade. A cultura ela reúne os objetos, os elementos e as expressividades da humanidade... são as linguagens culturais* (F.L. em entrevista).

*“Eu acho que para mim a arte, do jeito que entendo é um bem da humanidade, é um bem cultural, é um bem de todos”* (F.L. em entrevista).

*Então tudo está permeado e atravessado pela cultura, então a sua hipótese é uma hipótese bastante interessante. Vou te falando uma coisa que eu sempre falo: sou da linha contra a gente pensar numa T.O. cultural. Porque a questão da cultura e dos atravessamentos da cultura, elas estão em todos os sujeitos, em todos os grupos. Não existe uma T.O. que não parta de uma análise de uma perspectiva cultural da existência das pessoas* (F.L. em entrevista).

### 3.1.3.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*Nós somos movimento pelo espaço, nós somos performar o tempo inteiro, quando eu estou aqui com você conversando, eu estou performando uma conversa... não são só as performances que são... sabe aqueles caras que são das performances? Então eu estou performando uma conversa com você. Então sempre, para mim, esse ser corpo, ser corpo no mundo, é o que sempre me guiou. Ser corpo no mundo... então quanto mais ser corpo no mundo... menos capturado pelas forças, né... que estão presentes em nós, por isso que eu acho que você não pode negar as modalizações do corpo, as culturas do corpo, não dá para negar* (F.L. em entrevista).

*Eu me lembro de uma cena que eu estava com um grupo em um centro de convivência de cadeirantes... a cena mais legal para mim, foi quando todos saíram da cadeira e começaram a rolar na grama.*

*Então, eu posso olhar para essa mesma cena de vários jeitos. Eu posso olhar como uma possibilidade de eles saírem da cadeira e se exercitarem no chão, de outro jeito... que isso pode repercutir no cotidiano deles, né? Por exemplo, nossa transferência da cadeira de rodas para a cama, porque tudo é um exercício. Mas eu posso pensar nisso como no seu aspecto lúdico (F.L. em entrevista).*

*Quando a gente fala cultural, às vezes numa T.O., eu estou entendendo, às vezes, que eu não estou falando disso. Eu estou falando de uma terapia ocupacional que se faz presente nos equipamentos de cultura. Como, por exemplo, o Art Ludic, que eu trabalho na Zona Noroeste, eu não trabalho no serviço de saúde. Eu trabalho em um equipamento de cultura e arte, certo? Aí é um equipamento de cultura... estamos falando uma T.O. que trabalha em um equipamento de cultura, mas não é que é uma T.O. cultural, mesmo porque eu sempre trabalho no equipamento de cultura articulado, por exemplo, ao equipamento de saúde, o equipamento... vamos dizer do campo social. Então uma coisa é a gente falar de equipamentos... equipamento cultural, equipamento de educação, equipamento da saúde (F.L. em entrevista).*

### 3.1.3.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 3 - Nuvem de palavras da entrevistada 3



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.4 Entrevistada 4: Devir A<sup>21</sup>

*“Aos poucos fui entendendo que a cultura no lugar de direito (...)”*(Devir A. em entrevista).

*(...) então tinha ali uma efervescência na minha formação com o raciocínio clínico que ia se basear no cotidiano, com uma aproximação com o campo da arte que já não era mais a arte como recurso, apesar de não falarmos isso naquele momento. Mas a gente já tinha uma aproximação da arte pela discussão de cotidiano, que era a arte como algo fundamental na vida humana mesmo e eu já fui me formando com base nessa perspectiva. Daí com uma aproximação das práticas corporalista* (Devir A. em entrevista).

*“E eu fui fazendo isso, fui trabalhando com teatro, com pintura, trabalhei em CAPS, em escola especial, fui fazendo isso no início do meu percurso profissional”* (Devir A. em entrevista).

#### 3.1.4.1 Relações com o campo da cultura

*Fui trabalhar num projeto que tinha do estado, quando voltei pra SP, que era Estação Especial da Lapa e lá era um lugar de oficinas culturais, São Paulo tem isso, era um centro de convivência, talvez um dos primeiros que tinha essa ideia e que 70% das vagas eram para pessoas em sofrimento psíquico, deficiências e idosos e os outros 30% para pessoas da comunidade. Aos poucos fui entendendo que a cultura no lugar de direito. [...]* (Devir A. em entrevista).

*“O T.O. transita e facilita, apresenta outros fazeres, faz pequenos deslocamentos naqueles fazeres que já existem, problematiza. Isso, eu penso que essas atividades condensam todas essas dimensões culturais, não consigo pensar nisso descolado”* (Devir A. em entrevista).

*Tenho defendido isso na reforma curricular, eu fiz essa discussão, porque sou a única professora aqui no curso que trabalha nesse campo e eu defendo que a gente tenha um campo de atuação na cultura na interface com as artes. Penso que é aí, penso que sim, é um campo específico. [...] Então acho que no início do meu percurso profissional eu ainda pensei na arte, nas atividades, como recurso, não penso mais* (Devir A. em entrevista).

---

<sup>21</sup> Informações fornecidas diretamente pela entrevistada, preservando seu anonimato.

### 3.1.4.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*O sujeito que eu atendo está inscrito cultural e socialmente desde sempre, eu sempre cuidei das pessoas, eu fui formada assim. Comecei o meu percurso profissional já olhando para essas pessoas tentando compreender quem elas eram dentro dos seus contextos, dentro do território onde viviam, isso já marcou um olhar pra tentar pensar (Devir A. em entrevista).*

*“E eu fui enxergando muito intuitivamente naquele momento alguma coisa que hoje ainda é uma questão de pesquisa minha que é o tanto que o T.O. tem de recurso para ajudar nos processos de criação” (Devir A. em entrevista).*

*Logo que me formei e fui trabalhar no CAPS (...) e eu comecei a investigar essas aproximações e me encontrei com uma mulher desse serviço que era uma que se machucava muito (...) Ela tinha transitado por muitos serviços diferentes e não parava. (...) Ali essa experiência me marcou quando eu consigo enxergar no corte uma produção estética e não só uma produção psiquiátrica. Essa pessoa me ajuda a enxergar que há nela uma recusa a um certo modo de existir, e a vontade de existir de outro jeito e o caminho que ela encontrou foi aquele. Ali eu entendo que eu precisava cuidar (Devir A. em entrevista).*

*(...) aí ela começou a desenhar. E desenhar de um modo muito potente, pintar e fazer pequenas experiências com a escultura. No percurso que eu a acompanhei, consegui encaminhá-la a um curso de desenho em paralelo com o CAPS, porque enxergava que havia uma necessidade de expressão que precisava de mais repertório e segui acompanhando ela ali (Devir A. em entrevista).*

*(...) Muitos anos depois, eu fui receber o prêmio Loucos Pela Diversidade com um coletivo que eu desenvolvia em Porto Alegre, e eu reencontro ela recebendo um prêmio por uma obra de pintura. Foi um momento muito forte pra mim, porque eu percebi que ela seguiu pintando e que a pintura se tornou uma possibilidade de existência pra ela, ela foi premiada e me conta que ela seguiu pintando e vendendo os quadros, ela se tornou artista. Ali foi uma história forte pra mim (Devir A. em entrevista).*

### 3.1.4.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 4 - Nuvem de palavras da entrevistada 4



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.5 Entrevistada 5: Débora Galvani (D.G.)<sup>22</sup>

*“(...) indissociabilidade entre ação técnica, política e cultura como um eixo articulador das práticas” (D.G. em entrevista).*



Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado em ciências pela Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). É doutora em Ciências pelo Instituto de Psicologia da USP. Professora Adjunta da Universidade Federal de São Paulo, atualmente na Coordenadoria de Direitos Humanos da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da UNIFESP. Coordenadora do Projeto Metuia - Terapia ocupacional social -

<sup>22</sup> Fonte: Imagem e informações retiradas de <http://lattes.cnpq.br/9874847063643955>

UNIFESP/Santos; pesquisadora e membro do núcleo Amanar da Casa das Áfricas.

*(...) meu início de carreira é assim que eu me formei, eu fui fazer um estágio na Itália, em Trieste, no serviço de saúde mental, tinha sido ali o berço da desconstrução do manicômio. Isso foi absolutamente marcante na minha trajetória, porque depois disso ao voltar para o Brasil, isso foi em 98, ao voltar para o Brasil a gente estava em um momento, sobretudo na cidade São Paulo, de uma desconstrução da política pública (D.G. em entrevista).*

*“Depois eu faço um caminho mais teórico também de como é que tenho pensado também a interculturalidade” (D.G. em entrevista).*

*“ (...) e, eu formei num tempo em que o campo de trabalho da T.O. estava muito centrado na saúde. Nos equipamentos da saúde, e tudo que se voltava para o campo amplo da saúde” (D.G. em entrevista).*

*“Nesse percurso tinha paralelo também a experiência do METUIA na relação com a Casa das Áfricas, Então, de novo ali um percurso de pesquisa da Professora Denise que trabalhou que foi uma das fundadoras da Casa das Áfricas” (D.G. em entrevista).*

Experiência na área de terapia ocupacional, com ênfase em terapia ocupacional social, em ações territoriais e comunitários, principalmente nos seguintes temas: diversidade cultural, antropologia urbana, mobilidade e direitos humanos, pessoas em situação de rua, redes de interdependência, religiosidade e África.

*“A produção cultural que fazia sentido para aquele grupo e o acesso à cidade, as duas questões, mas o grupo se reconhecendo, fortemente, como produtor cultural com quem produz, produz arte, produz espaço de cultura” (D.G. em entrevista).*

### 3.1.5.1 Relações com o campo da cultura

*Que já me colocou numa relação muito próxima com o campo da cultura, a gente tinha lá uma experiência riquíssima com a rádio Frágula, que era a rádio produzida pelos usuários dos serviços, era uma experiência riquíssima, divertidíssima e muito acolhedora para quem vinha de fora também. mas eu não me dava conta na verdade, naquele momento, de nomear e discutir mais fortemente essas dimensões da cultura (D.G. em entrevista).*

*E daí nasceu uma parte do projeto, que marca muito fortemente, e uma dimensão da cultura, que eu tenho que trabalhado e que o*

*METUIA tem trabalhado, muito fortemente, que é a cultura como direito, e a cultura que se expressa numa política pública, seja de reconhecimento e valorização daquilo que é produzido por nós (...)* (D.G. em entrevista).

*“E aí para mim e, especificamente, na minha trajetória de aprendizado, marca muito fortemente, a dimensão da cultura nomeada, né? nas ações na T.O. e na T.O. social”* (D.G. em entrevista).

*Eu acho que é impossível fazer T.O. em qualquer área sem que entender as dimensões da cultura, se poder nomear e entender as dimensões da cultura, aqui do ponto de vista antropológico, e eu acho que isso precisa ser, inclusive, mais conhecido na formação e nas nossas várias áreas de atuação* (D.G. em entrevista).

*“Foi onde a gente propôs de criar esse ponto de encontro e cultura, e a gente tinha um grupo engajado na produção da programação, programação toda cultural que tinha essas duas dimensões, né?”* (D.G. em entrevista), se referindo às dimensões sociais e culturais.

### 3.1.5.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*O projeto CASARÃO, então é um projeto construído no diálogo, com movimento de moradia urbana de São Paulo, na região do Brás, centro expandido da cidade, e tem um processo muito bonito de construção, do próprio projeto em si. Envolveu uma pesquisa, uma pesquisa envolvida com a comunidade, com questões que também eram da própria comunidade. E a partir deste diálogo, desta pesquisa a gente montou um projeto, que foi esse projeto que se chamou o projeto CASARÃO e, que tinha várias frentes de ação: ações no condomínio, ações territoriais, as ações individuais, registro sistemático...* (D.G. em entrevista).

*Depois de uns 8 meses que eu entrei na Unifesp, eu fui convidada a coordenar a coordenadoria de Direitos humanos (...) e eu passo também a dar mais atenção as dimensões ligadas a interculturalidade e ao próprio conceito de interculturalidade, Por quê? Porque a partir desta coordenadoria que eu entro em contato com o movimento dos professores indígenas no Estado de São Paulo, reivindicando uma licenciatura intercultural indígena diferenciada, então a minha função na universidade era recebê-los, ouvir a demanda, entender, articular, achar caminhos* (D.G. em entrevista).

### 3.1.5.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 5 - Nuvem de palavras da entrevistada 5



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.6 Entrevistada 6: Érika Inforsato (E.I.)<sup>23</sup>

“...essa dimensão estético-política é a dimensão principal do trabalho” (E.I. em entrevista)



Terapeuta Ocupacional, pesquisadora e vice coordenadora do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional (PACTO-USP), docente do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP e orientadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social (MPTO-FMUSP) na linha de pesquisa Participação

Social, Trabalho, Convivência e Cuidado. Doutora em Educação - linha Filosofia e Educação - FEUSP (2010). Mestre em Psicologia Clínica - núcleo de Estudos da Subjetividade - PUC/SP (2005). Especialização em Práxis Artística e Terapêutica - interfaces da arte e da saúde - Terapia Ocupacional - FMUSP (1998). Coordena o serviço de extensão PACTO-FMUSP. Compõe a equipe de coordenação do projeto artístico coletivo Cia Teatral Ueinz, parceiro do Lab. PACTO.

*(...) no UEINZZ [grupo de teatro], eu como terapeuta acompanho pessoas para que elas possam estar ali como atores de teatro do UEINZZ e não como pacientes. Para isso, eu tenho que ter muito conhecimento clínico. O meu aporte de conhecimento no campo clínico ou terapêutico, como gosto de chamar, tem que ser muito grande para que eu possa sustentar este deslocamento (E.I. em entrevista)*

Prática clínica em terapia ocupacional, Acompanhamento Terapêutico, Supervisão Clínica e Institucional. Atuação em projetos no campo de interface entre as artes e a clínica, na fronteira entre cultura e loucura através de trabalhos corporais, atividades artísticas e culturais com populações com deficiência, histórico de

<sup>23</sup>Fonte: Imagem retiradas de <https://www.fm.usp.br/fofito/corpo-docente/professoras-doutoras> e informações de <http://lattes.cnpq.br/7636724777068350>

sofrimento psíquico e/ou em outras situações de vulnerabilidade acentuada. Práticas que produção deslocamentos e novas formas de atuação profissional. Busca pela estética e pela arte como fonte de vida.

### 3.1.6.1 Relações com o campo da cultura

*Eu não diferencio o lugar da expressão artística do lugar da cultura. Eu acho que o que é importante é que, pra ter uma dimensão, para o trabalho da companhia UEINZZ, onde que a cultura é importante? É importante nessa relação das políticas públicas culturais, com o fomento desse trabalho, naquilo que tem a ver com a circulação desse trabalho. Então isso tudo está acontecendo nessa região que a gente chama de cultura, que é onde a gente vai chegar para um grande público, que vai poder ser difundido, que vai poder ser divulgado e que vai poder ser compartilhado. Então é neste lugar que a cultura é, sim, muito importante (E.I. em entrevista).*

*Eu acho que para esses projetos, toda política cultural, não é que não me interessa, na verdade me interessa muito, mas em outro lugar. Uma coisa é a ação direta com essas populações e outra coisa é a possibilidade de expandir isso como proposta, metodologia, multiplicação de possibilidades de atividades de exercício de vida para essas pessoas (E.I. em entrevista).*

*“Daí vou chegar nesse ponto que acho bem importante, que é poder pensar que na medida que você faz isso como um projeto cultural, no sentido que você está fazendo um combate à exclusão, às restrições” (E.I. em entrevista).*

*Porque mais do que serem projetos culturais, eles são projetos de vida. Eles são lugares de vida. Dessas pessoas que a gente traz pros projetos, porque a gente acaba tendo um lugar como profissional, mas também para nós. Então, para mim, o UEINZZ é um lugar para a minha vida, mais que um lugar profissional. É um lugar onde eu experimento o que é a política, o que é o viver junto, do modo mais radical, do modo mais interessante. Acho que tem uma experiência ali. E o outro vai se interessar em ir ao encontro dela. De estar com elas. Este é o ponto de entroncamento da arte com a cultura nessa relação. É isso. Deslocamos da saúde (E.I. em entrevista).*

### 3.1.6.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*“Então, para mim, o UEINZZ é um lugar para a minha vida, mais que um lugar profissional. É um lugar onde eu experimento o que é a política, o que é o viver junto,*

do modo mais radical, do modo mais interessante. Acho que tem uma experiência ali”.  
(E.I. em entrevista).

*Eu acredito que o T.O. tem que ter um lugar no museu, porque ele tem um conhecimento que é diferencial na possibilidade de ter essas populações dentro do museu, trabalhando no museu e também a produção artística destas populações poder circular no espaço das artes visuais, seja no museu ou nas mostras visuais. Então, o T.O. tem uma contribuição específica para dar nesse campo cultural (E.I. em entrevista).*

### 3.1.6.3 Sobrevoos e palavras-chave:

Imagem 6 - Nuvem de palavras da entrevistada 6



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.7 Entrevistada 7: Martha Minatel (M.M.)<sup>24</sup>

*“Porque o nosso trabalho era focado, não na cultura enquanto só essa coisa cidadã e acessibilidade cultural também, mas a coisa da fruição, do reconhecimento”*  
(M.M. em entrevista).



Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2010), mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar (2013) e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS (2018).

*Eu me formei em 2010, na UFSCar, fiz Terapia Ocupacional. Na graduação, de fato a minha aproximação sempre foi na saúde mental infante juvenil. Sempre me envolvi com iniciação científica e extensão nesse campo. Eu trabalhava com crianças e adolescentes com autismo, fui fazer pesquisa com as meninas que cumpriam medida socioeducativa, tanto como prestação de serviço à comunidade ou com liberdade assistida. Então esse era o meu foco, tanto que no meu mestrado, eu falei com famílias de crianças autistas. A gente seguia a metodologia da problematização a partir da perspectiva do Paulo Freire, de problematizar a realidade para a gente produzir uma intervenção, uma ação e o conhecimento para os alunos (M.M. em entrevista concedida em junho de 2021)*

Tem experiência na área de terapia ocupacional, atuando nos temas: Saúde Mental infante-juvenil, terapia ocupacional e contextos sociais; Infâncias; Intersetorialidade; Educação Popular.

*São oito cursos da saúde e a T.O. está dentro disso, e ele está todo construído a partir de uma metodologia ativa, todo o currículo dele. Então eu era professora da T.O. mas, por mais que eu trabalhasse, eu tinha essa representatividade da infância e juventude. Eu não tinha uma área específica que eu respondesse, porque eu era professora*

<sup>24</sup> Fonte: Imagem e informações retiradas de <http://lattes.cnpq.br/3621113172277748>

*do segundo ano que precisava responder por toda a construção da terapia ocupacional com este ciclo de vida. Acho que o curso da T.O. era dividido por ciclos de vida (M.M. em entrevista).*

### 3.1.7.1 Relações com o campo da cultura

*Então foi um momento em que eu comecei a estudar, “de que lugar os TOs têm pensado a cultura? É um campo?” Eu entrei lá em 2014 e até eu entrar no corpo de professora, entender o que eu estava fazendo ali. Então aí eu acho que eu comecei a problematizar isso lá por 2015/16 (M.M. em entrevista).*

*“Então eu sempre defendi que a cultura está sim em todo lugar nessa dimensão hereditária, cidadania e de transformação” (M.M. em entrevista).*

*Quando eu vim para São Carlos eu também fui para uma comunidade periférica e organizei um grupo comunitário, virtual por causa da pandemia, onde a gente fala de cultura o tempo todo, mas muito a parte da cultura como possibilidades de representação naquele lugar...(M.M. em entrevista).*

*Pensei: “então eu posso ficar aqui, a gente pode trabalhar com a cultura também como recurso, dentro da educação popular, que na verdade tanto é um recurso como também tá dizendo de uma transformação, de como eu penso a saúde, de como eu penso o processo de saúde-doença e como eu válido as questões da minha cultura, as questões tradicionais. Isso que me fez pensar na sua fala, acho que a minha trajetória vai muito a partir de quem eu vou encontrando, com quem eu tô trabalhando (M.M. em entrevista).*

*“Nos eventos de T.O. que a gente pode participar, de experiências recentes, a gente contou das práticas que a gente faz e eu não fiz um recorte da cultura, eu fiz o recorte de uma experiência com a comunidade” (M.M. em entrevista).*

*Compreendendo a cultura enquanto identidade, enquanto representação, enquanto esse universo simbólico que vai dando um sentido para a existência, sentido para como eu me relaciono com outro, com o outro e com o mundo, entender como as pessoas representavam as crianças em sofrimento ou com algum transtorno ou deficiência, me ajudava a compreender como elas lidavam hoje com elas (M.M. em entrevista).*

### 3.1.7.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*Vou dizer que a discussão da cultura não me atravessava ali na prática e nem na produção de pesquisa. Isso não era uma variável. Lógico que existia essa perspectiva de compreender o sujeito em seu contexto sociocultural, mas não era algo que eu poderia dizer, que eu trabalhava em interface com a cultura (M.M. em entrevista).*

*Então a gente foi percebendo, pelo menos eu fui percebendo, que eu teria que começar a falar de cultura e pensar em cultura não só como um elemento, como meu tinha aprendido na graduação, mas como uma das dimensões dos sujeitos ou dos coletivos que eu precisava considerar (M.M. em entrevista).*

*Então eu acho que foi aí que eu comecei a refletir que as minhas produções tinham muito a ver com a cultura também, porque se eu tava estudando o que passou para que pudéssemos pensar como construir um novo lugar, para coexistir, para estarmos juntos dentro dessa diversidade na bendita inclusão que a gente defende tanto, isso implicava uma transformação cultural (M.M. em entrevista).*

*“ Eu acho que aí tem uma outra dimensão da cultura, que é um projeto que eu construí lá, que faz parte da minha história, mas também não tem nada escrito” (M.M. em entrevista).*

*Sabe que eu queria falar do que eu percebi do meu processo como professora? que na minha prática profissional e de formação, ela se dá a partir do encontro com realidade do outro, desse outro sujeito ou coletivo. Quando eu me encontrava com as famílias e com os autistas desse lugar, estava muito claro para mim essa dimensão da cidadania e da identidade (M.M. em entrevista).*

### 3.1.7.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 7 - Nuvem de palavras da entrevistada 7



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.8 Entrevistada 8: Cláudia Reinoso (C.R.)<sup>25</sup>

*“(...)sua participação cultural e a sua inserção, isso é o tempo todo permeado pela questão da cultura e sua ocupação no mundo” (C.R. em entrevista concedida).*



Terapeuta Ocupacional. Professora Adjunta IV do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da UFRJ (EICOS/IP/UFRJ). Doutora e Mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ). Realizou pós-doutorado

<sup>25</sup> Fonte: Imagem e informações retiradas de : <http://lattes.cnpq.br/4160426726810706>

pelo PNPd/CAPES/UFSCar no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela ENSP/FIOCRUZ. Especialista em Acessibilidade Cultural pela UFRJ.

*A própria aproximação com a professora P.D, quando me inseri na UFRJ, em 2011, ela já falava da especialização em acessibilidade cultural. Eu sempre trabalhei, antes da docência, com essa perspectiva psicossocial onde a cultura se inseria fortemente, e várias ações fora da academia, quando eu estava na assistência, eram perpassadas pela questão cultural (C.R. em entrevista concedida em junho de 2021).*

*Inclusive é um curso de especialização *Latu Sensus*, vinculado ao departamento de Terapia Ocupacional e isso é muito relevante porque ele ajuda a inserir o campo da cultura como uma área de atuação da TO, na medida que você tem uma *Latu Sensus* vinculado ao departamento, o único na América Latina em si (C.R. em entrevista concedida em junho de 2021).*

Especialista em Saúde do Idoso e Gerontologia pela UNIBF. É Líder do grupo de pesquisa Envelhecimento humano: saúde, cultura e sociedade.

*A questão do envelhecimento, eu tenho algumas pesquisas que estão em andamento, só falta sistematizar, por exemplo essa questão da presença dos idosos nos equipamentos culturais: por que não vão? Como funciona a meia entrada, a gratuidade no transporte público, o que de fato aproxima ou afasta esses idosos dessas vivências culturais? (C.R. em entrevista).*

Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão tendo como ênfase a terapia ocupacional, o processo de envelhecimento humano e suas interfaces com a Cultura e com as Ciências Humanas e Sociais. Suas pesquisas estão relacionadas às seguintes temáticas: participação social e comunitária das pessoas idosas, vulnerabilidade social, identidade cultural, memória social e coletiva. Adicionalmente mantém interesse em temas referentes à formação profissional, metodologia de ensino e pesquisa e extensão universitária.

### 3.1.8.1 Relações com o campo da cultura

*E fui aproximando do meu objeto de estudo que era na UFRJ, que era a questão do envelhecimento humano, então eu cheguei na perspectiva da cultura com o envelhecimento e fiz meu TCC na área. Depois vieram algumas publicações, teve a questão dos museus, entre envelhecimento e acessibilidade. [...] E eu vou falar do campo da T.O e da cultura e para mim, ele é um campo emergente, portanto desafiador e com muitas interfaces (C.R. em entrevista).*

*Eu acho que quando você tem boas experiências culturais, você pode ir a primeira vez em um espaço com 60, 60 e poucos anos e se ali você é bem recebido, e você não é tratado como criança, você tem as mesmas condições, o problema é que as condições não são as mesmas (C.R. em entrevista).*

### 3.1.8.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*Quando eu entrei na UFRJ, a Patrícia sempre falava da questão cultural, em 2011, 2012 e, por volta de 2013, aconteceu a primeira turma desta especialização, só que eu não consegui cursar, embora me interessasse, porque eu estava no início do doutorado. E em 2015 aconteceu a segunda turma do curso e eu estava no final do doutorado, era o momento só da redação, então eu achei que era o momento de fazer o curso, para eu chegar mais perto dessas questões da política cultural, não só da acessibilidade (C.R. em entrevista).*

*Eu fiz esse curso na segunda turma, me inscrevi como aluna no curso de especialização em acessibilidade cultural. A minha aproximação com o campo foi em 2015, apesar das conversas terem começado antes. O curso começou em abril ou maio de 2015 e em setembro eu assumi a vice coordenação do curso, enquanto eu estava como aluna, então também me envolvi na parte da coordenação com a Patrícia (C.R. em entrevista).*

*“A questão do envelhecimento, eu tenho algumas pesquisas que estão em andamento, só falta sistematizar, por exemplo essa questão da presença dos idosos nos equipamentos culturais: por que não vão?” (C.R. em entrevista).*

*A minha (trajetória) é um pouco mais voltada para a questão do envelhecimento e da vulnerabilidade. Mas a gente tem parcerias: a Patrícia é uma parceira importante nessa questão do envelhecimento também, ela faz parte do grupo de pesquisa e da extensão onde eu coordeno o projeto (C.R. em entrevista).*

### 3.1.8.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 8 - Nuvem de palavras da entrevistada 8



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.9 Entrevistada 9: Patrícia Dorneles (P.D.)<sup>26</sup>

*“Nós estamos trabalhando em uma perspectiva do direito à cidadania cultural” (P.D. em entrevista).*



Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Federação das Faculdades Metodistas do Sul Instituto Porto Alegre (1995). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2001) na linha de pesquisa Educação Popular e movimentos sociais e Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011) na linha ambiente, ensino e território. É pós doutora em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Atua há 20 anos no campo das políticas públicas culturais.

*Eu sou uma pessoa das políticas. Eu sou uma pessoa que me dedico as políticas culturais, principalmente às políticas públicas culturais. Eu sempre tive na experiência de inaugurar coisas novas, por exemplo, eu estava no projeto da descentralização da cultura, depois eu coordenei um centro cultural que eu que montei, da prefeitura, depois eu estive no ministério da cultura, um ministério inovador, do Gilberto Gil, eu fui implementando uma série de políticas e programas, então eu atuo nas políticas culturais. O que me interessa na área da cultura são as políticas culturais (P.D. em entrevista concedida em junho de 2021).*

Tem experiência na área de Artes, com ênfase em política cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: ação cultural, política cultural, ação coletiva, educação popular e saúde e direitos humanos. Trabalhou no Ministério da Cultura entre os anos de 2005 a 2009, implementando o Programa Cultura Viva na Região Sul e as ações de Cultura e Saúde deste órgão. Atualmente é Professora Associada do Curso de Terapia Ocupacional da UFRJ, sendo docente das disciplinas de Acessibilidade Cultural e Terapia Ocupacional e Educação Popular e Saúde.

<sup>26</sup> Fonte: Imagem e informações retiradas de : <http://lattes.cnpq.br/2813916114259220>

*A minha área de atuação na T.O. especificamente qual foi, é uma pergunta que me provoca bastante, eu sempre trabalhei na área cultural antes mesmo da terapia ocupacional, então eu fui ao longo da minha formação. em terapia ocupacional, transitando, fazendo costuras entre terapia ocupacional e as ações de cultura (P.D. em entrevista).*

É coordenadora do I Curso de Pós-Graduação em Acessibilidade Cultural para pessoas com deficiência com o apoio do Ministério da Cultura. Foi Superintendente de Difusão Cultural do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ de 2015 a 2019. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Terapia Ocupacional e Cultura – CNPQ.

*“Eu vejo a partir das políticas públicas. Eu tenho essa característica, eu tenho essa perspectiva de gestão cultural. Eu fui superintendente de difusão cultural da UFRJ durante 6 anos” (P.D. em entrevista).*

### 3.1.9.1 Relações com o campo da cultura

*“E eu não me dava conta do que era aquela tensão, eu não tinha parado para pensar sobre aquilo, porque eu sempre tive um trabalho paralelo no campo da cultura, na área cultural” (P.D. em entrevista).*

*Isso vai muito lentamente fazendo uma pequena mudança de paradigmas na área de atuação do T.O., que não está lá na formação do T.O. social e que não está na formação do terapeuta ocupacional que vem com essa formação baseada na perspectiva de promoção de saúde, de reabilitação que seja na questão da saúde. Então nesse trabalho de terapia ocupacional e cultura que eu me identifico é criar essas possibilidades das linguagens artísticas, uma possibilidade de encontro. Se a pessoa quiser desenvolver...se ela tiver desejo, uma habilidade, uma dedicação...ela vai fazer...senão, ela vai ter aquilo como elemento significativo para ela (P.D. em entrevista).*

*Temos esse trabalho, nós enquanto T.O. da área cultural, temos que facilitar esse conteúdo cultural, dessa diversidade, facilitar para apresentar isso para o mundo, para a sociedade, essa diversidade cultural para o mundo, para a sociedade, para a gente auxiliar na construção das diferenças, eu tenho certeza de que os meus colegas que trabalham com cultura indígena, não trabalham só com cultura indígena. Eles são articuladores da cultura, um facilitador da cultura indígena e estão ali também para potencializar, para valorizar aquela comunidade, para estar lá com aquela comunidade na resistência, na sobrevivência, na demonstração da beleza que tem aquela cultura, na importância de estar ali ajudando a preservar e respeitando aquela cultura. São outros elementos quem trabalha na área cultural a terapia ocupacional, nos afeta (P.D. em entrevista).*

*Não é que a gente está levando, têm coisas que se manifestam, que se criam naquele ambiente. Temos esse trabalho, nós enquanto T.O. da área cultural, temos que facilitar esse conteúdo cultural, dessa diversidade, facilitar para apresentar isso para o mundo, para a sociedade (P.D. em entrevista).*

### 3.1.9.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*Eu fazia oficina já na periferia, eu fazia trabalho de intervenção urbana, eu tralhava com projetos culturais, eu sempre trabalhei com projetos culturais. E isso era ocupacional, então eu fui atrás de trabalho na área ocupacional, mas eu já tinha trabalho. Então, eu tenho uma identidade tradicional de trabalho na terapia ocupacional, com cultura e arte. No campo da terapia ocupacional, no campo da tensão, da saúde, na experiência com a Saúde Mental (P.D. em entrevista).*

*E aí, eu entrei no mestrado, e continuei trabalhando com cultura, fui fazendo outros projetos, porque eu tinha bolsa. Antes de terminar o mestrado eu coordenei um centro cultural, depois eu fui dar aula, eu fui docente, então a minha experiência é no campo da Saúde Mental e na docência, mas eu tenho muito mais experiência, a minha história é muito mais presente dentro das políticas culturais. Eu me formei em terapia ocupacional, mas a minha escola de identidade, a minha escola de identidade profissional foi: a política de descentralização da cultura, de democratização cultural, em Porto Alegre, fiz todo esse trabalho de periferia e alunos antimanicomial, foi isso que me deu a minha identidade como uma profissional da terapia ocupacional (P.D. em entrevista).*

*Quando eu tinha meus 20 anos, eu trabalhei na prefeitura de Porto Alegre, uma das primeiras prefeituras do Brasil na abertura política. no começo dos anos 90. Que a gente teve uma gestão idos partidos dos trabalhadores na manifestação Popular: eram São Paulo, Porto Alegre e, acho que Osasco. E aí, a administração popular, ela construiu um programa que depois virou uma política pública que se chamava "descentralização da cultura", ou seja, era uma iniciativa cultural onde a gente desenvolvia oficinas de artes na periferia da cidade. O que a gente vê hoje muito frequente, a gente fez isso lá nos anos 90. Então de 90 a 96 eu trabalhei com essas oficinas. E não era a gente levar conteúdos culturais para as comunidades. Não. A gente tinha técnicas que se propunha a trabalhar, mas era justamente fazer o mapeamento das iniciativas culturais, que aconteciam na comunidade, em fazer essa relação de diálogo entre a periferia e o centro. A gente levou essa produção para dentro dos ambientes culturais como hoje a gente vê com mais frequência. É mais comum a diversidade, mas naquela época, nos anos 90...isso era muito novo, era muita inovação (P.D. em entrevista).*

*A minha experiência, inclusive, ela foi diferente, eu fazia todo esse trabalho de comunitário que a gente fala hoje de cultura de base comunitária, se utiliza muito esse conceito de cultura de base*

*comunitária, desenvolvi esse trabalho sobre descentralização da cultura e por desenvolver esse trabalho, na época a gente nem tinha o grafite e a intervenção urbana como arte urbana como a gente tem hoje, quando eu fui morar em Floripa, em 2005... em 2007 eu fui convidada a entrar no mestrado, na UFSC (P.D. em entrevista).*

*“Educação popular e movimentos sociais” e como é uma linha pautada para a perspectiva freiriana, uma ética de ingresso dos selecionados para entrarem nesse mestrado, eram pessoas que tinham um trabalho prático” (P.D. em entrevista).*

### 3.1.9.3 Sobrevoos e palavras-chave:

Imagem 9 - Nuvem de palavras da entrevistada 9



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.10 Entrevistada 10: Márcia Cabral (M.C.)<sup>27</sup>

*“Não é cultura, é uma expressão existencial, porque é o que constitui a existência” (M.C. em entrevista).*



Possui graduação em Terapia Ocupacional (1997) e em Fisioterapia (1995) pela Universidade Castelo Branco, especialização em Clínica Transdisciplinar e Instituição Pública (2002), mestrado (2004) e doutorado (2017) em Psicologia nos Estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense, e Especialização em História e Cultura Africana(s) e Afro-brasileira(s) pela Universidade Santa Úrsula/Instituto pretos Novos (2021). Tem experiência nas áreas de saúde mental e social em interfaces com atividades artísticas e culturais. Fez

parte da equipe de elaboração e implementação dos Cursos de Graduação em Terapia Ocupacional e em Fisioterapia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, atuando como professora e coordenadora da Graduação em Terapia Ocupacional (2006-2009).

Atualmente é professora adjunta do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Coordena o Laboratório de Estudos Africanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional - Işé (Lab Işé) - UFRJ e a Linha de pesquisa AAAFRONTO: Atividades Afro referenciadas e Afro acessibilidade Cultural, Negritude e Terapia Ocupacional do Grupo de pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional/ CNPq. Tem se dedicado aos estudos de epistemologias africanas e/ou afro-diaspóricas, investindo, mais especificamente, nos estudos das atividades afro referenciadas como eixo central dos processos de subjetivação do ser africano em diáspora e como diretriz fundadora da terapia ocupacional afro referenciada. Além desses estudos, estabelece diálogos entre terapia ocupacional e cultura, em especial, junto às populações negras, indígenas e de identidade e diversidade de gênero.

<sup>27</sup> Imagem e informações retiradas de <http://lattes.cnpq.br/2105402873295046>

*Eu tenho uma primeira formação em fisioterapia. Aí durante a minha formação em fisioterapia, eu comecei a fazer projeto de Extensão junto com colegas, que eu fui me seduzindo muito né pela abordagem. O que a terapia ocupacional tinha? Era exatamente o uso das abordagens, o modo de fazer né? Essas atividades elas dialogavam com a história (M.C. em entrevista).*

*Então tinha um trabalho de campo trabalhar demográfico né com população indígena, população negra e população LGBT, queria mais e aí a ideia é essa de fazer uma imersão né dentro desses grupos qual tipo né de Cultura marca os modos de vida desses diferentes grupos (M.C. em entrevista).*

### 3.1.10.1 Relações com o campo da cultura

*De visão de mundo, porque quando a gente vai falar de cultura, tem diferentes tipos de perspectiva cultural, inclusive na antropologia tem umas coisas muito endurecidas e muito dessa relação binária... Binária e às vezes opositora. Né? Então é humano e a natureza, ela fala sobre uma perspectiva de mundo, inclusive filosófica. E aí a gente vai olhando assim, quando a gente olha uma concepção filosófica ocidental, a gente percebe exatamente essas binaridades. Quando a gente olhar essas perspectivas filosóficas indígenas e africanas, a gente vai ver uma perspectiva pluriversal, não tem a questão da binaridade (M.C. em entrevista).*

*“Para mim assim é um paradoxo dizer “eu sou uma T.O. da cultura”. Porque na verdade é como se eu me afirmasse a um ponto e eu não me identifico como uma pessoa que está localizada no ponto” (M.C. em entrevista).*

*“Na verdade eu centro os meus estudos pautados na perspectiva das atividades ligadas à cultura africana, a cultura afro-brasileira” (M.C. em entrevista).*

*“Então as ninfas, por exemplo, então têm contexto cultural, então é sobre esse contexto cultural, né que o laboratório tem se dedicado a atividades de ensino, pesquisa e extensão a partir das identidades afro referenciadas (M.C. em entrevista).*

### 3.1.10.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*Eu fui me seduzindo pela abordagem que a terapia ocupacional tinha que era exatamente o uso das atividades nas abordagens da terapia ocupacional e de que modo essas atividades dialogavam com a história e com a singularidade das pessoas. E isso fez com que antes de eu concluir já começasse a puxar algumas disciplinas de terapia ocupacional e entrasse na terapia ocupacional fortemente interessada nesses estudos das atividades. Então o meu encontro com a T.O. é um encontro apaixonado pelo uso das atividades, que não é também*

*um consenso. Tem terapias ocupacionais que não necessariamente tem uma expressão na sua prática profissional com uso de atividades (M.C. em entrevista).*

*Então aqui trabalhando numa comunidade perto do sambódromo, tem um morro imenso atrás do sambódromo e a gente fazia alguns eventos, e a gente chamava lideranças da comunidade, então chamava grupo de pagode, grupo de passinho, de funk, teatro, grupos que a gente desenvolvia então a gente tinha na equipe professor de teatro, então a gente trabalhava com as pessoas com deficiência. E aí fazia toda essa produção. Eu gosto de mega espetáculos, é uma coisa que eu carrego na minha trajetória (M.C. em entrevista).*

*“Acho que é um campo específico (a cultura) na T.O. mas atualmente o trabalho que desenvolvo, eu não me entendo como uma T.O. da cultura, eu me entendo como uma T.O. de perspectiva afrorreferenciada, é essa construção que eu tenho feito” (M.C. em entrevista).*

### 3.1.10.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 10 - Nuvem de palavras da entrevistada 10



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.11 Entrevistada 11: Maria Daniela (M.D.)<sup>28</sup>

*“...como que a gente vai querer mudar a lógica se a gente não muda a prática”  
(M.D. em entrevista).*



Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2016). Mestre em Ciências pela Faculdade de Medicina da USP/SP (2010) e graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (2003). Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Programa de extensão, em Terapia Ocupacional Social, METUIA/UFES. Membro da Rede METUIA, da Rede Latino-Americana de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal (ABPRI) e do grupo de pesquisa Terapia Ocupacional e Cultura (UFRJ).

*Na minha época de formação nem tinha mas o que era o que estava em processo de desenvolvimento que é a questão do campo da terapia ocupacional social, que que é de onde eu consigo me formar pela T.O. Mas assim, ainda tudo muito Inicial, que eu me formo em 2002, então em 98 a gente tem a primeira publicação da T.O. social foi quando... eu entro Universidade (M.D. em entrevista).*

Interesse por temas relacionados a cultura, questões étnico-raciais, de classe e de gênero, povos indígenas e comunidades tradicionais, sustentabilidade e território, relacionamentos interculturais, Métodos adequados à solução de conflitos, mediação de conflitos, redes de cooperação, política de assistência social (SUAS) e grupos sociais em situação de vulnerabilidade.

*Eu acredito que o meu trabalho né? Ele foi sendo desenhado nessa questão da cultura enquanto campo de atuação na somente no início... na questão da interculturalidade das relações étnico raciais, enfim, focando na criação dos povos indígenas, de algumas etnias específicas, mais indeterminadas, das discussões...essa questão étnica. Aprofundo um pouco a questão da interculturalidade,*

<sup>28</sup> Imagem e informações retiradas de: <http://lattes.cnpq.br/0792734707832513>

*caminhando por uma discussão para cultura enquanto estrutura também e enquanto um campo de conhecimento (...) (M.D. em entrevista).*

### 3.1.11.1 Relações com o campo da cultura

*Eu acredito que o meu trabalho foi sendo desenhado nessa questão da cultura enquanto campo de atuação principalmente no início na questão da interculturalidade, das questões étnico-raciais, que acabam enfim... focando na questão dos povos indígenas, de algumas etnias específicas, mas que em determinadas discussões acabam ampliando um pouco nessa questão étnica e. hoje já acabo discutindo a questão interétnica que aprofunda um pouco a questão da interculturalidade (M.D. em entrevista).*

*“Então, eu sempre trouxe esse debate mesmo. na graduação, por ser amante das Artes e da cultura popular principalmente, eu tenho uma essência que desde a infância de participação da questão de movimentos de cultura popular” (M.D. em entrevista).*

*Então quando a gente vai discutir a questão da etnicidade principalmente pela discussão do Bahr que eu vou fazer... O Bahr ele traz essa questão das fronteiras étnicas, que é justamente isso né... a cultura ela pode agregar, ela ajuda você agregar grupos (M.D. em entrevista).*

*Eu vou trabalhar com o conceito de mediação intercultural, então o quanto o T.O. consegue estar nesse lugar aí de mediador, que vai possibilitar esses diálogos de aprendizado múltiplos, porque o que vai diferindo no trabalho como em comunidades é que a gente não vai lá para dar solução, a gente vai e se torna disponível com ferramentas e recursos que a terapia ocupacional nos forma, para poder agregar com as ferramentas e recursos dos grupos... e a partir desse encontro poder criar estratégias outras para que esses diálogos aconteçam (M.D. em entrevista).*

### 3.1.11.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*Então, assim a minha relação com cultura e T.O. eu acho que o marco são os projetos de extensão e pesquisa. a partir de 2011. O trabalho mesmo é esse do desenvolvimento da discussão da cultura para grupos étnicos na Terapia Ocupacional, então eu fiquei 10 anos aí fazendo essa discussão nesse enlace teórico-prático (M.D. em entrevista).*

*Então de trabalhos que a gente vai produzir E tenho feito uma conversa com Samira Costa que a gente tem aí... projetos de discutir essa questão da cultura, ambiente, meio ambiente, T.O. A gente quer pensar uma T.O. que T.O. que a gente acha que é possível, que abrange uma multiplicidade (M.D. em entrevista).*

*(...) como eu trabalho com grupos específicos no campo da cultura, fica muito evidente a questão relacional e, a relacional entre grupos, então não dá para eu não falar de racismo, não dá para eu falar de xenofobia, não dá para eu não tratar desse sistema que perpassam a existência desses grupos (M.D. em entrevista).*

### 3.1.11.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 11 - Nuvem de palavras da entrevistada 11



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.12 Entrevistada 12: Paula Cardoso (P.C.)<sup>29</sup>

*“A cultura pode ser campo sim, muito potente e. ela pode ser eixo central que pauta essas práticas, mesmo que seja em outro campo”* (P.C. em entrevista).



Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Terapeuta Ocupacional graduada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/2004) e Mestre em Educação Especial pela mesma Instituição (UFSCar/2009). Possui aprimoramento profissional em "Terapia Ocupacional em Reabilitação Psicossocial " pela Faculdade de Medicina de Botucatu (UNESP/2005) e especialização em Docência na Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(UFRGS\_MS/2015).

Tem experiência profissional na área de terapia ocupacional e suas interfaces com a Saúde Coletiva, Educação, Cultura e Assistência Social. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão nas linhas: terapia ocupacional, cultura e territórios; Epistemologia, prática e formação em terapia ocupacional; Perspectivas críticas e decoloniais em terapia ocupacional.

*A gente foi para o setor de cultura da cidade. Então, desde essa relação com a cidade, para entender as necessidades da cidade. A gente pergunta onde a gente pode contribuir. E há a afirmação que é um principal setor de cultura nos aponta o CEO das artes, que é um serviço comunitário territorial localizado nos setores considerados mais precários e violentos da cidade e que engloba setor de educação* (P.C. em entrevista concedida em maio de 2021).

Faz parte da equipe proponente e gestora do programa "Museu da Memória Viva", aprovado pelo Edital Mais Cultura nas Universidades (Minc\_MS/2016\_2018).

<sup>29</sup> Imagem e informações retiradas de: <http://lattes.cnpq.br/5808878063416033>

*“Ver a cultura enquanto campo de atuação, mas ela também pode ser um eixo central dessa atuação em outro canto, então nunca vamos esquecer um ponto da cultura porque eu começo vinculada à uma Fundação Cultural” (P.C. em entrevista).*

Compõe as coordenações do programa de extensão "ProCult Diversidade e Cidadania" e do grupo de pesquisa "AHTO - Atividades Humanas e Terapia Ocupacional". Doutoranda no programa de pós-graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar.

### 3.1.12.1 Relações com o campo da cultura

*(...) por uma demanda de ampliação de um curso a gente acabou abrindo, vamos dizer assim, um campo cultura e campo social para formação aqui, isso acontece em 2015/2016 também, e desde então a gente vem construindo parceria com os diferentes setores instituições, pessoas, movimentos de grupos na cidade para criar espaço de atuação (P.C. em entrevista).*

*Então a gente começa a desenvolver práticas, principalmente até antes da pesquisa para que a gente tem um campo de formação para os alunos e as nossas parcerias são com o CEO das Artes, na verdade a gente foi para o setor de cultura da cidade (P.C. em entrevista).*

*Você começar a dizer: “-cultura é o centro da intervenção da T.O. não é algo simples dentro de uma universidade.” Então quem eram os referenciais para me ajudar para fazer esse deslocamento? Porque é um deslocamento na formação, esses dois me ajudavam bastante, e aí em conversas com a Helena Chauí, isso de uma forma geral, muito calcado na Filosofia... e na Educação (P.C. em entrevista).*

*Então, eu não diria influência, eu não diria a cultura influencia. A cultura produz o cotidiano dessas pessoas, essa cultura é produzida nas relações... (P.C. em entrevista).*

*“A produção de cultura, ela pode estar atuando mais no encolhimento da vida, das possibilidades de vida... ou mais da ampliação das possibilidades de vida, um exemplo básico, quando a cultura” (P.C. em entrevista).*

*O nosso foco maior foi essa ação territorial, mas a gente tinha muita ação na universidade e também algumas articuladas com a cidade com os produtores culturais e de representação, sempre nessa ótica entendendo a cultura desse lugar, inclusive na universidade eu trabalhava muito em uma tensão, uma universidade de expressão*

*médica. Então, se você perguntar assim: Olha como é a possibilidade da T.O.? (P.C. em entrevista).*

*“Eu entendo a cultura como um vetor de produção daquele sujeito, mas quando eu li essa dimensão, eu estava entendendo a cultura como algo mais secundário, não é?” (P.C. em entrevista)*

*Acho que ela pode ser um campo... a cultura enquanto campo de atuação, mas ela também pode ser um eixo central dessa atuação, em outro campo, então, a gente começa num campo, vamos dizer que seria um campo da cultura ,porque eu começo vinculada a uma Fundação Cultural muito mais conectada com os produtores culturais e pela demanda como a gente sabe...o que é muito as pessoas, a necessidade... então um equipamento que é quase que é quase negligenciado naquele momento pela cultura e uma potência de parceria com a Assistência Social, olha só! Mudei de campo, né? Se for olhar nessa questão de campo, vamos pensar no Bourdieu aqui, nas tensões, nas construções de campo.... a gente migra do campo da cultura e vai para o campo da Assistência Social. Mas a nossa prática não mudou nada, porque a cultura continua sendo o eixo, então eu entendo que ela pode ser campo sim, muito potente e. ela pode ser isso central que pauta essas práticas, mesmo que seja em outro campo (P.C. em entrevista).*

### 3.1.12.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*E aí por uma demanda de ampliação de um curso a gente acabou abrindo, vamos dizer assim, um campo cultura e campo social para formação aqui, isso acontece em 2015/2016 também, e desde então a gente vem construindo parceria com os diferentes setores instituições, pessoas, movimentos de grupos na cidade para criar espaço de atuação, para criar propostas, criar parcerias e criar espaços de atuação nesse campo, porque aqui não tem terapeuta ocupacional atuando mais especificamente, mais diretamente com cultura e, é nessa lógica de um campo social. Então nós como docentes acabamos tendo que fazer esse trabalho de abrir esse campo, então desde 2015 (P.C. em entrevista).*

*E aí a Fundação Cultural que é um principal setor aqui de cultura, nos aponta o CEO das Artes, que é um serviço comunitário territorial, localizado nos setores considerados mais precários e violentos da cidade e que engloba setor de Educação, da Cultura e da Assistência Social, naquele momento na gestão da cultura e, a gente vai para lá... então lá em 2015, a gente começa a construir um campo de ação para a terapia ocupacional, a partir do que principalmente, experimentação! Muito numa lógica de experimentação e de construção conjunta das práticas, a gente em momento algum tinha uma prática para levar para uma comunidade, até por conta da própria construção do campo da cultura e do campo social na T.O. (P.C. em entrevista).*

*Porque é um deslocamento na formação, esse dois me ajudavam bastante, e aí em conversas com a Marilena Chauí, isso de uma forma geral, muito calcado na Filosofia... e na Educação. Já pensando na T.O.. a gente tinha uma conversa, né... e usava muito a Terapia Ocupacional Social... muito importante, nos primeiros anos então, nos ajudava muito, ainda nos ajuda (P.C. em entrevista).*

*Eu mergulhava e eu era parceira da equipe, e eu comecei a sentir e, ainda sinto, o nosso grupo, mas eu tenho muito dessa inquietação, de uma necessidade de um aprofundamento, de um fortalecimento desses referenciais teóricos e da própria produção da terapia ocupacional, nesse contexto de campo social, campo cultura e cultura como eixo, eu senti uma necessidade muito grande de aprofundar na produção de conhecimento da terapia ocupacional com essas conjunções, a gente fazia essas composições desses autores, desses referenciais, muito na prática, o eixo central prática e formação (P.C. em entrevista).*

*Então eu não vou colocar a T.O. como potência de transformar. Mas, de compor como processo de transformação, e aí eu trabalho muito com a ideia de produção de subjetividade, então nesse sentido, Foucault e Deleuze me ajudou muito, de como os sujeitos são produzidos pelo meio em que vivem, na relação com a sua potência e com a sua singularidade (P.C. em entrevista).*

*Quem me traz a expansão, concepção, é o Espinoza.... expansão é um conceito muito espinosano. Ele não vai usar encolhimento não, eu que estou falando, mas o sentido oposto aí a essa ideia de expansão da vida, mais vida, da produção de vida, da produção de mais vida, da produção da diferença, da produção de formas diversas de viver, mais livres, de experimentação e menos violento. E isso tem toda uma lógica de contexto social, cultural que é macro, mas que está aqui (P.C. em entrevista).*

*Então, se você perguntar assim: Olha como é a possibilidade da T.O.? Porque quando a gente fala dessa perspectiva de cultura é um conceito de cultura, uma compreensão de cultura que não está posta para todo mundo, ela é uma compressão de cultura de um lugar de complexidade, e na minha universidade, por exemplo, a compreensão de cultura está bastante longe disso... então, eu comecei a entrar em umas discussões dos projetos para tensionar a complexificação dessa compreensão de cultura, na conexão com os direitos culturais e com a produção da subjetividade e a importância disso. De produção prática está aí, de produção acadêmica, sempre na formação eram estágio, era extensão, era pesquisa, mas aí a pesquisa muito localizada em TCC e Iniciação Científica, são pesquisas pequenas acadêmicas e gestão que a gente conseguiu transformar, e isso é uma coisa para a gente celebrar, lembra que eu te falei que não tinha campo social e cultura? (P.C. em entrevista).*

*Têm várias questões, o tensionamento da prefeitura que a gente faz para contratação, mas também, a formação de redes o fortalecimento de grupos diferentes em contextos diferentes que estão experimentando T.O. e cultura, estão aprofundando essa experiência, estão produzindo conhecimento como que eles juntos podem se fortalecer? (P.C. em entrevista).*

### 3.1.12.3 Sobrevoos e palavras-chave:

Imagem 12 - Nuvem de palavras da entrevistada 12



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

### 3.1.13 Entrevistadas 13 e 14 : Marina Silvestrini (M.C.) e Isadora Cardinali (I.C)



**Marina Sanches Silvestrini<sup>30</sup>** é graduada na área de Terapia Ocupacional, tem experiência prática com projetos de ensino, pesquisa, extensão, estágios e outras atividades de formação extra curriculares. Busca formações relacionadas ao corpo, movimento, arte e cultura, dança e outras abordagens corporais, sensíveis. Tem formação com bailarina (clássica e contemporânea).

*“Terapia ocupacional na cultura: porque quem está nisso, está muito engajado, motivado, muito dentro, porque está entendendo a dimensão disso, de como isso é tão potente garantir as formas de existência das pessoas e estamos mobilizados para essa transformação” (M.S. em entrevista).*

Participou de projetos em diversas áreas da terapia ocupacional procurando diversificar sua formação. Atualmente o foco principal é discutir e fazer práticas de terapia ocupacional no campo social/cultural, com estratégias como arte, corpo, dança e oficinas variadas.

Terminou a pesquisa de Iniciação Tecnológica (PIBITI-2013), na qual discutiu sobre as atividades humanas, na terapia ocupacional e na vida de forma mais ampla, em específico com a temática do desenvolvimento infantil (Piaget). É especialista em Gestão Cultural e Economia Criativa pelo Centro Universitário Senac Santo Amaro - SP. É membro do Grupo de Pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (Diretório CNPq - 2013). Atuou como agente cultural de projetos artísticos-culturais e como técnica do laboratório AHTO. Atualmente é supervisora do Estágio de graduação do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar em cultura, professora de dança e pesquisadora.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Fonte: Imagem cedida pela entrevistada.

<sup>31</sup>Fonte: <http://lattes.cnpq.br/0814604765887538>



**Isadora Cardinalli**<sup>32</sup> possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (2011). cursou a Especialização em Terapia Ocupacional: campos de intervenção e perspectivas de inovações da prática, com foco em Artes, Saúde e Cultura, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - FMUSP (2014), estando inserida no Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional - PACTO. Realizou o mestrado e o doutorado em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-

Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar. É membro do Grupo de Pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional - AHTO, atuando no Laboratório AHTO da UFSCar desde 2013. Os principais temas de atuação são: terapia ocupacional, atividades humanas, produção de vida, arte e cultura e contextos sociais.

*Ele (se referindo ao projeto MAIS UM CORRE) começa com o nascimento do AHTO, né? Acho que vai tomando mais corpo de cultura e os métodos que vão diferenciando e aí eu acho que os Direitos Humanos(...). Estava nessa linha de Direitos Humanos Educação e Cultura, então também tem uma coisa e a gente fazia as discussões dos direitos com as experimentações e atividades artístico-culturais, então também eu acho que tá ele é o primeiro projeto e nasce no AHTO, mas ele é ainda um caminho para que a gente fizesse o desenho de fato da cultura em si como o fomento da cultura, né? (M.S. e I.C. em entrevista concedida em julho de 2021).*

### 3.1.13.1 Relações com o campo da cultura

*Essa relação com as artes e a cultura foi ganhando um outro lugar e uma outra visibilidade do que é que se produz, a gente deixou de ter uma pauta outra para entender que a produção do que se fazia que era de fato uma outra participação cultural, que aquilo que se produzia tinha uma relação com o mundo e, aquelas pessoas estavam produzindo aquelas coisas. Então, como a Ma vai dizer dizendo, isso tem que ser exposto, e aquelas pessoas estão a fim de expor isso, chamá-las de artistas, compreender que eram artistas da rua. Acho que essa pauta vai ganhando outra visibilidade mesmo (M.S. e I.C. em entrevista).*

<sup>32</sup>Fonte: Imagem retirada de <https://www.researchgate.net/profile/Isadora-Cardinalli>

*Então, compreender que a atividade humana e essa relação com a cultura, ela é intrínseca ao desenvolvimento da vida, nem sei se eu vou usar essa palavra “desenvolvimento”, mas essa produção da vida, quando a Ma fala é a produção da existência daquela pessoa então, os modos de vida vamos dizendo. vão trazendo contornos do que são... do que a gente vai entender por Cultura (...) (M.S. e I.C. em entrevista).*

*E a gente chegou no que a gente concorda e pensa de cultura, como essa existência, esse modo de vida, que existe cultura em todas as formas de vida, que o ser humano é um ser cultural, mas acho que a Isa propôs várias coisas que a gente já chegou a discutir, não só o ser humano (...) A gente não entende de que é só isso, né... Que a cultura é apenas a relação artes, mas como já era uma coisa que a gente se interessava e se relacionava com as atividades as Artes e as atividades (M.S. e I.C. em entrevista).*

*Na minha opinião né, e na opinião da minha pesquisa, é uma potência do trabalho da terapia ocupacional na cultura porque quem está nisso, está muito engajado, está muito motivado, está muito dentro, está entendendo, está entendendo a dimensão disso, de como isso é tão potente garantir forma de existência das pessoas e tentar mobilizado para isso, então acho que esse quando eu falo é tão tocante, porque é tocante mesmo né... é falar do que mobiliza assim, eu acho que é um diferencial da nossa prática e... eu estou aqui pensando (M.S. e I.C. em entrevista).*

*A gente como está falando aí dessa relação com a cultura é entender que essas múltiplas esferas estão todas em relação, né assim... e como isso vai dando. Mas aí quando eu tive essa relação na formação com as estudantes de T.O. e no ensino das atividades, que aonde eu estava, entender, fazer essa relação entre o que a gente faz aí... que a gente chama de atividade humana, mas que podia chamar de outras coisas...mas entender o que se faz na individualidade ou no momento mais íntimo que a gente possa ter, como isso se relaciona com as questões culturais e identitárias (M.S. e I.C. em entrevista).*

*É isso que eu ia falar para você, não são dimensões da cultura. eu acho que é um exercício teórico-metodológico para profissão, que é didático, que é pensar a expressão da atuação, inclusive no mercado de trabalho que é segmentado. é especialista, né... a gente está falando disso também, então é importante saber, é importante nomear, mas na prática nem sempre isso vai ser assim na caixinha entende? (M.S. e I.C. em entrevista).*

### 3.1.13.2 Práticas profissionais (alguns trechos)

*“Embora, a gente fosse para espaços culturais da cidade, o pacto em si tem articulação com as políticas de interface” (M.S. e I.C. em entrevista).*

*A nossa cultura que a gente estava produzindo aqui, então Mais Um Corre foi essa chave mesmo que a Isa falou. Foi uma chave... muito importante porque daí eu conversei com a Carla, falei da exposição e a gente juntou o pessoal que estava interessado, eu lembro que eu escrevi o projeto, primeiro projeto, o Mais Um Corre e foi muito bonito, né, foi um dos projetos mais marcante com certeza! E aí ele rendeu várias coisas, então rendeu discussões sobre o que a gente estava fazendo como a gente podia chamar.... nossa é uma exposição! Então como a gente circula, como que a gente produz, como a gente vai fazer a gestão disso... aí foram aparecendo palavras que a gente foi usando depois e trazendo esses nomes e até a discussão do mestrado a gente foi aprimorando e elaborando como grupo de estudo, coisas do campo da cultura então, gestão cultural (M.S. e I.C. em entrevista).*

*Acho que como a gente também junto com o desenvolvimento do AHTO é importante para gente entender o que a gente faz como terapia ocupacional. Então, acho que a gente vai redesenhando, o que é terapia ocupacional para gente, a própria constituição do laboratório, chamando as atividades humanas em terapia ocupacional, vai dando esse lugar do que é atividade para gente, por que a atividade humana? Então, acho que tudo isso vai se conectando e um pouco do que também estou entendendo agora com o trabalho do doutorado, que é também um deslocamento daquela compreensão de terapia ocupacional, que que é linear né... assim, que identifica um problema, precisa levar uma proposta de modificação e busca uma solução (M.S. e I.C. em entrevista).*

*Isso não desmerece... só para dizer isso, não é que... não tem um desmerecimento da técnica ou do recurso, que às vezes a gente precisa estabelecer uma relação ali, mas a atividade humana ela está no todo, ela não está só ali no momento específico dessa construção linear de uma atuação da terapia ocupacional, sabe? (M.S. e I.C. em entrevista).*

*Quando a gente fala então sobre uma terapia ocupacional da cultura, eu penso que a gente está naquela... militando ainda para discutir isso, porque é necessário... então a formação mais tecnicista ela existe e ela super é importante, mas praticamente a gente não precisa mais quase ficar falando que ela é importante, né... A gente não precisa justificar que a terapia da mão é superimportante para reabilitação da mão, porque que a gente sabe né... assim a técnica ela fez parte da existência da história da terapia ocupacional, então a atividade como técnica, como é forma para se chegar ao objetivo final ali, né... Seja ele na reabilitação, seja ele da saúde mental... está mais dado isso. já está mais colocado esse caminho, né... então assim, por exemplo, eu tive uma prática variada, em vários campos, desde a medida socioeducativa até atualmente que eu atuo na área do Desenvolvimento Infantil (M.S. e I.C. em entrevista).*

*“Então a gestão, como e porque a gente fala da gestão, de produção, de criação, de fruição e... que eram coisas que a gente falava mesmo na nossa prática e*

a gente foi trazendo da dimensão da cultura e foi compondo” (M.S. e I.C. em entrevista).

*(...) as pessoas falam da minha prática desse jeito, mas pensando eu acredito que sejam as pessoas tentando nomear a terapia ocupacional e a cultura, entendeu...só que para a gente é muito óbvio porque está muito dado na nossa cabeça, né, mas são as pessoas da clínica, as pessoas que estão ali (M.S. e I.C. em entrevista).*

### 3.1.13.3 Sobrevoos e palavras-chave

Imagem 13 - Nuvem de palavras das entrevistadas 13 e 14



Fonte: Próprio autor. Produzida através de [www.wordclouds.com.br](http://www.wordclouds.com.br)

## 3.2 CURADORIA SOBRE AS TEMÁTICAS (OBSERVANDO A PAISAGEM DA JANELA DO AVIÃO)

A estrutura textual desta seção se divide na apresentação das temáticas selecionadas para representar a diversidade das reflexões e práticas presentes nas análises narrativas realizadas. Desta forma, se trata mais de curadorias temáticas do que de classificações, análises temáticas ou comparativas.

Sendo assim, temos cinco sobrevoos: política e direito; acessibilidade cultural; experimentações estéticas; corporeidade e Relações Interseccionais (Figura 1).

Importante ressaltar que cada entrevista se caracteriza pela acentuação de algumas das cinco temáticas, significando que não necessariamente encontraremos todas as temáticas em todas as entrevistas, pois a busca foi pela relevância e não pelo comum.

Figura 1 - Relação das temáticas abordadas, a partir das entrevistas realizadas



Fonte: próprio autor.

Optamos por realizar uma curadoria temática, analisando as narrativas sob a perspectiva polissêmica e interdisciplinar. De acordo com Siebra, Borba e Miranda (2016) a curadoria é uma prática interdisciplinar por expor as informações sob quatro vieses: morfológico, teórico, epistemológico e técnico. Para os autores, a curadoria não está relacionada apenas como uma maneira de analisar a ciência, mas também como uma ordem humana de analisar os dados. A curadoria é uma amostra que busca integrar diversas informações e pontos de vista.

Desta maneira a curadoria expõe as narrativas, buscando enquadrá-las dentro das temáticas que encontramos, destacando confluências e divergências nas narrativas apresentadas. Trouxemos diversos pontos de vista que compõem e sustentam a ideia de que a cultura é um campo específico da terapia ocupacional. Se constitui enquanto campo porque apresenta perspectivas, referenciais teóricos metodológicos e epistemologias próprios que identificam e o fomentam enquanto campo. É campo de atuação, é campo de pesquisa e é campo de ação.

Para esta tese, o conceito de curadoria vem como uma exposição de práticas terapêutico- ocupacionais em diálogo com os conceitos múltiplos em torno da cultura.

Mais do que uma curadoria, buscamos nomear conceitos e temáticas para que fortalecer a nossa hipótese. Durante nosso trabalho percebemos a multiplicidade de pontos de vista. Entretanto, afirmar um campo é buscar também pontos em comum frente à todas entrevistadas: a cultura como elemento essencial da vida, como condição humana foi tema transversal à todas as entrevistadas. Todas as temáticas estão atravessadas a partir da cultura como direito e fazer político. Tudo se concebe sobre as ideias dos exercícios políticos e dos direitos. A cultura se infiltra nas mais diversas categorias de análise: na saúde, nas artes, no corpo e na essência humana. A cultura perpassa todas as nossas categorias de análise.

A seção “*Política e Direito: um pouso sobre a área do respeito.*”, traremos trechos que evidenciam a cultura como direitos, sobre a importâncias das políticas culturais, sobre patrimônio cultural e construção da cidadania. Para nós, as políticas e os direitos humanos garantem que as outras temáticas sejam contempladas nas vidas cotidianas das pessoas: é a partir das políticas que se asseguram os direitos que, por sua vez, dão acesso às demais temáticas trazidas em nossas discussões. A maneira de dizer e narrar se dá pela reunião teórico-prática na relação da terapia ocupacional com a cultura. Afirmamos a composição de um campo cujas características e elementos estabelecem novos olhares para os setores da terapia ocupacional e da cultura. Reestabelecemos pontos, ampliando a discussão acerca das temáticas desta curadoria. Mais do que uma curadoria que mostra e expõe os trabalhos das terapeutas e as suas visões sobre o vasto campo da cultura, estamos galgando novos olhares sobre um campo em expansão.

A seção “*Acessibilidade: adentrando nos espaços como protagonistas*” caracteriza um ponto convergente entre as participantes e parte que fundamenta todo e qualquer trabalho dentro do universo (e aqui nos referimos ao mais amplo universo) da terapia ocupacional. Independentemente da área de concentração, notamos que uma transversalidade das práticas é a acessibilidade. Haja vista, que a terapia ocupacional é uma área do conhecimento criada a partir de determinadas vulnerabilidades (sejam elas: físicas, econômicas, interativas ou quaisquer outras), há a temática da acessibilidade dos usuários em todas as entrevistas, em menor ou maior grau. Este é outro ponto convergente de todas as entrevistadas. O acesso à cultura e as políticas em torno dos elementos culturais são pontos que fortificam a argumentação e o fortalecimento do campo.

Sobre “Experiências estéticas: vislumbrando a maravilha dos céus, elencamos narrativas que estabeleçam relação direta com o universo da experimentação, da fruição, da vivência por meio do contato com as mais diversas artes e interfaces com a cultura.

Na temática: “Corpo/Corporeidade: sentindo o vento durante a navegação”, traremos exemplos de práticas que ampliem a consciência do corpo no mundo: suas possibilidades de recriação e reinserção no mundo a partir de elementos culturais, como a arte, a dança, teatro e todas as expressões que possam envolver a maximização dos corpos e suas potencialidades.

Por fim, na seção “Relações Interseccionais paraquedistas em oração aos céus”, ressaltamos práticas que evidenciem as interseccionais idades entre raça/cor, gêneros, classes sociais, entre outros marcadores; a importância da representatividade e dos aprofundamentos teóricos e práticos sobre/das atividades afro referenciadas e suas potências.

Vale salientar novamente que em cada temática trazemos narrativas das participantes e alguns trechos de textos e produções, na tentativa de amarrar as práticas junto às teorias que se referem sobre terapia ocupacional, cultura e suas interfaces. É um sobrevoo sucinto, uma possível curadoria temática, uma vez que sobre cada temática seria possível longas discussões, dando origem à novas teses (a partir de cada seção temática). A cultura em todas as temáticas é tida como elemento vital, produzindo alterações positivas e negativas na vida cotidiana das pessoas.

A cultura vai aparecendo de diferentes maneiras, sob diferentes perspectivas, sob novas concepções: a cultura é substância da vida.

### **3.2.1 Política e Direito: um pouso sobre a área do respeito.**

No caso da cultura, os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos-ONU-, a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, adotada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em outubro de 2005, ratificada pelo Congresso Nacional brasileiro e a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2009) foram determinantes para as conquistas legais (DORNELES; CARVALHO; MEFANO, 2019, p. 2)

As políticas podem ser compreendidas como pontes para a garantia dos direitos humanos. A cultura é apresentada de diferentes formas no campo das políticas, assim como, quando nos referimos ao direito, desde o reconhecimento, preservação como patrimônios da humanidade, como identidade de um povo e parte estruturante da vida ou ampliação da potência de vida. Neste sentido, a relação da cultura como identidade, pertencimento, reconhecimento estão presentes nas narrativas como próprias do vivo.

*Então essa experiência de poder trazer a sua identidade cultural, a sua identidade como pessoa e resgatar isso para esse empoderamento e poder estar com os outros, de modo muito criativo e muito presente, muito autônomo, foi algo assim que eu tiro da minha prática, desse percurso (A.J. em entrevista).*

*“(...) se eu estou entendendo que as manifestações culturais, as manifestações artísticas, elas são próprias do vivo e do humano, não sei... já estou até questionando essa história do humano....”(F.L. em entrevista).*

Proporcionar vivências estéticas é ampliar as maneiras de estarmos no mundo. Notamos aqui a utilização da arte na relação direta com a fruição.

*Do quanto a gente vai conseguir transformar realidades pela revolução que parte da cultura. Tinha muito questionamento do que eu fazia, da cultura como campo, que quando ouvia por exemplo as reflexões que eu produzia em outros campos a respeito da questão cidadã da cultura, da identidade, isso eu entendia que cabia em qualquer campo que eu tivesse, na saúde mental, na educação, etc. (M.M. em entrevista).*

A terapia ocupacional se aproxima da cultura sob diferentes setores: as práticas culturais e artísticas compõem, para nós, setores distintos e dimensões que se encaixam, enquanto exercício filosófico e de debate, nas mais diversas ações profissionais. Novamente notamos a presença da cultura como elemento da vida cotidiana.

*Não que eu não posso usar música com uma finalidade terapêutica, mas é reduzir muito a música enquanto manifestação do vivo; cantar, tocar e dançar; como algo inerente da nossa existência... como uma estratégia para resolver um problema específico. Eu tento ampliar, sabe? (F.L. em entrevista).*

*“As formas de pensamento, de como a gente aprende, dentro desse cotidiano e isso pra mim é cultura” (A.J. em entrevista).*

*“É o cotidiano e a cultura do cotidiano. Essa mãe conseguindo inserir essa criança em signos e significados culturais, que ela aprendeu quando era criança, que ela aprendeu agora sendo mãe” (A.J. em entrevista).*

*A cultura ela reúne os objetos, os elementos, as expressividades da humanidade... são as linguagens culturais. Então tudo está permeado e atravessado pela cultura, então a sua hipótese é uma hipótese bastante interessante (...). Porque a questão da cultura e dos atravessamentos da cultura, elas estão em todos os sujeitos, em todos os grupos. Não existe uma T.O. que não parta de uma análise de uma perspectiva cultural da existência das pessoas (F.L. em entrevista).*

*“A cultura... é parte do cotidiano das pessoas.... não é que eu estou dando cultura... ela, a pessoa, ela é construída. Mas ela nunca está sozinha. Ela está sempre em composição” (F.L. em entrevista).*

*“O que aproxima a saúde mental das artes, o que aproxima o campo social das artes, são razões diferentes, mas que se cruzam em alguma medida dessa participação social mais ampliada, dessa ideia do cotidiano” (Devir A. em entrevista).*

*“A cultura, por isso que eu te falo, não é instrumento, não é só campo que eu posso fazer qualquer campo, teoricamente, e ela não é uma influência, ela é produto e produção dessa experiência cotidiana. É um eixo, um vetor essencial” (P.C. em entrevista).*

*Cultura é parte do cotidiano das pessoas... não é que eu “tô” dando cultura... ela, a pessoa, ela é construída. Os seus aspectos... pela sua dimensão cultural... como ela tá concedida pela sua dimensão política, pela sua dimensão econômica, pela sua dimensão física, pela sua dimensão intelectual afetiva, ela é... Faz parte dessa construção do ser no mundo, né? (F.L. respondendo sobre as percepções dos campos da cultura e da terapia ocupacional).*

De acordo com a entrevistada, a cultura é um processo dinâmico, em constante transformação e está relacionado à outras esferas do fazer humano. Há uma visão mais centralizada na utilização da cultura como um processo.

Novamente devemos tomar cuidado com a romantização do conceito de cultura. Ela pode estar presente de forma perniciosa e manipuladora na vida das

peças. As transformações sugeridas no trabalho com a cultura podem ter viés de alienação e controle. Portanto, as faces da cultura se mostram também dinâmicas.

As práticas e ações podem se deslocar e criarem novos sentidos de interpretação. Facilitar o acesso à cultura e a permanência de outras culturas no cotidiano das pessoas é papel principal da potência no trabalho da terapia ocupacional. Ampliar as práticas e os olhares sobre elas, faz com que se ampliem as possibilidades de interação com a vida.

*Há uma questão que é o seguinte: a cultura ela é um tema transversal, ok. Todos nós concordamos com isso! Na terapia ocupacional ela tem uma tradição de se utilizar das linguagens artísticas, na raiz da terapia ocupacional, na saúde mental, as oficinas, os trabalhos artísticos... com reforma psiquiátrica as pessoas foram para as ruas, tentar ocupar novos espaços, era uma ideia da cidadania e da saúde mental (P.D. em entrevista).*

*“E aí é o campo que eu consigo dialogar por Denise né, que vem trazendo essa pauta da cultura e dessa questão estruturante da cultura para a terapia ocupacional. E aí vou fazendo vários trabalhos assim” (M.D. em entrevista).*

*Mas tem muitos anos que abandonei essa ideia de pensar as atividades como recursos, as atividades estão no mundo. O T.O. transita e facilita, apresenta outros fazeres, faz pequenos deslocamentos naqueles fazeres que já existem, problematiza. Isso eu penso que essas atividades condensam todas essas dimensões culturais, não consigo pensar nisso descolado (Devir A. em entrevista).*

*A cultura atravessa todas as práticas. Aí tem a desvalorização, de novo, a lógica de contorno, a lógica reducionista, ela coloca quadrado e as relações entre os quadrados, relações hierárquicas, claro, os quadrados existem. Então cultura na T.O. vamos pensar em um contexto da T.O. cultura é o seu quadrado, não tem a ver comigo e é um quadrado que está lá embaixo. Entendeu, hierarquicamente é um quadrado e é um quadrado inferior. É nesse sentido, que eu te digo desafio é a gente ainda simbolizar processos contra hegemônicos (P.C. em entrevista).*

Aqui, outra vez, percebemos a presença da cultura nas práticas. Reconhecer as práticas e identificá-las é um processo de consolidação do campo. A maneira, o modo, as escolhas de como vamos debater sobre isso é compromisso ético/político que leva à criticidade para não cairmos justamente sobre aquilo que não desejamos:

a hegemonia e a padronização dos seres pela e para uma cultura de massa, por exemplo.

*(...) quando a gente opta por compreender a atividade humana nessa relação de tudo que produz vida, então os modos de vida são culturais, então a cultura sim está nesta constituição da nossa compreensão, de como a gente compreende a existência, está intrínseco a uma formação cultural da qual a gente pertence, e que pode ser expandível, e eu acho que aí que também entra T.O., tanto do reconhecimento desta cultura que a gente (M.S. e I.C. em entrevista).*

Cultura como exercício da ação humana para a sobrevivência, As artes visuais, a literatura, a dança, o teatro, todas as áreas que envolvam a cultura como um todo se expandem para que possamos confirmar o direito aos acessos. Cultura como direito é outro ponto convergente nas entrevistas.

*Então, todo o projeto...ele é muito fortemente articulado na dimensão da cultura, seja no poder, dialogar, se abrir para o diálogo e entender o que faz sentido, do ponto de vista dessas questões estruturais daquele grupo, e também das diferenças das gerações, de gênero e do ponto de vista da política, né. De fato, produzir objeto que faz diálogo estreito com a política de cultura (D.G. em entrevista).*

De acordo com Débora Galvani (2008) as atividades culturais, bem como a utilização da cultura nos espaços de atuação, que convidam para propostas e compreensões coletivas para determinados problemas, que devem ser enfrentadas de maneira reconhecer as potências e os limites e tensões das interculturalidades.

*Eu fui convidada a coordenar a coordenadoria de Direitos humanos pensam que está ligada a nossa Pró-Reitoria de extensão, e ali abrem-se muitos horizontes e, a partir dali, eu passo também a dar mais atenção as dimensões ligadas a interculturalidade e ao próprio conceito de interculturalidade, Por quê? Porque a partir desta coordenadoria que eu entro em contato com o movimento dos professores indígenas no Estado de São Paulo, reivindicando uma licenciatura intercultural indígena diferenciada, então a minha função na universidade era recebê-los, ouvir a demanda, entender, articular, achar caminhos, e esses caminhos foram construídos na relação com o outro grupo que eu passei a fazer parte também (..) de conhecimentos tradicionais, não hegemônicos, contra hegemônicos e que vai discutir as cotas epistemológicas na universidade (D.G. em entrevista).*

Tal debate levanta as reflexões sobre a cultura como campo provável para a atuação dos terapeutas ocupacionais têm sido pauta para a consolidação da área, não contrapondo a importância das demais frentes, mas como outra vertente de atuação. Eis que sob tal perspectiva somos convidados aos estudos mais refinados sobre políticas culturais, políticas públicas, cultura e seus conceitos, pois trata-se da postura que se adota no campo, para a expansão dos direitos e cidadania.

*Eu compreendo e sou uma das pessoas que vem desbravando essa pauta da cultura como campo específico da T.O. O meu pós-doutorado na UFSCar, veio para discutir uma terapia ocupacional na cultura. Foi essa discussão que eu fiz no meu pós-doutorado, inclusive a gente lançou uma revista que é "Terapia Ocupacional e Cultura" da UFSCar (P.D. em entrevista).*

*Nosso de trabalho seria na cultura em conversa direta com a questão da diversidade, exercício da cidadania... muito pautado pelas políticas públicas, inicialmente e depois a gente vai conversar mais com assistência Social. E aí que ações são essas: antes de tudo é uma ação de aproximação e conhecimento do território e das pessoas para gente (...) para se trabalhar com o outro e tendo a cultura como eixo... é encontrar as pessoas e nos apresentar para as pessoas antes de qualquer intervenção (P.C. em entrevista).*

As políticas costuram a nossa análise. Tanto na área da saúde, quanto na área social, em diversos setores e núcleos da terapia ocupacional, a cultura se apresenta para nós, antes de tudo, como exercício político e ético. Racionalizar os processos de atuação dos profissionais e sistematizar discursos acerca da cultura é dar força à cultura como campo. A porta de entrada para a cultura se dá pelas políticas.

O acesso a bens simbólicos por meio do vale proporciona uma visão da riqueza cultural ligada ao consumo e à aposta de que o mercado é capaz de oferecer opções de acesso ao conhecimento. Deixa-se em aberto a questão de saber se essa descrição é mais interessante do que aquela que diz ser a cultura uma questão de oportunidades de valores disponíveis ou não às pessoas e que, em geral, as opções no sentido de enriquecimento das estruturas culturais são coletivas, dos criadores, e não apenas dos consumidores (SILVA, 2021, p. 131).

A demonstração de novos horizontes para a atuação profissional do terapeuta ocupacional passa pela reelaboração da ideia do que pode ser a revisão, o enfoque, a demanda presentes na sua própria atuação profissional.

*Se a pessoa quiser desenvolver... Se ela tiver desejo, uma habilidade, uma dedicação...ela vai fazer...senão, ela vai ter aquilo como elemento significativo para ela. Ela vai querer ir mais ao cinema, ela vai querer mais literatura, ela vai querer ir mais ao teatro, ela vai entender que os espaços culturais lhes pertencem, ela vai ter querer frequentar porque as pessoas de periferia, às vezes acham que um espaço público não tem a ver com elas (P.D. em entrevista).*

Este trecho nos mostra que devemos enquanto profissionais darmos a possibilidade do desenvolvimento de práticas culturais, mas quem vai decidir o impacto e o efeito disso são as próprias pessoas. Assim como, não podemos romantizar a cultura como algo somente bom, também devemos nos atentar para o fato de que uma experiência positiva para um pode não significar a mesma coisa para o outro.

Outro ponto importante recai sobre a esfera da cidadania: a cultura simboliza um exercício de cidadania:

*Embora ressaltemos a significância da cultura como símbolo, cidadania e forma de organização econômica e social inclusiva, entende-se que essas dimensões estão implicadas e inter-relacionadas. Para promover tais dimensões da cultura é necessário o interesse das diferentes esferas políticas para legislar, promover e garantir direitos capazes de promover ações que sustentem a cultura a partir desta perspectiva plural (SILVA *et al.*, 2019, p. 3).*

Os produtos do campo cultural aparecem como objetos de análise estética, artística, são experiências com finalidades voltadas para o desenvolvimento de elementos próprios desse lugar e como ponte entre a comunidade e a universidade, mas acima de tudo estratégias de ampliação da própria política cultural, como destacado na narrativa, a seguir:

*Os produtos que fizemos foram as experiências do ProCult nos eventos. Então durante todos esses anos, a gente ia para os eventos de T.O. Em 2015, a gente passou pelos principais eventos da T.O. com resumos, então a gente queria dizer da nossa prática. A gente não conseguiu e é um dos nossos desejos...os nossos eventos nunca foram só acadêmicos, eram acadêmicos/comunitários (P.C em entrevista).*

*(...) disso que eu estou querendo falar. É um pouco isso: não só fortalecer a terapia ocupacional, mas também fortalecer a própria política cultural, que só foi sendo constituída de uma forma firme e ampliada no Brasil nos últimos vinte anos e só a trinta anos que se*

*escreve sobre política cultural na área de política cultural, porque se falava de política cultural na sociologia. O campo de publicação, de política cultural também é um campo novo no Brasil (P.C em entrevista).*

*“(...) sempre com essa questão central que conecta a cultura, o exercício da Cidadania, a relação daquelas pessoas com aquele equipamento, e a potencialização das suas vidas e famílias” (P.C. em entrevista).*

A cultura também é trazida como elemento necessário de criticidade e é elemento constitutivo das identidades (BAUMAN, 2005).

*Ai, que cara culto, ele frequenta os museus”. E, às vezes, falam:” Nossa, como ele é culto!”. Depende, né? Depende. Mas a Cristina Castro, fala uma coisa interessante que é o cultivo... Mais do que cultura, é o cultivo... é bonito esse texto também... Porque é isso... a gente pode cair em um lugar do suposto saber... às vezes a pessoa não pisou, a pessoa nunca pisou em um museu e ela tem uma cultura incrível, um saber incrível, uma práxis calcada no presente e nunca pisou no museu. E vem falar que a pessoa é culta porque ela pisou em um museu. Museu é muito chato, o museu está preparado para receber qualquer pessoa? Não. Às vezes o museu ele é completamente excludente. Por outro lado... tem vários lados né? Uma pessoa que nunca viu uma peça, que nunca leu um livro, que são os bens culturais da humanidade (F.L. em entrevista).*

Atualmente, as políticas públicas brasileiras apresentam a cultura enquanto direito. Cultura, nesse caso, não apenas entendida como manifestações artísticas, folclóricas e/ou estéticas, mas enquanto uma questão de identidade, protegendo, assim, também a sua diversidade. Um exemplo dessa nova concepção é Programa Mais cultura, lançado em 2007 e que traz como premissa o direito à cultura como necessidade básica de todo cidadão brasileiro. A cultura, portanto, passa a ser incorporada como importante elemento para o desenvolvimento do país, sendo incluída na agenda social como política pública, visando reduzir a pobreza e a desigualdade social (GONÇALVES; COSTA; TAKEITI, 2017, p. 539).

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2022), o alto preço de museu e centros culturais é a principal barreira para o não acesso a esses espaços. Segundo a fonte, 70% dos brasileiros nunca foram a museus ou a um centro cultural.

*Eu acho que ter esta dimensão crítica política, por isso que é ético, estético, político, porque tem essa relação... a gente pode chamar de consciência... usando aí o Paulo Freire né... a conscientização. Não sei se é a melhor palavra, mas que me veio agora, mas que essa compreensão do todo, mas também entender do problema, da*

*dominação, da precarização, da hegemonia... Porque eu acho que também tem uma coisa do embelezamento da T.O. E aí eu não estou falando da beleza como a beleza que a gente costuma falar, né da beleza da diferença, mas de uma tentativa de romantização (M.S. e I.C. em entrevista)*

A cultura, para F.L., está relacionada aos direitos humanos e aos equipamentos disponíveis para a prática dos terapeutas ocupacionais. A arte pode ser encarada como experiência estética; a arte pode ser associada às situações cotidianas e se incorpora na vida do dia a dia dos sujeitos. Ter arte e cultura na vida prática é tal qual se alimentar: direito fundamental para o desenvolvimento humano. A experiência pode criar novos territórios de sentido e isto pode ser libertador. Já para M.S e I.C está relacionada propriamente com o campo das políticas. Porém, em ambos os pontos de vista, analisamos a cultura como estruturante da condição humana.

Considerar a cultura nas construções conceituais e teórico-metodológicas desenvolvidas na terapia ocupacional reflete não apenas um item a ser medido ou conferido, mas trata-se de compromisso ético-político (LAVACCA e SILVA, 2023, p.3)

A cultura, por sua vez, nesta perspectiva, pode ser tida como possibilidade da garantia aos direitos humanos. Mais que qualificar os pontos sobre o campo da cultura, as narrativas nos trazem elementos mais gerais que mantêm a cultura na esfera dos acessos, dos direitos humanos e das acessibilidades.

*Eu acho que esse campo artístico...esse campo da criação... esse campo da invenção, o jogo as possibilidades da gente reter a própria cultura, a ampliação de cultura, eu acho que isso também é interessante... não tomar a cultura como algo fechado sempre em movimento, por isso que processo de subjetivação me serve mais (F.L. em entrevista)*

As práticas artísticas e culturais se entrelaçam em ações que dizem tanto na esfera da estética, quanto na esfera da ética, da política e da cidadania. Há a necessidade de políticas culturais que sejam incentivadoras para a efetivação do campo cultural. Trata-se de políticas públicas culturais que fortaleçam o debate e a evolução do campo.

*Então, ele não vai lá no congresso de Terapia Ocupacional fazer uma demonstração de teatro com loucos. Ele não faz assim. Ele é um trabalho, que tem uma produção artística, que tem que interessar o*

*campo das artes. Ele vai ser apresentado em um festival de teatro, junto com outros grupos de teatro (E.I. em entrevista).*

Sobre este trecho, analisamos que a cultura se apresenta diante de elementos artísticos. Não estamos tratando de um trabalho terapêutico, mas sim, de um trabalho artístico. Sob essa ótica, encaramos a possibilidade de deslocamentos: não é um trabalho terapêutico, é um trabalho artístico.

*Geralmente nós recusamos convites deste tipo. Não é que a gente diz que não vai, a gente pode se apresentar, mas tem que ser num horário de apresentação e tem que ser em condições de apresentação teatral. Tem um teatro? tem grana para pagar iluminação, música, cachê das pessoas? Por que senão fica num retorno a isso que estou chamando de ilustração: A gente fica ali fazendo demonstração de trabalho com loucos ou com pessoas com deficiência (E.I. em entrevista).*

Observamos aqui que o campo também se constitui de embates ético-políticos, tensionamentos que redirecionam o fazer terapêutico ocupacional para a esfera do compromisso com os direitos e com as políticas. Afirmamos que a cultura é campo de atuação profissional dos terapeutas ocupacionais e tem desafios inerentes ao campo para que se ampliem as possibilidades de interpretação e de fomentação deste núcleo da terapia ocupacional chamado “campo cultural”. Sustentar a terapia ocupacional sobre o campo da cultura se apresenta como um grande desafio que propõe novas perspectivas e novos desenhos no olhar dos profissionais. É uma decisão ético política também neste sentido.

*Isso é uma decisão política que inscreve esse trabalho numa frequência sensível e num registro ético. Como esse trabalho vai ser visto? vai ser visto no teatro. Vai ser visto na programação cultural do Centro Cultural São Paulo, do Teatro Oficina, do Festival de Teatro de Porto Alegre. É aí que ele vai ser visto. A gente vai se identificar como tendo esse traço de trabalhar com essa população e isso é uma decisão, sempre uma negociação, por que isso é uma marca (E.I. em entrevista).*

*“Como outro modo de pensar o teatro, de fazer teatro e que tenha a ver com o fato de terem essas pessoas. Isso é uma marca importante. Mas isso é o político-estético” (E.I. em entrevista).*

Desde 1997, a história da CIA teatral UEINZZ é assinalada por marcas acentuadas com a prática do teatro. –seu mote principal-, entretanto

uma linha parece ter sido ultrapassada nesta viagem (INFORSATO, 2010, p. 154).

*A gente na terapia ocupacional vem caminhando em um esforço de consolidar esse campo, e com forças contrárias a isso, porque a partir do momento que você tem um campo emergente que surge no interior de outro campo, onde tem ali o pesquisador e experiências mais consolidadas. E aí você faz emergir esse campo... isso não é fácil. A gente está nesse momento na T.O. (C.R. em entrevista).*

Entretanto, foi a partir da reestruturação do MinC<sup>33</sup> e das proposições programáticas referentes à garantia da Cultura enquanto direito que a terapia ocupacional passou a se envolver diretamente com a Política Nacional de Cultura. Sua inserção no bojo das discussões acerca da garantia de acesso levou à criação, em 2010 (com a primeira turma iniciada em 2013), do primeiro Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural no país, ofertado numa parceria entre o MinC, através da Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural, e o Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo a sua frente a terapeuta ocupacional e docente Patrícia Dorneles. Outros desmembramentos desta parceria ocorreram, como a realização do primeiro Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural, no Rio de Janeiro, no ano de 2013, fruto da conclusão da primeira turma (GONÇALVES; COSTA; TAKEITI, 2017, p. 540).

*Se existe campo da T.O. e cultura não parece ser uma unanimidade na nossa profissão, portanto, sempre esse campo de tensão, mas para mim reúne todos os atributos para ser considerado um campo independente, por exemplo, da T.O. social. Para mim são campos distintos, com objetos distintos, mas o movimento de consolidação desse campo é algo a trilharmos, é preciso investir nisso (C.R. em entrevista).*

Sob esta perspectiva de tais narrativas, novamente, encontramos um tensionamento nas opiniões que se divergem entre a cultura ser ou não ser constituída como campo da terapia ocupacional. Novamente, afirmarmos ser sim um campo composto e que vem se estruturando gradativamente por ter elementos, arcabouços, teorias e metodologias próprias para que se configure como campo. Ademais, a expansão de tal campo também vem ocorrendo pelas reformas nos currículos acadêmicos, na introdução de projetos de pesquisa e extensão que entendem a cultura como campo

---

<sup>33</sup> Ministério da Cultura

É importante destacar o lugar de tensionamento quanto às reflexões que se estabelecem na relação entre cultura e terapia ocupacional, dada a recente incorporação desta discussão por estes profissionais. Ficam evidentes, nas discussões trazidas pelos estudantes, os transbordamentos causados pela noção de cultura. Os fenômenos sociais em geral são caracterizados a partir da compreensão cultural. Assim, a cultura, ora é tomada sob um viés mais difuso, ora funciona como pano de fundo para outras reflexões. Identificamos, no material produzido, três perspectivas no entendimento da cultura na interface com a terapia ocupacional: enquanto algo difuso que marca certo pano de fundo dos cenários da prática, enquanto um recurso/ferramenta e enquanto um campo de atuação (GONÇALVES; COSTA; TAKEITI, 2017, p. 544).

*Ao mesmo tempo, isso vai se constituindo nos anos 80, essa construção da democracia vai se ampliando essas iniciativas. E muitos terapeutas ocupacionais também vão se identificando com os movimentos sociais e acabam atuando no terceiro setor e nas comunidades, nesses trabalhos comunitários, de base comunitária. E levam essa tradição da Terapia Ocupacional no uso das linguagens artísticas para facilitar as construções de afetividade, de coletividade, de bem comum, ideal comunitário. Acontece que as políticas culturais nesse período todo, elas vão fortalecendo (P.D. em entrevista).*

*Está no Ponto de Cultura para desenvolver projeto cultural, é disso que eu estou querendo falar. É um pouco isso: não só fortalecer a Terapia Ocupacional, que atua no campo da cultura, na área cultural, mas também fortalecer a própria política cultural, que só foi sendo constituída de uma forma firme e ampliada no Brasil nos últimos vinte anos e, só a trinta anos que se escreve sobre política cultural na área de política cultural, porque se falava de política cultural na sociologia. O campo de publicação, de política cultural também é um campo novo no Brasil (P.D. em entrevista).*

Os projetos culturais em parceria com a terapia ocupacional fomentam e fortificam os pontos que julgamos necessários para a afirmação da cultura como campo específico de atuação. Específico por conter e abarcar debates, discussões, teorias e metodologias que outras esferas ou setores não estão discutindo. Portanto, novamente, recaímos sobre um campo com linguagem e vocabulários próprios.

E outra vez, notamos a presença das profissionais em ambientes como conselhos e outros espaços coletivos de organização, garantindo dessa forma a ampliação e a fortificação das práticas culturais para os usuários com quem trabalham. A participação das terapeutas ocupacionais (TOs) em conselhos municipais, em órgãos públicos elevam a integração e a garantia da efetivação das demandas político-culturais. Os locais de atuação dessas profissionais também se deslocam das clínicas e hospitais e integram espaços como centros culturais, como exemplo.

Nomear os fazeres como se reconhecendo dentro de um determinado campo é dar identidade para este campo. A esfera da cultura como lugar de atuação profissional tem suas interfaces e suas conexões nas mais diversas dimensões.

Na compreensão do nosso diálogo para que possamos expandir os debates, há a necessidade de nomearmos e detalharmos as nuances entre interface e dimensões. No primeiro conceito, a interface, compreendemos tudo aquilo que se conecta, que se interliga com o campo da cultura: tudo aquilo que se usa, que se apropria de elementos culturais. Como exemplo: práticas da saúde mental que apresentam algum diálogo com atividades culturais se conectam com o campo da cultura. Entende-se interface todas as relações de fronteira e/ou intersecção mesmo das práticas e estratégias que não necessariamente se configure ou se reconheça em um campo da cultura. Nas interfaces, dois elementos ou dispositivos podem se conectar diretamente ou não, mas se comunicam entre si.

No que tange às dimensões, podemos pensar como algo mais amplo e abrangente se comparamos com as interfaces. Dimensão é um escopo de conceitos, práticas e teorias que criam um campo. Neste campo encontram-se muitas dimensões. Nomeamos dimensões culturais para que entendamos a complexidade que envolva os conceitos de cultura. Definindo as dimensões da cultura atribuímos tamanhos, valores, possibilidades de sentido dentro do campo da cultura.

Narrando as múltiplas dimensões presentes no campo da cultura, sugerimos um “*modus operandi*” para esse campo de práticas e pesquisa”. Como este campo funciona? Como ele opera? Como se estabelecem suas epistemologias?

Ao adentrarmos nestas questões criamos a possibilidade de existência de um campo sólido existente por se configurar a partir de símbolos, premissas, linguagens, vocabulários, objetivos, práticas, metodologias e perspectivas próprias. A cultura vai aparecendo sob diversos pontos de vista.

*Ao mesmo tempo, a gente também tentava fortalecer a quadrilha enquanto representação política local, então a gente foi com eles para o Conselho Municipal de Cultura e a gente participou de toda a retomada desse conselho e consegui que um dos quadrilheiros, que era o presidente na época, fosse incluído como membro do Conselho Municipal de Cultura, então eles passaram a participar das decisões da onde ia o dinheiro, o Fundo Municipal que vai para cultura (M.M. em entrevista).*

*Nós não estamos lá fazendo um trabalho terapêutico, nós estamos trabalhando em uma perspectiva do direito à cidadania cultural, de qualificar o capital cultural das pessoas, de potencializar identidades que precisam, talvez, serem reforçadas. É disso que a gente está falando. Eu coordeno a pós em acessibilidade cultural, que foi financiado pelo Ministério da Cultura durante dez anos, estou falando em acessibilidade cultural para pessoas com deficiência. O que eu estou fazendo? Não estou falando de reabilitação, da inclusão das pessoas e tal (P.D. em entrevista).*

Por outro lado, devemos tomar cuidado com as romantizações acerca dos conceitos de cultura. Não podemos defender a cultura como algo imaculado ou intangível de falhas ou de elementos perniciosos. Trabalhar com o campo da cultura é saber que dentro dela também encontramos a cultura que manipula, que adestra, que mascara, que esconde e que torna em objetos os sentimentos, as pessoas e as relações. A cultura, em um prisma mais crítico, segrega e estabelece relações de poder e desigualdades. Os conceitos aqui trabalhados trouxeram a cultura sob a perspectiva mais positivista e necessária para a vida humana. Todavia, como quaisquer fazeres políticos, a cultura é tomada por poderes e possibilidades, podendo se transfigurar em algo que mais venha a subtrair.

Frente à esta antítese desta tese, pontuamos os limites de trabalharmos com os conceitos de cultura, adentrando em outras esferas desta complexa e inesgotável discussão. Outro pilar estruturante da vida humana e da cultura como substância desta existência humana, temos valores que se aproximam da cidadania e da possibilidade de se viver a cultura (agora novamente como elemento positivo):

A partir do entendimento da Cidadania Cultural enquanto direito, que pode ser observado não apenas nas políticas culturais brasileiras, mas também em documentos internacionais como a Convenção da Unesco de 2005 (da qual o Brasil é signatário desde 2007), e da necessidade de se trabalhar para a efetivação do direito à cidadania cultural, os profissionais que atuam nessa área estão sendo convocados a repensar novas práticas e políticas que sejam realmente acessíveis. Nessa perspectiva, é preciso discutir como será garantido o acesso à fruição e à produção cultural no país (...) (GONÇALVES; COSTA; TAKEITI, 2017, p. 539).

*Não estou dizendo que não tem uma certa questão de inclusão, mas estou dizendo e a terapia ocupacional tem a ver com tudo isso, eu poder contribuir com o olhar de quem tem conhecimento sobre tecnologia assistiva, sobre recursos, sobre cidadania e direitos humanos e poder ajudar equipes e montar projetos que facilitem a*

*acessibilidade, a presença de pessoas com deficiência dos ambientes culturais (P.D. em entrevista).*

A acessibilidade, outra vez, aparece sob a força das políticas culturais. A grande temática desta tese é a política, perpassando as demais temáticas que encontramos.

Grande parte da demanda da sociedade civil em relação à pauta de uma política cultural para a produção estética e artística das pessoas com deficiência, incluindo a pauta de acessibilidade cultural junto ao MinC, veio do grupo articulado do movimento “Artes sem barreiras”. (DORNELES *et al.*, 2018, p. 144)

*Então no momento em que o sujeito tá dançando, que ele tá cantando, que ele tá desenhando, pintando, ele tá ali muito mais numa experiência de potencialização de vida, portanto entendo junto com esses outros autores e parceiros como uma perspectiva clínica, né? Que a gente chama inclusive uma clínica ético-política (M.C. em entrevista).*

A maior contribuição dos debates que valorizam a cultura como exercício de cidadania e de condição de existência humana, é a de fortalecer e fomentar as políticas que ampliam este acesso. Tanto na área da saúde, quanto em outros setores, o compromisso ético político expande o fazer terapêutico ocupacional e suas possibilidades.

Possibilitar o interesse por práticas culturais e garantir que a diversidade e a pluralidade cultural existam, é papel central de qualquer terapeuta ocupacional que trabalha com a cultura nos mais diferentes desenhos que ela possa ter.

*O que eu tenho de trabalho na minha trajetória, na área cultural e eu entendo que isso foi um referencial bacana para a terapia ocupacional como um campo de atuação é o desenvolvimento de estratégias, nas diferentes pessoas que a gente atua e trabalha nos direitos à arte e à cultura, ou seja, da sua cidadania cultural, enquanto expressividade, enquanto linguagem, enquanto desenvolvimento estético, se a pessoa tiver interesse, mas pelo menos: criar a possibilidade dela ter interesse por aquilo. Como um consumidor de arte e cultura, porque se ela não tem acesso à experiência estética mínima, conteúdos culturais para valorizar... Saúde mental, pessoas com deficiência. Vulneráveis de muitas coisas (P.D. em entrevista).*

Neste trecho da narrativa, podemos observar que o direcionamento, o olhar que estamos jogando sobre a cultura como campo se difere das demais perspectivas. É outro olhar para as práticas em terapia ocupacional, de outro lugar de discurso.

Este outro lugar de discurso caracteriza um conjunto de novas ações que aparecem como edificadores de um campo carregado de elementos próprios que assim o legitimam enquanto campo de ações. Tais ações transfiguram não apenas as pessoas, mas o espaço-tempo, os territórios e as possibilidades de diálogo.

*De um grupo que historicamente ele se organiza de outra forma, em questão de língua, de questão econômica, política, de visão de mundo... e que vai ser possível ou não essas possibilidades da expressão cultural, das suas identidades. A partir do momento que a gente tem aí, que eu tenho que chamado também... Por enquanto eu só consegui fazer uma publicação relevante sobre essa discussão da T.O. E sobre povos indígenas que é um trabalho que eu discuto a questão de como que foi para os estudantes participarem dessa extensão, do que a gente conseguir construir a partir disso... que eu vou trabalhar com o conceito de mediação intercultural, então o quanto o T.O. (M.D. em entrevista).*

Outra vez a perspectiva recai sobre elementos ligados à política, às identidades culturais, à gestão, às outras maneiras de se olhar o trabalho da terapia ocupacional no campo cultural.

Estes territórios emergentes, em suas distintas formas – de organização, de produção, de reapropriação dos espaços da cidade e da periferia, entre outras –, vêm construindo estratégias de afirmação e resistência, que, alimentadas por uma ética de solidariedade, por uma política da amizade, fomentam identidades inventivas e desejantes, e são fortalecidas através dos intercâmbios de experiências, com capacidade de resposta à formação de redes e de novas ações e corredores culturais (DORNELES, 2014, p. 138).

*Acho que de uma maneira geral, o que eu entendo é que é isso vai estar na forma como eu faço terapia ocupacional, né. Então, não estava dado quando eu entrei na terapia ocupacional isso, o que estava dado eram outros campos, tinham outros campos com técnicas e com reflexões jamais dadas e, eu como aluna e depois como T.O. dentro do AHTO com todas as pessoas, minha experiência, estou falando da minha trajetória, foi construir isso e entender essa perspectiva crítica e prática de fazer terapia ocupacional, discutindo e olhando para o campo da cultura e, fazer isso. em qualquer área, com qualquer população, fazer isso sendo terapeuta ocupacional. E aí a cultura, ela vai existir, né... e ela não é que ela é bonita porque ela quer que tudo é bonito, a cultura existe, é modo de vida, então o modo de vida que é opressor, ele pode ser cultural, a gente vai ter que*

*discutir isso também porque é cultura, mas não quer dizer que a gente tem que manter, promover... aí a manutenção de uma cultura sobrevivência, a reflexão vai dos repertórios de discutir em cima disso, né (M.S. e I.C. em entrevista).*

Novamente destacamos que a cultura aqui está sob uma ótica positivista frente às narrativas aqui apresentadas. Não é porque os modos de vida se apresentariam na esfera da cultura que estariam isentos de serem opressores.

Muitas são as possibilidades e construções que poderiam ser descritas para um debate acerca dos significados e conceitos sobre cultura no decorrer dos tempos e seus recortes históricos, sociais, políticos, entre outros. Ressalta-se que o repertório conceitual e teórico aqui empregado aproxima as dimensões e debates da cultura frente aos desafios macro político e econômicos interconectados, pelos quais embasam e incitam saberes e fazeres conscientes, engajados e situados perante problemáticas sociais atuais e urgentes. (SILVA *et al.*, 2019, p. 930).

Sob esta temática sugerimos como ideias centrais: o compromisso ético-político, o desenvolvimento de identidades, as políticas culturais, as vivências culturais como direito humano, o respeito à diversidade e a permanência de culturas menos valorizadas frente à cultura “eurocêntrica”. As manifestações culturais, a existência de grupos culturais espalhados no Brasil, caracterizam a necessidade de direito às múltiplas existências de culturas por vezes silenciadas. Menos valorizadas.

*A T.O. se desenvolve no Brasil atuando... ela ganha impulso no Brasil quando ela começa a atuar nas políticas públicas, quando tem o desenvolvimento das políticas públicas no Brasil, o SUS... o próprio desenvolvimento das políticas sociais no Brasil e a inserção do terapeuta ocupacional fez com que a gente se desenvolvesse enquanto profissão, então eu acho que essa é uma chave importante para a T.O. inclusive, porque que a gente fala de campos, na T.O.? Acho que isso é uma coisa bem brasileira, né... a gente falar dos campos da T.O...porque, por conta desse desenvolvimento das políticas e das TOs. nessas diferentes atuações dos setores da política (M.S. e I.C. em entrevista).*

*(...) a gente vai se desenvolvendo ética e politicamente, na profissão e, hoje a minha bandeira é pelas existências, então a minha luta nessa questão permanência.... pensando em povos indígenas... é a questão da existência, são grupos exterminados, que vem uma discussão com outros países de ... ah, vamos discutir justiça ocupacional... não dá conta da minha discussão, porque eu preciso de justiça social para que esse grupo inclusive exista, porque são grupos que estão o tempo todo em risco, em risco de existência, então, é bem duro,*

*porque é isso , eu estou num processo com eles de permanência , no sentido de, vamos fortalecer esse espírito, vamos fortalecer essa prática, mas ao mesmo tempo eu estou num contraponto macro político muito grande...que é o apoio, por exemplo, de lutas por território, agora por exemplo, a questão da PL 490 que vem aí fazer o Marco temporal e pode acabar várias comunidades indígenas, então de algo também que O terapeuta ocupacional não pode estar desatrelado, porque senão faz sentido nenhum. Eu estou trabalhando todas as questões com eles e pode ser que amanhã eu chegue lá não exista mais essas comunidades, nem esses povos no Brasil se a gente não se atentar para relações macropolíticas culturais de existência de grupos (M.D. em entrevista).*

*Então eu sempre defendi que a cultura está sim em todo lugar nessa dimensão hereditária, cidadania e de transformação, mas que também tem um campo instituído que a gente precisa estar enquanto profissional da cultura. O tempo todo a gente falou da questão identitária da cultura, representatividade, de como a gente representa e transforma esse lugar, só que não foi um evento de cultura, foi um evento da educação popular na Amazônia (M.M. em entrevista).*

Por outro lado, muitas vezes as políticas culturais são aquelas que mais sofrem com os desgastes das diferentes gestões e disputas políticas, o que também interfere diretamente em seus funcionamentos, financiamentos e abrangências. Os discursos frente à esfera da política ampliam os conceito de identidade, as discussões sobre quem somos, quem seremos, sempre na transformação constante ao longo do tempo.

Como quaisquer campos constituídos assim como tal são compostos de tensões e movimentos que vão transfigurando a composição do campo: a terapia ocupacional no campo da cultura se reestabelece transformando e ampliando os arcabouços teóricos-metodológicos, as práticas profissionais e a relação dos profissionais e os seus usuários. Transformam-se também os territórios e todo o entorno das comunidades e dos locais por onde a terapia ocupacional faz suas interações.

*“Vão ter momentos que a gente vai falar de saúde, e aí tem produções que a gente pode publicar na saúde, vão ter momentos onde a gente vai ficar na questão cultura enquanto política, enquanto cidadania. Mas prefiro não enquadrar” (M.M. em entrevista).*

*E aí a gente nem estuda a política pública, a gente nem estuda... imagina política cultural? Se nem estuda nenhum tipo de política, imagina política cultural... é então assim, é por isso que a gente vem defendendo essa terapia ocupacional cultural, não é só porque, para*

*falar não precisa ter terapia ocupacional cultural (M.S. e I.C. em entrevista).*

*A gente precisaria entender qual que era o desenvolvimento da política cultural no Brasil. [por isso fomos nos especializar] então o primeiro impulso de força aí de compreensão mais do tema da cultura no Brasil e como sempre sub colocado... Sim. Acho que é o primeiro ponto de subinvestimento e precarização. Acho que nunca desenvolveu e, aí é isso, a hora que começa a barrar dinheiro público é o primeiro lugar que cai tanto que se desmonta, né...o pouco que a gente teve de... política nacional, né ...do que teve de política, é o que também primeiro desmonta e também um tanto disso no mundo, né? (M.S. e I.C. em entrevista).*

O campo vai se constituindo e transformando também a partir das políticas culturais. As políticas afirmam perspectivas e horizontes: encaminham novas tentativas na garantia dos direitos humanos.

*Estou dizendo mais de uma questão estrutural, vou dar um exemplo por exemplo, na política você já entendeu né, a cultura é algo que é considerada secundária. Então, dependendo da gestão, você tem cultura... acaba com o Ministério da Cultura, então é algo que não está dentro dos quadrados, aqueles quadrados supervalorizados né... Economia, Agropecuária, esse é um tipo de quadrado, por exemplo, na universidade, que eu entrei para tensionar, cultura, acesso a expressões artísticas e culturais de elite, isso é um quadrado que querem enfiar a cultura, cultura sendo algo ligada ao turismo, que a gente sabe dessa realidade hoje, que é consumo de expressões culturais, principalmente as elitizadas, essa é a caixa, a caixa que a gente vai enfiar a cultura, a cultura que a gente conhece não cabe nessa caixa (P.C. em entrevista).*

Os cenários políticos e econômicos participarão na relação dos sujeitos com a cultura. Portanto, inscrever tais pontos na discussão é considerar todo o contexto ao qual estão inscritas as práticas.

*Quais são essas forças que produzem os sujeitos? As estruturas sociais, as estruturas de dominação, as estruturas econômicas, a produção da cultura daquele contexto. Isso tudo está expresso na forma como aquela pessoa vive. E a forma como aquela pessoa vive, expressa a sua cultura e todas essas outras conexões que a gente encontra ali (P.C. em entrevista).*

Como já afirmamos anteriormente, a cultura se nos apresenta como substância da vida humana. Assim como as substâncias, temos aquelas que nos fortalecem e aquelas que nos enfraquecem. Dentro das estruturas de dominação e coerção. A

cultura de mercado se ancora nos valores mais voltados às políticas que elegem este mercado.

*A gente precisa também entender que a gente tem que fazer associações, a gente tem que entender o mercado, não é à toa que tem uma dimensão econômica no plano de cultura. Não é... ele está lá tentando discutir qual que é o valor então da cultura porque não é o valor mercadológico, como que a gente trabalha isso... artes dentro da cultura. Então traz toda essa discussão. Então eu acho que o Plano Nacional de Cultura é uma super referência, maravilhosa, que todo mundo precisa ler. Ele é lindo, só que é isso, né... a gente não está na prática dele agora, a gente está tentando garantir o mínimo né... praticamente sobreviver por enquanto, então quem sabe as coisas melhorem e a gente consiga discutir um pouco dessas políticas (M.S. e I.C. em entrevista).*

*Então, se a gente entende a cultura econômica, as relações nesse tipo de cultura dominante hegemônica, é transformar tudo em produto para o consumo. Inclusive, a cultura e, aí a gente faz deslocamento de entender que o produto não é só o consumo, o produto é a produção da vida, né. Então isso, colocar esse lugar em outra pauta de discussão (M.S. e I.C. em entrevista).*

Atentemo-nos sobre o trecho acima no qual a cultura novamente se demonstra como elemento negativo. Dentro da complexidade da discussão, a cultura aparece aqui como algo negativo. Os significados ganham muitas interpretações e se ramificam em relações éticas, positivas, mas nem sempre seguem essa lógica. Esta curadoria se estabelece sobre trabalhos que se pautem sobre o campo da cultura que edifica positivamente.

*E, atuar enquanto terapeuta ocupacional, e também problematizar isso, também para poder olhar a importância dessa lógica da produção, então da vida que aí é outro, tipo, estamos falando de... não estamos falando de mercado e mercadoria, estamos falando da existência (M.S. e I.C. em entrevista).*

Tais narrativas concatenam a cultura atuando nas mais diversas dimensões. Não se trata de uma interpretação mono-significativas, mas de interpretações de múltiplos sentidos.

*E aí isso marcou um amadurecimento meu desde que estou aqui atuando e também como professora que é poder entender que tinha um pedaço da atuação que era junto com o conselho de cultura, que era garantir acessibilidade, então fui incluindo essas coisas ao longo*

*do percurso porque nunca deixei de pensar acessibilidade, mas não com este nome, não tão claramente, por mais que tenha trabalhado com ideia de cidadania de diferentes maneiras. Isso foi se tornando mais claro no percurso, então hoje, quando você faz essa pergunta, eu acho super difícil porque eu penso que não há nada fora da cultura, mas a cultura tem suas facetas, então penso que no meu trabalho tem essas dimensões, entender que é um direito e entender que isso não é um direito à toa, abstrato, porque, de fato, esse campo da arte ou das atividades intelectuais humanizam o homem, permite esse acesso à dimensão do comum e aí depende do viés teórico, você pode ir nessa dimensão coletiva e pensar de diferentes maneiras nisso. Hoje penso que é fundamental falar dessas nuances todas (Devir A. em entrevista).*

Este trecho nos mostra que os detalhes, as arestas, os pontos menores de uma filosofia ou discurso, engrandecem e fortificam a práxis: ao passo que falamos sobre, criamos pertencimento e identidade com o assunto. Demonstra o compromisso ético político de terapeutas ocupacionais que vem assumindo a construção política e democrática, a reivindicação por direitos como parte de sua atuação profissional.

De acordo com Lima (2003) existe uma relação entre terapeutas ocupacionais e o compromisso ético político do desenvolvimento do fazer terapêutico ocupacional. A gama de diferenças é algo desejável no decorrer das atividades profissionais por assim compor um cenário de diversidades, respeitando os direitos de existência dos mais diversos usuários.

“Mas, este compromisso ético-político dos terapeutas ocupacionais com os sujeitos que atende pode fazer surgir, para além da tolerância e da defesa dos direitos, o desejo de diferença”(LIMA, 2003, p. 70).

### **3.2.2 Acessibilidade: adentrando nos espaços como protagonistas**

Uma das premissas do trabalho da terapia ocupacional se volta para a participação dos usuários e na garantia do acesso aos direitos humanos. Assim sendo, a cultura se demonstra parte desses direitos inerentes da vida humana. O acesso à possibilidade de ter experiências e vivências culturais como idas ao museu, apresentações musicais e artísticas.

Outro ponto importante na discussão sobre acessibilidades se volta para os acessos de pessoas com deficiências? Há adaptações dos espaços? Como garantir que existam espaços regularizados para um cadeirante, como exemplo?

A luta pelas políticas e os movimentos sociais que garantam tais direitos aparecem como ratificadoras destes direitos.

O fortalecimento das políticas culturais e o alargamento do conceito de cultura para a gestão pública de cultura na perspectiva da constituição da democracia aproximou iniciativas da terapia ocupacional em áreas afins, sejam estas iniciativas desenvolvidas no âmbito das instituições públicas ou de instituições do terceiro setor apoiadas via a política de financiamento público de política cultural para o desenvolvimento de suas atividades (DORNELES; REINOSO, 2018). Para as autoras, a partir de 2014 há um alargamento no esforço na sistematização, no trabalho de formação de terapeutas ocupacionais que atuem no campo da cultura e nas políticas culturais. O aumento dos grupos de pesquisa sobre a temática da acessibilidade, bem como os encontros e mesas para a elaboração de debates e diálogos ampliam o alargamento das estratégias para o fortalecimento da área.

De acordo com Dorneles e Salasar (2018), os movimentos sociais de pessoas com deficiências auxiliam nos processos da não exclusão dessas pessoas frentes às políticas que garantam os acessos. O engajamento político e ético fortalece o acesso. A acessibilidade pressupõe novas estratégias de mediações.

Junto à discussão, são necessárias problematizações acerca também do que são os limites das políticas e espaços: quais são os empecilhos nos serviços e nos acessos? Para Inforsato (2010): a precariedade dos serviços, a distância entre os usuários e os locais de serviços ilustra a possível inacessibilidade. “Precariedade no que tange à sua acessibilidade material (vagas para atendimento) e/ou substancial (relevância e sustentabilidade das propostas) (...)” (INFORSATO, 2010, p. 21).

O conceito de acessibilidade é um conceito em evolução. Nos documentos legais, como Art. 8º do Decreto Federal nº5296/2004, a acessibilidade tem sido definida, de forma geral, como a remoção de barreiras atitudinais, físicas, arquitetônicas, de comunicação e informação (DORNELES *et al.*, 2018, p. 144).

Para Liberman e Máximo (2016) o debate sobre o tema é bastante complexo. Acessibilidade está relacionada às pessoas com deficiências. Como vimos em Dorneles *et al.* (2018), os debates em acessibilidade estão em transformação e vêm se ampliando. “A discussão sobre acessibilidade é bastante complexa. Para o senso comum, acessibilidade está diretamente associada às pessoas com deficiência física

e sensorial socialmente reconhecidas como tal” (LIBERMAN; MAXIMINO, 2016, p. 140).

*Então a gente tem pensado em umas produções nesse sentido e eu quero escrever nessa relação aí com acessibilidade, dessa possibilidade de existências, de uma existência que agora...aí assim eu não consigo ainda sistematizar, mas é algo que já vem (M.D. em entrevista).*

*O campo da acessibilidade cultural, quando você tem um museu, ele pensa na visitação de crianças, mas não pensa nos idosos: não pensa em disponibilizar os bancos, não pensa que aquela mediação se torna cansativa para determinados públicos. Se você tem um grupo de idosos que agenda uma visita ao museu, a própria assinatura do livro já gera uma tensão nos que estão atrás, então, tem todo um preparo desses espaços que vamos chamar de difusores da cultura (C.R. em entrevista).*

### **3.2.3 Acessibilidade cultural: o paradigma das pessoas com deficiências que se expande para o direito cultural.**

A acessibilidade cultural e a cultura como direito compuseram, em algumas entrevistadas pontos centrais na atuação profissional. Assim, as políticas culturais estiveram associadas à questão do direito ao acesso, por isso o enfoque da acessibilidade cultural.

Percebemos a forte relação e a não desconexão das temáticas, neste caso com o reconhecimento que a ampliação e a garantia das políticas culturais perpassam necessariamente a acessibilidade cultural.

*“Eu vejo cultura como um campo mesmo de atuação da T.O, que na parte da acessibilidade cultural e com relação à cultura (...) (C.R. em entrevista).*

*Acho que a cultura numa forma mais ampla, eu acho que eu nunca estudei especificamente a arte, na música, na linguagem artística como cultura, nunca foi meu foco assim de atenção, mas eu via que, apesar de não estudar especificamente, esteve sempre presente na minha concepção de cultura e como isso podia fazer parte do processo todo que a gente tava trabalhando quando a gente pensa na inclusão dessas pessoas nessa comunidade, nessa sociedade e no sistema (A.J. em entrevista).*

Notamos que em todas as narrativas, a questão da acessibilidade cultural se dá para os usuários em estado de alguma vulnerabilidade. A conexão dos serviços,

os acessos são pontes entre as pessoas que sofrem processos de exclusão e as acessibilidades, que como vimos, acontecem na esfera do direito humano. A cultura, a acessibilidade cultural são partes estruturantes e inerentes às vidas humanas. É direito de todos.

Não há, sob essa perspectiva mais instrumentalizada da discussão, diálogos que passem sobre o papel estético, político e próprios da cultura.

No exercício das políticas públicas culturais observa-se pouco conhecimento sobre o tema da acessibilidade cultural para pessoas com deficiência, reduzindo-o na perspectiva da acessibilidade física do espaço e não do produto ou objeto cultural. Um marco de inclusão da pauta da acessibilidade cultural para pessoas com deficiência nas políticas culturais foi a Oficina Nacional de Políticas Culturais para pessoas com deficiência – “Nada Sobre nós sem nós”, realizada no ano de 2008 na cidade do Rio de Janeiro, promovida pela antiga Secretaria de Diversidade Cultural - SID do Ministério da Cultura e a Fundação Osvaldo Cruz – Fiocruz. Entre os objetivos da Oficina estavam o escutar, conhecer e sistematizar as experiências no campo da interface de políticas e produção estética, artística e cultural das/e para as pessoas com deficiência (DORNELES; CARVALHO; MEFANO, 2019, p. 10)

Sistematizar e discutir sobre as questões inerentes às temáticas é ampliar e fortalecer o campo e suas vertentes.

*A cultura para mim, no meu trabalho está ligada à infância. Garantir que a infância aconteça. Aparece como cultura, lazer e socialização (...). Então... isso foi...e a outra oficina e me trazia sim, prazer muito grande de ver como a cultura também fazia parte e eles traziam... um resgate da sua identidade... era oficina de jogos e brinquedos e, quando eu propunha não só brincadeiras... eram oficinas lúdicas (...)* (A.J. em entrevista)

*“Apesar de que em algumas produções minhas eu falo de cultura, mas de uma determinada cultura, acesso à cultura; mas quando eu falo de acesso à cultura, eu falo acesso à cultura como o Patrimônio da Humanidade”* (F.L. em entrevista).

*E aí essa foi a primeira pergunta também, né? Que acontece? E aí a gente foi descobrindo: fez contato com a própria oficina cultural, com os gestores dali, as gestoras supersensíveis que também se perguntam por que que a comunidade não vem aqui? (...) E aí nasceu uma parceria incrível com essa oficina e a gente conseguiu trazer alguns oficineiros a partir da parceria com a Oficina Cultural para dentro do condomínio e o caminho inverso também, aí fomos identificando, por que que não acessavam?* (D.G. em entrevista).

Em todas as narrativas, independentemente de como cada entrevistada trata a cultura, sentimos que em todas as práticas há a preocupação com a temática da acessibilidade. As temáticas se confluem, uma vez que o lugar de discurso da garantia dos direitos humanos passa pelas acessibilidades das pessoas.

*O problema é que essas pessoas estão apartadas do direito, de ter acesso... então elas não estão podendo brincar. Não é porque elas estão com problemas, e eu vou usar a dança para melhorar o problema dela. É porque de algum jeito ela foi apartada da capacidade dançante, que todo mundo tem. Qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo tem um pulso (F.L. em entrevista).*

*Mas eu vejo, por exemplo, que tem alunos meus que nunca foram no teatro. Nunca entraram numa sala de teatro. Então elas perdem oportunidade de ter uma experiência estética, que pode ser boa, que pode ser ruim, mas tem um tipo de afetação com as coisas do mundo, com as coisas que os humanos produzem, dança, música, teatro, literatura, que são os bens da humanidade. Mas, ela pode ler uma coisa também que pode emburrecê-la. A cultura de massa pode também emburrecer... normatizar... colocar numa caixinha, como você diz... (F.L. em entrevista).*

Atentemo-nos à narrativa de F.L. as experiências e vivências estéticas podem também serem consideradas negativas. Em se tratando a experiência algo inscrito na subjetividade e na interpretação, a experiência estética passará pelas bagagens que cada um de nós carregamos. Um dia bom para alguém, pode não ser bom para outra pessoa.

*O desenvolvimento de estratégias, com as diferentes pessoas que a gente atua e trabalha, nos direitos à arte e à cultura, ou seja, da sua cidadania cultural, enquanto expressividade, enquanto linguagem, enquanto desenvolvimento estético, se pessoa tiver interesse, mas pelo menos: criar a possibilidade dela ter interesse por aquilo (P.D. em entrevista).*

Podemos notar pontos em comum nas narrativas das participantes, fato que pode estar relacionado à historicidade das relações e conceitos culturais que também interferem, direcionam e muitas vezes determinam os acessos ou suas ausências. Portanto, são necessários novos aportes e novas estratégias para a ampliação de novos caminhos metodológicos no fazer terapêutico-ocupacional.

*(...) vem o conjunto de TOs. que vão pensar mais fortemente nesse pensamento do colonizador, do ponto de vista de olhar para a cultura como modos de vida, modos de racionalidade, aí tem uma forte influência da antropologia né, para poder pensar os fazeres, as atividades são socialmente construídas historicamente referenciadas (D.G. em entrevista).*

*A cultura alma, por exemplo. Que é essa cultura que a gente está falando; cultura indígena, cultura negra, cultura mais identitária. Cultura mercadoria, cultura como bens de consumo. Como mercadoria mesmo; música, dança, teatro, como mercadoria. Porque não é isso, né? A arte, ela pode ser mercadoria também e, a terapia ocupacional também está com esse problema, por exemplo, quando a gente fala aqui os nossos usuários precisam produzir alguma coisa artística... (F.L. em entrevista).*

O trecho acima destaca a delicadeza de trabalharmos com os conceitos de cultura, porque estes também estão atravessados por condições distintas àquelas que defendemos como necessárias para a valorização e para a produção da vida. Nem sempre teremos a perspectiva da cultura atravessada por elementos que maximizem as grandes e boas potências da vida. E novamente aqui, apresentamos a antítese deste trabalho.

Durante as entrevistas, mais importante do que perceber o ponto de vista de quem trabalha com o elemento da cultura, foi registrar as intencionalidades e as lutas para que exercem para que pessoas que, por um motivo ou outro, poupadas do acesso e da experiência na cultura, possam assim o fazer. Esse ponto é papel central do trabalho da terapia ocupacional: o compromisso ético, estético e político (LIMA, 2003).

*Os vulneráveis e os miseráveis, então o público da T.O. é muito frágil. Essa T.O. que não da clínica particular, estou falando de uma T.O. que está envolvida com as políticas públicas, como os territórios, com grupos mais vulneráveis que compõem a diversidade, então é nesse sentido que eu entendo que a atuação da terapia ocupacional nesse lugar ou, pelo menos, a que eu me identifico, se dá justamente nessa promoção dos direitos culturais. (P.D. em entrevista)*

*A gente poderia pensar em acessibilidade de uma cultura dessa população, acessibilidade cultural, acho que pode ser uma expressão bem entre aspas e talvez, uma acessibilidade a essa cultura mais tradicional deles, né... não uma cultura hegemônica branca e transsexual, por exemplo...acho a palavra é essa, acessibilidade, acho que não têm duas palavras não, e como que eu posso falar o que estava pensando quando você mantém.. a continuidade de uma cultura deles (M.D. em entrevista).*

A qual cultura podemos ter acesso? O trecho da narrativa acima nos evidencia que a cultura dada como “correta” é uma cultura hegemônica e branca. A acessibilidade também deve passar por uma crítica importante no que tange aos pontos mais delicados e talvez não trazidos nas discussões: acessos à quais culturas ou elementos culturais? O que eu estou acessando é aquilo que eu gostaria de ter acesso? Para mim, os elementos que me são fornecidos fomentam os meus desejos como ser humano, respeitam a minha trajetória de vida. Para um indígena, por exemplo, talvez não seja a melhor escolha que ofereçamos a bíblia sagrada que ele aprecie.

*É também para romper com esses "apartheids", para romper com a tradicional época que a gente vive, embora a gente tenha quebrado muito das culturas, da cultura que pertence à uma certa classe social, que nem tu começou falando: "as pessoas acham que eu sou mais culto!". Isso é do tempo do império, a gente isso: como arte é inspiração. Isso é lá do Renascimento. Ou que arte é coisa de maluco, todo artista é louco. Isso é coisa de Hitler. Como a gente tem esses egos. É disso que a gente está falando: a gente potencializar experiências inventivas, criativas ou que habitam na relação da cultura com fazer a arte para pessoas que se não têm dispositivos, se não têm investidas nesse sentido, que ela não vai poder ter essa experiência na vida dela (P.D em entrevista).*

Os elementos estéticos da música da periferia, por exemplo, são uma bagagem cultural, como nos relembra o termo cravado por Bourdieu (1998), aquelas pessoas têm as suas “culturas”, são carregadas de significados. Nesse sentido, a valorizam dessas culturas, a potencialização dessas ações, é uma forma de garantir a fruição cultural que vimos tratando.

*A cultura faz parte do desenvolvimento humano. Eu acho e compreendo que vai ter gente que não vai se interessar por nada disso e não é obrigado. Tem gente que, de repente, não se identifica com as artes visuais, tem gente que não vai ao cinema e vive igual. A questão é que histórica e tradicionalmente nós fomos afastados dessa experiência estética (...) (P.D. em entrevista).*

A acessibilidade cultural pode trazer para o campo de discussão a possibilidade da experimentação estética de diferentes elementos culturais como oficinas de atividades, idas aos museus, ida ao teatro, danças, contatos com atividades culturais como música, circo e outras expressões. O “termo acessibilidade cultural” pode nos levar a pensar: mas qual cultura acessamos? Qual estética estão trabalhando na

interface T.O. e cultura? Por essas questões, nos parece interessante considerar um campo de diversidade culturais, bem como campos que contemplem a interculturalidade.

A fala de P.D. expõem os novos contornos precisos em relação à concepção de arte e cultura. A acessibilidade tem relação direta com a concepção do que é cultura e para o que serve. A produção de vida pode ser tomada pela arte e pelos elementos culturais. A cultura transpassa os modos de vida, as culturas estão nos cotidianos das pessoas e na maneira como elas se relacionam com o mundo. As perspectivas ao longo da história têm. Tais quais outras transformações ocorrentes nas diversas áreas do conhecimento, a cultura toma outro lugar de atuação. É um outro lugar de olhar, talvez ainda não muito consolidado, mas os modos de se produzir e se relacionar com as atuações de terapia ocupacional, não somente, mas aqui também se dão pelo viés cultural.

*“O trabalho da T.O. é essa imersão no cotidiano, então não dá para gente pensar que nesse cotidiano a gente vai produzir algo se a gente não considera a cultura existente ali, a cultura daquela comunidade”* (A.J. em entrevista).

Ao entrevistarmos as participantes, notamos que há uma presença em comum da ideia de acessibilidade cultural, fato que venha a se explicar, porventura, mediante ao campo onde a terapia ocupacional se volta: aqueles que mais sofrem os processos de exclusão e desigualdade (SILVESTRINI *et al.*, 2019).

Assim, nos questionamos: Quais acessibilidades falamos? Acesso à saúde, à cultura, aos direitos? Todos têm acesso a esses elementos?

Problemas na acessibilidade dos serviços de saúde foram relatados pelos sujeitos com deficiências, violando o princípio da equidade, preceito do Sistema Único de Saúde. A eliminação desses obstáculos poderia ter valor significativo para essa população na utilização dos serviços de saúde, proporcionando possibilidades igualitárias, quando comparadas com as pessoas sem deficiências (CASTRO *et al.*, 2011, p. 104).

*O que eu tenho de trabalho na minha trajetória, na área cultural e eu entendo que isso foi um referencial bacana para a Terapia Ocupacional como um campo de atuação é o desenvolvimento de estratégias, nas diferentes pessoas que a gente atua e trabalha, nos direitos à arte e à cultura, ou seja da sua cidadania cultural, enquanto expressividade, enquanto linguagem, enquanto desenvolvimento estético, se a pessoa tiver interesse, mas pelo menos: criar a possibilidade dela ter interesse por aquilo, como um consumidor de*

*arte e cultura, porque se ela não tem acesso à experiência estética mínima, a eventos culturais para valorizar...saúde mental, pessoas com deficiência. Vulneráveis de muitas coisas (P.D. em entrevista).*

*Eu considero a cultura como terapeuta ocupacional, a cultura é importante para aquele sujeito para que ele alcance... esteja reabilitado para voltar ao trabalho, então o Terapeuta Ocupacional está considerando a cultura como aspecto, na minha perspectiva... a cultura é central, então o meu objetivo é uma transformação cultural, é uma valorização cultural, é uma ampliação da experimentação cultural, do fortalecimento da expressão cultural, então ele é eixo central, ele não é secundário. A intervenção está voltada por uma modificação cultural, por um fortalecimento cultural, por uma expressão cultural. Então, nesse sentido ela é centro da intervenção e se conecta com várias coisas e não é secundária (P.C. em entrevista).*

Desta forma, ocorrem esforços para que o acesso à cultura rompa com a marca de uma diferença de classe, em relação àqueles que têm mais capitais culturais que os outros, pela ausência de um estado descomprometido de sua função de promoção de cidadania. Há uma retomada de sentido de vida pública que mobiliza os trabalhadores, os arte-educadores e os educadores populares a iniciar um processo de democratização cultural a partir de suas iniciativas junto aos movimentos de base comunitária, transformando as relações do fazer estético artístico com potencialidades capazes de provocar novas relações de identidade cultural, novas relações com a cidade e com o espaço urbano (DORNELES; SALASAR, 2018, p. 7).

É necessário problematizarmos outros pontos como a diferença social entre os usuários. Por muitas vezes, determinados usuários não se sentem no direito de acessarem determinados espaços por acreditarem que aquilo não é para a sua classe social. Para além de problemas de estrutura de espaço ou falta de transporte até determinados locais, muitas pessoas não se sentem pertencentes àquela ação. Assim sendo, diferenças barreiras impulsionam as dificuldades na temática da acessibilidade cultural, inclusive a diferença de classes sociais. O acesso também está relacionado ao pertencimento.

*Pensar onde é que isso se cultiva, onde é cuidado. A possibilidade de a gente continuar tendo um espaço de produção artística, como é que isso fica cuidado? Fica cuidado na cultura. Onde isso se cultiva? Pensando no radical da ideia de cultura, onde isso se cultiva? Se cultivar nesse campo que se chama cultura. Onde outras pessoas se preocupam e se interessam, para que isso continue acontecendo, para que existam esses lugares. É nessa dimensão do que interessa a todos (E.I. em entrevista).*

“A produção cultural que fazia sentido para aquele grupo e o acesso à cidade, as duas questões, mas o grupo se reconhecendo, fortemente, como produtor cultural com quem produz, produz arte, produz espaço de cultura” (D.G. em entrevista).

De acordo com Débora Galvani (2015), o acesso à cidade, aos espaços como moradias, como exemplos, pode ser debatido em ambientes culturais, como saraus, feiras e outros eventos. Assim sendo, a promoção do acesso à cultura é também a promoção do acesso a elementos fundamentais da vida humana, às melhores condições de sobrevivência. Acessibilidades (e não apenas culturais) como alimentação, transportes, melhores condições de vida, estão presentes na discussão que fomenta e perpassa o trabalho de terapeutas ocupacionais.

*Por exemplo, você tem um idoso de Copacabana e tem um idoso da Zona Oeste do Rio que precisa sair da sua comunidade, que tem hora para voltar e precisa enfrentar o transporte público, então você não está falando das mesmas condições, mas quando ele experimenta e tem boas experiências, ele vai voltar e vai ter novas experiências parecidas com aquela e isso realmente transfigura, transforma mesmo (C.R. em entrevista).*

*“Cultura é como um campo mesmo de atuação da T.O. que é na parte de acessibilidade cultural. E com relação à cultura e envelhecimento também. Tenho alguns trabalhos nessa área” (C.R. em entrevista).*

Refletindo sobre os trechos acima, notamos a cultura como um bem de direito humano que precisa de garantia de acesso. Produzir possibilidades para os acessos é o papel ético apresentado pela terapia ocupacional, sejam nos diversos setores da terapia ocupacional. Em algumas narrativas, a acessibilidade se dá mais às pessoas com deficiências físicas. Entretanto, de maneira geral, a acessibilidade pode também ser compreendida de maneira mais ampla para outros usuários como os idosos, por exemplo. Os trabalhos e as tentativas desenvolvidas pelo universo da terapia ocupacional se voltam para a garantia dos direitos e da participação social. Para a nossa discussão, podemos problematizar: quais são as barreiras e limites encontrados dentro do campo de atuação profissional para que as acessibilidades sejam lidas como dificuldade? Para além das deficiências físicas e da falta de estrutura adaptada em determinados lugares, podemos sugerir que a falta de incentivo, de verba e de políticas públicas que apoiem a acessibilidade possam ser barreiras para o desenvolvimento no que tange aos acessos. A falta de informação também pode ser

vista como uma barreira. Ainda que haja a possibilidade de acesso, é de interesse das pessoas frequentarem determinados locais? Aqui notamos não apenas a falta de preparo dos espaços ou dos profissionais que trabalham com a temática da acessibilidade cultural, mas podemos supor que, por vezes, o “não acesso” se dá pela falta de informação ou pela falta de interesse dos próprios usuários.

*Eu trabalhava em um contexto de extrema vulnerabilidade, nas regiões mais carentes do RJ, tanto na baixada fluminense quanto na zona oeste do Rio e essa questão da cultura que nem sempre é a nossa, a gente não se alinhava muito bem, estava bem latente (C.R. em entrevista).*

*“(No meu trabalho) também a questão do acesso, dos direitos culturais e aí mais a questão da vulnerabilidade, eu posso trabalhar essa questão dos direitos culturais para outros grupos vulneráveis” (C.R. em entrevista).*

*Em vários campos e, essa dimensão da participação social para mim... Ela não se descolava da questão da participação cultural, então assim para eu estar inserida e participar da sua comunidade do seu grupo, sempre teve relação às questões identitárias, com as questões coletivas da história daquele grupo, então isso foi algo que sempre foi pautado no meu trabalho independente (M.D. em entrevista).*

*E, a população ocupa aquele lugar... essa disponibilização gerou uma apropriação daquela comunidade daquele lugar e começaram a pintar, a colocar a sua cara e que teve uma repercussão muito importante e, que foi muito significativa para as relações e as tensões que estavam acontecendo. Então foi uma mediação da T.O., o processo era do bairro da comunidade... Questões que eles levantavam a T.O., propôs uma experimentação... E isso gerou um processo de apropriação e de conversas d’outras com os conflitos. Então, observe, a gente não tinha chegado com nada pronto, tinha um processo que estava acontecendo ali, a partir da sensibilidade para esse processo a gente propõe algo para compor (P.C. em entrevista).*

É importante ressaltar que as temáticas, nas práticas se entrecruzam e se complementam: por meio de experiências e vivências artísticas e culturais no cotidiano das pessoas, que são inerentes aos direitos humanos e se garantem pelas políticas públicas e culturais, ampliamos os acessos e as possibilidades de contato entre usuários e a arte. Todas se conectam, seja por meio da corporeidade, seja por meio das artes visuais, artes plásticas, da ida aos teatros ou aos museus.

As discussões sobre a temática da acessibilidade cultural, bem como da vivência e experimentação estética, aumentam o campo sobre o qual essas práticas acontecem: fortalecem as propostas artísticas e as práticas que relacionam terapia ocupacional, cultura e corpo.

### **3.2.4 Acessibilidade cultural como campo de ensino, pesquisa e extensão na terapia ocupacional.**

A acessibilidade cultural ganha forças na medida em que os debates, rodas de conversa, eventos culturais são realizados porque abrem novos campos de análise para estratégias de atuação. Os processos de formação de terapeutas ocupacionais engajados com a temática da acessibilidade. A formação na universidade abre caminho para novos rumos dos acessos. Os eixos de atuação se abrem ao passo que os projetos de extensão se consolidam no fazer terapêutico ocupacional. Novos paradigmas são criados a partir das discussões e práticas sobre acessibilidade cultural.

A sistematização de atividades para profissionais em formação abre novos leques de atuação por expandirem ações que auxiliem na garantia das acessibilidades. Colocar a temática da acessibilidade cultural nas pautas do ensino, da pesquisa e dos projetos de extensão, é fomentar novas possibilidades de trabalho e de acesso. As tecnologias, os processos de formação, as iniciativas, os programas e os projetos culturais ancorados nas políticas públicas fundem novos horizontes da acessibilidade cultural em pauta.

Tais práticas auxiliam nas promoções da cidadania cultural. As produções acerca da cultura contemporânea, a arte, as produções científicas, os diálogos dos conceitos fomentam a expansão sobre acessibilidade. Iniciativas de ação, abrem maior espaço para as políticas culturais na promoção da cidadania cultural como direito humano.

É importante destacar que temática de acessibilidade cultural aparece como uma nova demanda a ser pensada e incorporada nos GTs. No início há um questionamento entre os organizadores se o tema de acessibilidade cultural não deveria ser incorporado junto aos GTs de difusão, patrimônio e fomento de forma transversal (DORNELES; CARVALHO; MEFANO, 2019, p. 9).

A ampliação dos cursos de formação em acessibilidade cultural, auxiliaram na difusão das políticas públicas e na garantia da cultura como direito humano. A construção de cursos de especialização na área da Acessibilidade Cultural também integrou a composição das estratégias para o avanço do debate. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) disponibiliza a especialização sobre a temática.

*É um curso de especialização Lato Sensu vinculado ao departamento de terapia ocupacional. Isso é muito relevante porque ele ajuda também a inserir o campo da cultura como uma área de atuação da T.O., na medida na medida que você tem um Lato Senso vinculado ao departamento (C.R. em entrevista).*

A universidade pública brasileira deve incorporar o tema e auxiliar na construção desta política tão importante para a democratização cultural e para a promoção da cidadania cultural das pessoas com deficiência. O Ministério da Cultura, responsável pela implementação desta política, deve ser um dos grandes responsáveis no fomento desta capacitação junto a outros pares institucionais e da sociedade civil (DORNELES *et al.*, 2018, p.15).

*Nós estamos trabalhando em uma perspectiva do direito à cidadania cultural, de qualificar o capital cultural das pessoas, de potencializar identidades que precisam ser reforçadas. É disso que a gente está falando. Eu coordeno a pós em acessibilidade cultural, que foi financiado pelo Ministério da Cultura durante dez anos (P.D. em entrevista).*

A abertura de cursos, ações e práticas culturais que fomentem o acesso à cultura traz para o campo de atuação profissional arcabouços, escopos, discussões e vocabulários inerentes e próprios de um campo específico. A área de concentração, o foco de atuação aqui é outro. Deslocamos o centro de ação.

Eu coordeno a pós em acessibilidade cultural, que foi financiado pelo Ministério da Cultura durante dez anos, acessibilidade cultural para pessoas com deficiência. O que eu estou fazendo? Não estou falando de reabilitação, da inclusão das pessoas e tal. Não estou dizendo que não tem uma certa questão de inclusão, mas estou dizendo e a terapia ocupacional tem a ver com tudo isso, eu poder contribuir com o olhar de quem tem conhecimento sobre tecnologia assistiva, sobre recursos, sobre cidadania e direitos humanos e poder ajudar equipes e montar projetos que facilitem a acessibilidade, a presença de pessoas com deficiência dos ambientes culturais (P.D. em entrevista).

As metodologias de trabalho se modificam, se configuram de maneiras diferentes das apresentadas em outras áreas de atuação da terapia ocupacional. A maneira de se relacionar com o objeto da cultura, com esse campo, com os arcabouços teóricos e escopos metodológicos se modificam na atuação profissional.

Por outro lado, no caso do trabalho com a Acessibilidade Cultural para pessoas com deficiência física, os estudantes entendem que a cultura não é uma ferramenta, e sim o campo de atuação, já que o objetivo principal é garantir o acesso à cultura, e não fazer atividades reabilitadoras com instrumentos artísticos relacionados à cultura. (GONÇALVES; COSTA; TAKEITI, 2017, p. 550).

### 3.2.5 Experiência estética: vislumbrando a maravilha dos céus

*“Sou a favor de se discutir arte, corpo, cultura e Terapia Ocupacional. Isso sim.”*  
(F.L. em entrevista).

Mudam-se as maneiras de olhar e os objetivos com o quais se constroem as relações entre terapeutas ocupacionais, pessoas e grupos, espaços de atuação. Os campos e as conversas sobre as temáticas vêm para somar e multiplicar os alicerces de um campo em expansão.

Evoco à Sueli Rolnik (2012) para dizer que a experiência estética diz de como as forças do mundo afetam um corpo, é a experiência da produção encarnada, dos processos de construção e autoafirmação. Nesse sentido, seu rigor expressa a criação que imprime marcas, potências estéticas de sentir, como máquinas autopoiéticas. (OLIVEIRA, 2016, p. 15).

A experiência estética se relaciona a uma dimensão existencial da vida das pessoas e pode ser suscitada no contato com qualquer objeto ou fenômeno. Ela evoca forças vivas que constituem a subjetividade, conecta o sujeito sensorialmente ao entorno, localiza-o entre outros num cenário estético intersubjetivo e, ao mesmo tempo, lança-o num outro espaço-tempo que desmancha formas costumeiras de lidar com as situações cotidianas e inventa novos modos de ser, fertilizados por um processo de singularização (MECCA; DE CASTRO, 2009, p. 181).

*Eu pensaria a cultura como um lugar para a T.O. olhar, como ela tem que olhar para a arte, tem que olhar para o corpo. Eu não consigo separar Cultura... a cultura só...eu acho que o conceito de cultura, para mim, sempre está junto com outros. Sempre está com o corpo... Porque a gente estava falando de cultura de massa...é... no corpo... Sempre está falando de arte... Arte, também... estamos falando de corpo, estamos falando de cultura* (F.L. em entrevista).

*A minha aproximação como T.O. desses elementos mais culturais se deu a partir dessas vivências nesses grupos, que foi onde eu podia dar vazão para essa necessidade que era minha e dos usuários. E aí foi onde eu pude realizar essas coisas, como o sarau da Mana Nise que foi muito legal (I.O. em entrevista).*

*“(Eram Oficinas) Grafite, intervenção urbana, pintura mural, arte e educação, muito pautada nas artes visuais. Oficinas de artes em geral, artes plásticas, cerâmica, pintura (P.D. em entrevista).*

As práticas em torno do campo da cultura podem se expressar por meio de apresentações teatrais, grupos de dança, em museus, no cinema: a cultura aparece em diversos cenários de atuação. A instrumentalização da cultura dá lugar à própria fruição cultural. Os elementos culturais se estabelecem como experimentação nas vidas cotidianas.

*Eu acho que a arte faz é uma coisa da humanidade e faz parte do desenvolvimento humano. Eu acho e compreendo que vai ter gente que não vai se interessar por nada disso e não é obrigado. Tem gente que, de repente, não se identifica com as artes visuais, tem gente que não vai ao cinema e vive igual. A questão é que historicamente e tradicionalmente, nós fomos afastados dessa experiência estética. A própria escola, ela já vai te enquadrando em referenciais. Tanto é que é assim, na década de 90, há um grande esforço de uma valorização da arte educação no Brasil. Ana Mãe Barbosa vai começar a sistematizar, vai fazer esse encontro de arte e educação para dar sentido à importância da arte educação na escola e no desenvolvimento humano (P.D. em entrevista).*

A experiência estética, segundo Oliveira (2016) marcam a existência humana, além de serem também marcadores de tempo e de vitalidade.

*Então essa perspectiva de clínica não se separa dessa perspectiva de fruição artística e cultural. Então na verdade a gente inclui a experiência estética como uma possibilidade de produção de vida, então é a clínica mais nessa perspectiva de produção de vida, de potência de vida (M.C. em entrevista).*

A mistificação em torno das atividades culturais e das artes é algo que também precisa ser revisto. Estereótipos em torno dos artistas e das artes, por exemplo, devem ser rompidos. Novamente precisamos romper com algumas ideias já dadas e deixar com que outras chances aconteçam.

*E aí começo a experimentar todo o contexto dos serviços em saúde mental que é muito marcado pelo uso das atividades e ali eu começo a ver esse marco, desse encontro da terapia ocupacional com atividade ou expressões culturais (M.C. em entrevista).*

*Era (a atividade) de fruição. Que eu considerava fundamental pensar em toda parafernália. Porque a gente pode fazer uma fruição, “tô aqui e experimento”, mas tinha toda uma dedicação da gente pensar. Então tinha equipe com musicoterapeuta e esse meu diretor começou a falar: “Pode chamar... pode chamar gente para contratar”. Eu chamei professora de dança, então a gente foi construindo a T.O., a gente ficava mais com a parte das artes plásticas (M.C. em entrevista).*

Alguns pontos importantes para a nossa discussão, se dão no que se aproxima da criação de territórios e espaços ideias para a execução do trabalho: recriar e criar novos cenários físicos, pode conferir à experiência estética e aos membros dessa experiência, novas vivências e modos de vida. Novas opções de pensar. Os espaços criam memórias e reestabelecem conexões.

*Esse percurso de estudo é muito ligado a área da infância. Acho que às vezes pode diferir um pouco das outras pessoas com quem você vai fazer entrevista, e pensar cultura mesmo na infância. Como ela é produtora de cultura e como ela está inserida nessa cultura (A.J. em entrevista).*

*(...) Eu vi que o cara tinha potencialidade e vamos fazer aquilo e aquilo desenvolveu um trabalho. É disso que a gente está falando. Não é de uma T.O. que vai se utilizar das atividades artísticas para potencializar a ideia da experiência estética para que aquilo traga... tu não sabes o que aquilo pode gerar na pessoa (P.D. em entrevista).*

Patrícia Dorneles nos ressalta sobre as possibilidades de interação sem um objetivo fim específico, cujo processo se alimenta da própria experiência. Aqui temos a ideia de territórios significando processos de pertencimento e identidades.

A linguagem artística consegue formular a complexidade e a fluidez dos sentimentos e a integração de vários níveis de significados (...). Impressões, improvisações e composições ganham força expressiva nesta linguagem e assim, podemos tomar conhecimento das possibilidades singulares de cada sujeito, abrir novas rotas criativas, reunir conhecimentos de diversas áreas, dar início a novos processos (CASTRO;SILVA, 2002, p. 4).

*As pessoas usam (a cultura) como linguagem, como instrumento de linguagem, mas não como discurso, usam a linguagem artística como*

*um instrumento. Isso é uma tradição da terapia ocupacional. Claro que com o tempo a gente qualificou esse uso porque antigamente, às vezes, muito redundante (P.D. em entrevista).*

A experiência estética pode ser compreendida como produção da vida (DI PASCUCCI; PETRECHEN; QUARENTEI, 2011). É sobre o olhar nas coisas e nos elementos do mundo, que nos construímos na relação com o mundo e com nós mesmos. A experiência estética afetará nosso corpo e nossas vidas.

*...quando a gente entende coisa da atividade humana é entender que ela tá no todo, por isso que eu gosto mais para gente falar o processo e o produto, do que de repente falar... ela está aqui, porque quando a gente fala é meio ou é fim parece que a gente coloca atividade em uma caixinha e ela vai ser ali manipulada como uma ferramenta estéreo, e a gente não entende que é assim atividade humana né... ela é a constituição da pessoa, ela é a constituição da minha relação com as pessoas, ela vai ser vai se desdobrar em coisas que eu nem sei o que que vão ser, então a pessoa vai sair desse momento de encontro com ela... isso vai se desdobrar em outras coisas, em outras atividades em uma configuração de vida que eu nem sei qual vai ser porque assim... a gente sabe que dispara coisas, a gente sabe que a gente se movimenta pelos desejos, pelos afetos e que a gente dá vazão para isso (M.S. e I.C. em entrevista).*

*Eu vejo que a arte ela tem essa potência de trazer como forma de produto essas experiências de vida que são culturais. Entende? Então, por exemplo, se a gente estava ali com a população em situação de rua e a gente estava falando dos modos de vida daquelas pessoas, das existências, de produções cotidianas, da fala, de linguagem, de como se comunicavam, do que faziam e a gente trouxe isso para uma produção artística...ética e estética que a gente chamava, e virou uma exposição, né...e isso foi a forma que a gente achou para trazer isso como produto (M.S. e I.C. em entrevista).*

*“A arte ela tem essa capacidade de canalizar um pouco dessas expressões de existência de vida culturais” (M.S. e I.C. em entrevista).*

Diante do debate realizado, observamos como se dão as práticas das entrevistadas e as produções acerca da cultura e dos elementos referentes às experiências e vivências estéticas. A existência humana ganha novos contornos a partir das vivências estéticas. Os processos de fruição desenham novas interações com o outro e com o mundo.

Sob todas as temáticas temos a presença da cultura atravessando a vida humana como substância essencial da vida.

A arte e a experiência estética somam vertente cujas vivências auxiliam a formação dos sentimentos e sentidos. As práticas artísticas ajudam no desenvolvimento de diversas esferas e setores de significados.

*Eu estava ali, absolutamente mergulhada na relação, vão produzidos na cidade, né, e desse projeto, das pesquisas, das ações de extensão, dos anos de formação na área de estágio e todas as interlocuções que a gente foi produzido na relação com a população de rua e, sobretudo com os movimentos nacional com a população de rua, nasceu também a proposta de um ponto de cultura (D.G. em entrevista).*

De acordo com Castro e Silva (2002), a arte e as práticas artísticas são fomentos para a fluidez dessas esferas que citamos. Sob a perspectiva das linguagens artísticas, são possíveis novas formas de ver o mundo e novos sentidos da vida cotidiana.

Em conjunto com a terapia ocupacional, as experiências estéticas são fontes para o desenvolvimento dessas novas formas de se relacionar com o universo. A partir da relação estética, desenvolvemos novas visões frente ao coletivo.

Queremos dizer sobre a possibilidade do novo: novas relações inclusive no papel dos profissionais em seus afazeres. Discutindo sobre as temáticas estamos afirmando que sim: existe um campo novo que vem se consolidando chamado cultura. O profissional aqui está condicionando às mudanças do currículo acadêmico, que se voltam para formações que contemplem as temáticas aqui trazidas. O profissional pode ser gestor de cultura, trabalhar em espaços culturais, compor na cultura suas práticas sendo que tal setor não se encaixa nem como terapia ocupacional social, nem como saúde mental, por exemplos. Terapia ocupacional e cultura tem seus próprios contornos.

*“A gente tem que dar lugar para essas pessoas experimentarem... a estética...a estética do corpo, por exemplo. Poder dar acesso à experiência poder dar essa pessoa viver experiências (...)” (F.L. em entrevista) .*

Considerando que um dos principais objetivos da intervenção em terapia ocupacional é a ampliação da possibilidade de inclusão e participação social e que esta acontece, não como abstração, mas sim como ação concreta no mundo, justifica-se a preocupação com a acessibilidade em seu sentido amplo, incluindo sua dimensão estética, e a busca de estratégias para viabilizá-la. (LIBERMAN; MAXIMINO, 2016, p. 141).

*Acho que é uma convergência de forças sociais, estéticas e éticas que vão conduzindo esses deslocamentos e esses trajetos. Senão a gente vai pensar que dependeria da pessoa decidir se ela vai ser criminosa ou professor, e acho que não é isso. É o contrário, o quando a gente pouco decide, cada vez que nossos corpos e nossas vidas são mais capturados nesses funcionamentos mais capitalísticos de uso e de despotencialização, acho que menos a gente pode decidir. O desejo é uma dimensão que a gente sempre tem que buscar abrir e a arte é uma aliada. Por isso fomentamos a cultura para poder ter arte e espaços sensíveis para que o desejo possa circular com mais abertura (E.I. em entrevista).*

*Quando a gente fala de colocar a arte numa esfera autônoma, ou a cultura, é uma coisa estratégica, mas a vida não funciona assim. Por esferas autônomas. Nada é separado. Então essa autonomia da arte ou da cultura ou da economia, isso é estratégico, para o bem e para o mal. Mas o funcionamento da vida é muito mais atravessado, é de travessias, de transversalidades. As coisas se atravessam (E.I. em entrevista).*

Ainda de acordo com Oliveira (2016) o território está correlacionado com as experiências estéticas. A criação da memória e da relação com a existência se associam com as vivências cotidianas. Assim como, abrir espaços para que as possibilidades possam ser geradas e reconhecidas.

*A gente fez um evento com pessoal da produção cultural e contou essa experiência e eles falaram:” olha, aí que está um tanto da diferença, né?” Que não era só produzir um espaço de fomento à cultura, tinha todo um estabelecimento de conhecer e de se conscientizar que aquele já era um espaço cultural em si, descentralizado...porque também tinha a ver com isso, né... não era o teatro, os equipamentos de cultura da cidade são todos os tempos, né... a gente ia para regiões afastadas, coisa das periferias (M.S. e I.C. em entrevista).*

Tal preceito faça com que criemos lembranças a partir das vivências. Logo quanto mais elementos significativos nós obtivermos na experimentação com o universo ao longo de nossas trajetórias pelo mundo, tanto mais rica será a criação dos símbolos e signos que elaboramos na produção de nossas subjetividades.

*(...) o fazer cotidiano daquelas pessoas, o que é a horta dizia da sua experiência cultural, da sua expressão cultural, do que é importante para elas e como isso ajuda a potencializar aqueles cotidianos e o que elas trazem também de violência e de sofrimento a partir disso... agora como fazer essa horta acontecer. Não é a T.O. é a T.O. junto com quem? Então, a gente foi ampliando as parcerias e esse projeto foi continuando nesse sentido (P.C. em entrevista).*

*Então os meus grupos estavam sempre nessa pegada, de fazer essas aproximações. No grupo de poesia e música a gente foi assistir a um evento que teve aqui de curtas e documentárias que tinham a ver com cultura paraense. A gente foi assistir uma semana e na outra semana a gente deu vazão para tudo que eles tinham visto de símbolos e de várias coisas com as quais eles identificaram para que eles pudessem escrever sobre aquilo (I.O. em entrevista).*

*“Quando eu pensava na poesia e música, que eu fazia toda essa aproximação com os elementos culturais, com as vivências, eu pensava muito em criar rede de sentido, de compartilhamento mesmo, de valores” (I.O. em entrevista).*

As danças circulares, as vestimentas locais, as comidas típicas, a produção de cenários, são elementos de uma experiência estética. Ainda de acordo com Oliveira (2016), as ações cujas experiências estéticas se efetivam, se tornam mais coletivas e as trocas entre usuários, como exemplo, ocorrem com maior potência e poesia.

*Tem uma coisa culinária também em torno do Círio que é importante. As comidas típicas: Maniçoba, o Vatapá daqui que é diferente do Vatapá do nordeste, o Pato no tucupi, enfim. O Círio, por isso que eu te falei, não é só uma manifestação religiosa porque ele junta elementos muito fortes na cultura local (I.O. em entrevista).*

Tal fala ilustra que a experiência estética pode perpassar pelos estímulos e elementos constituintes daquela vivência coletiva. Os elementos culinários, as danças, o ambiente, as pessoas, a decoração, compõem o cenário sobre o qual a experiência ocorrerá e a partir disso, se formarão os múltiplos sentidos.

*Apareceu das crianças a dimensão da falta de espaço para brincar... e aí é uma questão que tocou, já logo de cara, dimensões culturais, no sentido do modo de fazer, do modo de pensar o espaço, dos modos de entender, o morar, e o habitar coletivamente (D.G. em entrevista).*

*As pessoas, a comunidade do entorno, as crianças do entorno, começaram a participar desse ponto de encontro e cultura. Tinha sarau, tinha projeção de filmes, tinha sarau na rua, tinha filme na rua, tinha saída, tinha gente convidada para conversar de um assunto, tinha leitura, tinha de tudo um pouco, tinha os artistas de rua que acabaram conversando ali, achando um espaço para conversar para divulgar, para produzir, virou um espaço também de demanda de determinada de produção dos artistas de rua, poetas, músicos, que queriam produzir seus livros, produzir seus cds. Então, foi virando um espaço, ali de produção cultural e um espaço de muito encontro e de muita gente (D.G. em entrevista).*

*(...) a capoeira, para uma parte expressiva dos jovens a capoeira era um elemento ali centralizador e que uniu uma parte da comunidade; o Hip Hop, então tinha o grupo jovens que batalhavam para ter um espaço para ensaiar, para ter investimento entre eles para o Hip Hop... que mais que vinham como dimensões...as meninas, com a dimensão da dança, aí vários tipos de dança que foram se configurando também em demandas mais ligadas às danças brasileiras. Então, tinha um universo ali, um universo cultural que crianças jovens e adultos, né... nos diziam que faziam sentido... fazia sentido na construção desse Projeto. Em paralelo a gente fez um trabalho territorial, bem precioso junto com as narrativas da comunidade (D.G. em entrevista).*

*E um autor que gosto muito e tenho usado muito com os alunos, que é o Gilles Brougère, que fala da cultura lúdica, gosto muito porque ele traz o brincar, que eu tenho muito trabalhado também, como legítimo depositário da cultura de transmissão oral de crianças, jovens, adultos e idosos. Então eles disseram que a gente não nasce sabendo brincar, a gente aprende, é uma imersão na cultura. Alguém me ensina quando eu sou bebê, quando sou criança, os signos dessa cultura (A.J. em entrevista).*

*“Então sempre resgatando o que elas tinham de elemento cultural, o que elas conheciam, o que elas poderiam produzir a partir disso” (A.J. em entrevista).*

*(...) então porque que fica mais difícil para a gente trazer para as relações mais individuais ou para circuitos menores porque a gente tem essa coisa da cultura é a produção da coletividade, né... a cultura ela não existe sozinha, o indivíduo só, ela é sempre a relação, a cultura, mesmo que a gente esteja estabelecendo falando de uma relação individual. É poder estabelecer essa relação da coletividade que está talvez não visível ali na materialidade, mas que a gente compreende que ela existe, como é que traz esta dimensão coletiva também para o... talvez para unitário (...)(M.S. e I.C. em entrevista).*

*No espaço comunitário do parque, eles traziam a confecção de bonecas que eles tinham aprendido com a mãe, com a avó, e recuperavam isso. Traziam a ideia de criar brinquedos que eles tinham na infância. As 5 Marias, o jogo de bola de gude, lembro que cada um tinha uma regra: "Olha quando era criança aprendi desse jeito" e ensinavam uns aos outros e jogavam (A.J. em entrevista).*

As atividades humanas são instrumento privilegiado das ações dos profissionais e constituem o elemento centralizador do processo terapêutico ocupacional. Compreende-se que privilegiá-las para a compreensão do indivíduo no mundo requer trazer à tona a experiência, o fazer e o estar no mundo com o outro. Portanto, nos ocupamos de lançar luz sobre a experiência de si no mundo e sobre a experiência de estar e fazer com o outro (IMBRIZI *et al.*, 2018, p. 932).

Jurdi, Silva e Liberman (2018) se utilizam de outras ferramentas e artefatos para atuar em sua prática. Sob esta lógica, temos a arte do brincar como ponte entre o fazer terapêutico e a infância. A ideia de clínica associada ao exercício do lúdico.

Vimos a cultura presente também na interface com a saúde. A cultura aparece como possível estratégia de atuação, deslocando e ampliando a perspectiva clínica.

Assim, (...) as oficinas de atividades, passam a fazer parte do nosso cotidiano como uma possibilidade de sair de situações repetitivas, e adentrar em novos campos de experimentação e de confronto com o desconhecido. Transitamos por espaços não convencionais para a clínica tradicional, como a rua, os parques, os estabelecimentos públicos, as escolas, os centros esportivos e culturais etc. (BRUNELLO *et al.*, 2006, p. 7).

Enfatizamos em toda essa experimentação, não a produção do objeto, mas a produção de acontecimentos, ações, experiências, encontros, buscando por meio da experiência estética, sensibilizar o olhar para o mundo, para os modos de se relacionar, de sentir os problemas, as dores e angústias (OLIVEIRA, 2016, p. 77).

*A gente tem muita clareza de que existe o trabalho clínico em saúde e que ele é muito importante para que essas populações possam vivenciar uma experiência artística. Eu me aproximei dessa ideia no mestrado e me aprofundei no doutorado, dessa ideia de que precisa de muita clínica e de terapeutas muito preparados para que eles possam trabalhar em ambientes que não são da clínica. Ou seja, é como se nós, terapeutas, precisássemos estar muito habilitados clinicamente para permitir que essas populações que são, em geral, "amarradas" ao circuito da saúde, que pouco experimentam outros circuitos, seja o cultural, educacional ou o circuito do trabalho, possam vivenciar e ocupar um lugar que não seja o de paciente ou de alguém que está em tratamento. Que quando estiverem na escola, por exemplo, estejam como aluno dessa escola (E.I. em entrevista).*

*A gente compõe alguma coisa que ao mesmo tempo é estético e clínico. Era muito bonito ver o que acontecia no grupo, como um lugar que emerge de uma forma que se a gente quisesse aprofundar virava uma obra, uma intervenção clínica, e isso ficava em potência (Devir A. em entrevista).*

Na realidade a maneira como Devir A compreende a cultura ainda está relacionado diretamente com o fazer clínico. Estética e clínica se conectam no trabalho com a cultura, todavia, o que vamos novamente dizer é que a utilização de elementos culturais na clínica ainda não é o que estamos propondo. A maneira como nos apropriamos da cultura é diferente. É um outro lugar, com demandas e contornos que nos levam a acreditar na cultura como campo.

Busca-se ainda pensar estratégias que lancem em um estado de jogo a clínica e o teatro. Estado este em que o clínico e o artista estejam comprometidos com a invenção de dispositivos cênicos e clínicos que afirmem a vida em sua potência de variação e autopoiese (DEVIR , 2008, p. 9).

Com este sistema de expressão artística oferece-se uma ponte de criação entre o paciente e os outros. No interno da clínica este tipo de comunicação é encorajada e valorizada. Pode ser concebida como uma modalidade espontânea, por meio do qual o paciente tenta seu contato com o mundo, identificando a incapacidade dos outros, receptores da comunicação, em geral a sociedade, de escutar e de entender (CASTRO; SILVA, 2002, p. 6)

Os processos de compreensão e leitura de mundo são redefinidos a partir da experiência artística. Enquanto fazemos arte, colocamos em contato com o sensível toda a nossa corporeidade, estando integralmente no momento presente. A prática artística pode ser fonte de saúde e pulsação de vida. Escutar os elementos do universo como uma forma de ler é dar novas vozes para o que chamados de ego e o que chamamos de outro.

A terapia ocupacional, sob a luz desta discussão, descentraliza as práticas biomédicas, cujos corpos necessitam de remédios, como exemplo, e vou se voltar para a intervenção por meio das linguagens de apreciação, fruição, escuta, percepção do mundo e dos seres que nos cercam.

As citações acima nos sugerem que há outros meios (e a arte é um deles) para que trabalhem sob uma perspectiva diferente da biomédica. Aqui as práticas artísticas e voltam para o cuidado da saúde e do corpo. O usuário que se reabilita não necessita apenas de remédios para se cuidar, mas pode também ser cuidado sob a perspectiva das artes. Ler a situação de maneira distinta ao cuidado biomédico. Os modelos de cuidado ganham novos contornos.

A apreciação estética tem nas artes e na cultura, papel importante no que tange à fruição: vivenciar aquela experiência recheada de vastos elementos (sejam eles visuais, degustativos, audíveis), traz para a experiência sensorial certas riquezas que construirão novas redes de símbolos e signos.

A partir das narrativas, pudemos notar a presença de elementos como corporeidade e o corpo como fonte de ampliação de capacidades de movimento e fruição. Sobre a experiência estética temos a possibilidade de novas formas de linguagem e comunicação, para além da verbal, como vimos. A maneira de dizer

exprime o posicionamento ético-político de nós enquanto pesquisadores e profissionais.

Utilizando práticas corporais e estéticas desloca-se a intervenção do predomínio da linguagem verbal, geralmente utilizada para coletar informações, identificar diagnósticos, passar prescrições, educar etc., para outras linguagens e experiências (LIBERMAN; MAXIMINO, 2016, p. 143).

*“Há outras coisas que podem possibilitar a partir da experiência estética. O que a gente está falando aqui é do direito à experiência estética. O direito ao exercício da inventividade”* (P.D. em entrevista).

A experiência estética pode ser marcante para quem a vive, porque proporciona conexão com as emoções e sentimentos mais fortes. A possibilidade de contato com elementos que venham a auxiliar na construção de processos de subjetivação e descoberta, se torna algo necessário para as mudanças de perspectivas do cotidiano. Tal vivência estética pode quebrar barreiras relacionadas aos mais diversos sentimentos da vida cotidiana.

Quando o estilo de ser do sujeito se apresenta e tem lugar na experiência com os outros, ocorre uma propulsão de um contínuo estado de criação de si, de sempre se fazer outro e de ressignificação da existência (MECCA; DE CASTRO, 2009, p. 186).

*Eu acho que esse campo artístico, esse campo da criação, esse campo da invenção, o jogo, as possibilidades de a gente reverter a própria cultura... Não tomar a cultura como algo fechado, algo que está sempre em movimento, por isso que processo de subjetivação me serve demais. Por isso, só por isso. Eu uso mais identidade. As pessoas valorizam uma cultura e desvalorizam outras* (F.L. em entrevista).

Outra perspectiva que nos traz a cultura e a arte como possibilidades para a construção de novos significados se aproxima da relação que desestabiliza o equilíbrio da experiência, desloca o sentido para outro ponto. Fascina por produzir outros efeitos no corpo cujas marcas se refazem.

Vemos semelhanças na temática sobre a fala de outras entrevistadas. Correlacionar as experiências práticas pode nos levar a mapeamentos interessantes sobre o trabalho da cultura em diálogo com a terapia ocupacional.

Para além da cultura como elemento constituinte dos seres humanos, podemos pensar na utilização da cultura e das artes, como exemplo, no que tange às invenções do ser: recriar, reinterpretar, refazer podem simbolizar a reinvenção da realidade, coletiva e individualmente.

As experiências estéticas e os processos de criação são próprios da vida e dos corpos e podem acontecer nas situações cotidianas, mas nosso modo de existência produz distâncias entre o corpo e o que ele pode, sua potência e seus processos (LIBERMAN *et al.*, 2017, p. 120).

O cotidiano é transpassado por experiências estéticas que abrem novas linhas de pensamento e relação com a vida cotidiana, com o outro, consigo e com o mundo.

A experiência estética acontece em momentos de intensificação da experiência: quando, por exemplo, testemunhamos o choro de Telma ou ouvimos atentamente narrativas de Fernanda, maltratada em um hospital psiquiátrico, mas também em momentos de cantos e danças partilhadas, acontecimentos estes que nos tocam e que nos fazem sair diferentes dali (LIBERMAN; MAXIMINO, 2016, p. 144).

*E da atividade expressiva tem gente que vai achar ali um caminho pra vida, pra produção, que vai ter um desejo maior de se aprofundar nisso e isso sim é arte. Eu vou me aprofundar nisso, ajudar esse sujeito a fazer curso, ter formação, estar mais em contato com outros recursos e técnicas do campo da arte pra poder ser desenvolver (Devir A. em entrevista).*

*É até uma construção teórica diferente da que eu hábito comumente, mas didaticamente ela me serve bastante, é por aí que eu ensino também, acho que ajuda a enxergar que sem a arte, sem a atividade intelectual, o cotidiano está empobrecido (Devir A. em entrevista).*

A construção de um ambiente confiável, sustentado por vínculos e um respeito pelo tempo formativo favorecem que a experiência possa ser incorporada e atualizada para novas e outras situações ampliando a acessibilidade à experiência estética (LIBERMAN; MAXIMINO, 2016, p. 144).

*Pensando nesse lugar de atuação da TO, que é um lugar também com os artistas, mesmo dentro do campo da arte é uma coisa que eu incluo, que tem um lugar pra nós ali, muito potente, para ajudar a dar passagem pra esse mundo cada vez mais difícil no processo de criação (Devir A. em entrevista).*

Sob os trechos podemos propor que o desenvolvimento de estratégias relacionadas ao universo artístico, do corpo e os processos de criação auxiliam na participação de seus usuários no que se correlaciona aos direitos como a cultura e a

fruição cultural. Ter um lugar para si dentro do universo da linguagem das artes é participar socialmente das ações do mundo.

*No ambiente da arte eu acredito que exista esse ponto. De como sustentar que essas pessoas, e aqui me refiro à companhia UEINZZ que é onde tenho uma experiência mais intensa, possam estar ali como atores e criadores, como performers e sustentar esse trabalho nesse lugar com as contribuições que essas experiências de vida têm para a arte (E.I. em entrevista).*

É crescente o trabalho e o desenvolvimento de ações na interface arte/terapia ocupacional. A década de 90, como exemplo, foi marcada pela criação de laboratórios como o PACTO (Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional) na USP na cidade de São Paulo, cujos objetivos que concentraram na divulgação e na execução de práticas que deslocassem o trabalho do terapeuta ocupacional nas suas habilidades clínicas para outras habilidades diversas como as linguagens artísticas, compondo assim novas relações no fazer clínico.

Nos anos seguintes teve início a constituição do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional (PACTO) – que desde 1996 tem desenvolvido um conjunto de ações de formação de caráter transdisciplinar num território de interface entre as artes, o corpo, a saúde e a cultura. São 21 anos de experiências e pesquisas que formam estudantes na graduação e na pós-graduação, e contribuem com os debates que problematizam e reinventam as intervenções neste campo (CASTRO *et al.*, 2019, p. 119).

*Então, quando a gente vai para um festival de teatro, quando a gente tem um fomento que sustenta a produção de uma peça, isso tudo tem a ver com a relação deste trabalho artístico com a dimensão cultural da sociedade. O reconhecimento disso, a divulgação, o modo como vai ser anunciado na mídia e na comunicação do trabalho (E.I. em entrevista).*

*Não é um trabalho de terapia ocupacional, é um trabalho de teatro que precisa do terapeuta ocupacional, eu diria, na medida em que o tipo de contribuição que o terapeuta ocupacional pode dar na leitura desse modo de expressão artística, com os loucos, com as pessoas com deficiência, com as pessoas em situação de vulnerabilidade (E.I. em entrevista).*

É possível observar a curva de ascensão do desenvolvimento de trabalhos nesta interface entre práticas artísticas, estéticas e a terapia ocupacional. Diante da

criação de laboratórios como o PACTO, o PRACTO, dentro outros, conectamos as experiências às interações como o universo do corpo, da arte e da cultura.

*Então isso já muda a proposta no sentido que ela não é uma proposta terapêutica, já vai qualificando essa proposta. Então a gente contrata diretores de teatro, bem como quando se vai fazer uma proposta com música, contrata-se músicos, professores de música. Então, isso já modifica. Porque eu posso ser uma terapeuta que tem afinidade com teatro, que me interessa por isso e que estudo por isso, mas este não é o meu trabalho. Quem faz este trabalho vem fazer este trabalho e daí a gente já vai constituindo isso que chamamos de interface (E.I. em entrevista).*

As atividades artísticas e culturais ganharam, assim, relevância como dispositivos para a instauração de um estado de criação de novos modos de ser, através da experiência de transformação dos materiais, da natureza, de si mesmo, do cotidiano, das relações interpessoais, do mundo e da cultura em que se vive, propiciando a participação das pessoas e grupos atendidos em redes de afeto, sentido e interação social. A construção, no plano das práticas e do pensamento, de uma perspectiva de atuação em Terapia Ocupacional na interface das artes, da saúde e da cultura, pedia um desenvolvimento no âmbito da formação que acompanhasse esses deslocamentos (CASTRO *et al.*, 2019, p. 118).

### 3.2.5.1 Cultura produzindo deslocamentos

As mudanças nas propostas e o deslocamento dos sentidos nas práticas, trouxeram para a fruição e para o campo das vivências novas demandas em como os profissionais se relacionariam com a profissão. Logo, o contato com experiências estéticas pode transformar não apenas o cotidiano dos usuários, mas a própria maneira de se relacionar com o campo de trabalho. O foco no trabalho artístico tem também preocupações com as demandas relativas à participação e ao acesso.

*O conhecimento da terapia ocupacional, através do terapeuta ocupacional, vai contribuir para que aquela experiência teatral possa ser uma experiência com uma população heterogênea que seja aberta a participação de qualquer um. Uma experiência teatral que não tenha o terapeuta ocupacional dificilmente vai ser uma experiência aberta a qualquer um (E.I. em entrevista).*

*Eu acho que tem um ganho que é para o campo das artes, e por isso acho que a TO tem uma contribuição para fazer, porque na medida em que as experiências culturais são propostas, ou seja, uma proposta que vai incluir e buscar uma configuração grupal mais heterogênea,*

*ou que serão voltadas para as populações que habitualmente não estão acolhidas nessas propostas. Ou seja, eu faço uma proposta artística, mas que é cultural porque ela está fazendo um gesto na cultura de trazer populações para uma experiência artística que eles não costumam frequentar (E.I. em entrevista).*

*Mas na medida em que você aposta nisso como uma experiência artística, o que você está produzindo ali é uma coisa que deve ter alguma qualidade artística, por conta dessa marca. Então a questão é: se eu estou fazendo teatro com pessoas com deficiência, o que a experiência com a deficiência contribui para o teatro? O que essa marca na produção artística produz como contribuição estética, cênica? (E.I. em entrevista).*

*“É na sustentação da proposta. Por que é aquilo que te falei, sobre a gente sair daquele lugar de ser uma ilustração de trabalho social. Tem qualidade essa música?” (E.I. em entrevista).*

Frente à perspectiva de E.I. podemos notar a mudança no ponto de vista em relação à cultura e às artes. Aqui, elas não aparecem como ferramenta ou dispositivo. Aparecem como parte constituinte de uma profissão, de um núcleo afirmado na cultura.

*O gatilho foi o “Mais um corre”<sup>34</sup> porque eu sentia muita necessidade de mostrar aquilo que as pessoas e não só para as pessoas visualizarem aquela produção porque eu achava o máximo aquilo, não conseguia nem explicar, né? Porque foi imersivo para mim e acho que para quem participou o “Mais um corre”... A gente ficou bastante tempo conhecendo a história das pessoas acompanhantes as pessoas a gente de tarde à noite, entendeu?(I.C e M.S. em entrevista).*

*Juntou o pessoal que estava interessado e escrevemos... lembro que ele escreveu o projeto primeiro projeto...o “Mais um Corre” foi muito bonito, né? Um dos projetos mais marcantes com certeza... e aí ele rendeu várias coisas... então rendeu discussões sobre o que a gente estava fazendo... como a gente podia chamar (...) (I.C e M.S em entrevista).*

Para Inforsato *et al.* (2021) a formação acadêmica que opera deslizamentos entre a arte e a clínica é um desafio do laboratório PACTO. De maneira geral, todos os laboratórios com os quais tomamos contato possuem, elementarmente, interfaces com a cultura e as temáticas que estamos trabalhando, fato que determinou essas

---

<sup>34</sup> O projeto de extensão “Mais um corre” simbolizou a atuação do Grupo Atividade Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO), da Universidade Federal de São Carlos, junto à população em situação de rua, a partir de uma exposição ética estética sobre a complexidade de viver nas ruas.

participações nesta pesquisa. O que difere entre eles é a maneira como trabalham e olham para o elemento da cultura na terapia ocupacional e vice versa.

A partir de 2003 os docentes e terapeutas ocupacionais do PACTO ficaram responsáveis pela formação prática e em pesquisa neste campo, com as disciplinas de Estágio e Práticas Supervisionadas em Terapia Ocupacional e as ações na interface arte e saúde; e Iniciação à Pesquisa no campo das atividades, recursos terapêuticos e processos criativos em T.O. (CASTRO *et al.*, 2019, p. 120).

Os dispositivos inventados pelo Laboratório, ou que a ele se associam, agenciam encontros entre estudantes, terapeutas ocupacionais, artistas e outros profissionais da cultura, saúde e educação, pessoas com experiências diversas de sofrimento e/ou em situação de vulnerabilidade, projetos, instituições, textos, ideias, trajetos, danças, cantos, gestos, silêncios... nos quais se instauram processos de produção de subjetividade para todos os envolvidos (CASTRO *et al.*, 2019, p. 122).

A fundação de alguns grupos e núcleos de debate, permite o início da discussão da terapia ocupacional no campo da cultura de forma mais intensa, estabelecendo parcerias com outros grupos e laboratórios do Brasil e da América Latina.

Engendrar uma formação na ambiência acadêmica, que opera deslizamentos entre as artes e a clínica para a instauração de processos formativos nos quais incidam, concomitantemente, as dimensões da experiência sensível e da produção de conhecimento, é o desafio cotidiano a que se propõe a equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo (PACTO- USP).

Para fazer frente a esse desafio, um conjunto de dispositivos tem sido criado e efetuado no âmbito das disciplinas de graduação e especialização em Terapia Ocupacional (T.O.) na interface arte, saúde e cultura, a fim de instaurar aberturas por onde a elaboração das experiências pode se dar, compondo planos para uma produção de subjetividade (INFORSATO *et al.*, 2021, p. 2).

Tal trecho nos revela a prática como algo que entrelaça todas as esferas do sensível como a arte, o corpo, a fruição e os direitos. Discursar sobre o acesso à cultura é considerar todas as esferas. Novamente, o que difere são os referenciais teóricos e os setores onde cada um se encontra dentro de suas práticas.

A experiência estética compõe um núcleo de sentidos sensíveis que deslocaram as vivências e cotidianos. Uma experiência estética significativa pode transformar os modos de produção de vida e a relação com o mundo. Criar estratégias sobre as quais o acesso às experiências aconteça simboliza não apenas a garantia de um direito humano, mas a possibilidade diletante de experimentar a arte enquanto arte, o objetivo pode ser intrínseco. Afinal, consumir arte é se alimentar de cultura. As experiências podem transformar os corpos, nossos contextos e por isso nossas vidas.

### **3.2.6 Corpo/Corporeidade: sentindo o vento durante a navegação.**

Deixar-se fruir é deixar o novo acontecer: ter seu corpo frente às experiências – mergulhar em medos, aos traumas, àquilo que outrora tenha sido sufocado pela não possibilidade de criar, recriar e sentir. Inventar lugares onde a verve do discurso possa expressar o sentimento e não apenas a palavra é inventar seres humanos renascidos em si. A triangulação entre práticas corporais e artísticas, o trabalho da terapia ocupacional e as narrativas das participantes abrem portas para a ação e para novos voos. Tal qual a experiência estética cujos sentimentos e sentidos emergem sobre as vivências da fruição e da vivência, podemos pensar a relação e a criação dos sentidos a partir do corpo. Os acontecimentos da vida cotidiana surgem a partir do próprio corpo. O corpo está inscrito em tempo, dentro de uma história, dentro de uma cultura, que desenham realidades e significâncias na existência.

A exploração das ações a partir do corpo, também pode fazer emergir novas formas de olhar para si mesmo, para o outro e para o mundo. O corpo pode expandir a compreensão inclusive da percepção sobre ter um corpo. Sob a ótica da corporeidade não temos um corpo. Nós somos esse corpo. A troca da visão, da percepção sobre a questão do corpo, muda a estrutura do pensamento que divide, como exemplo, a mente, o corpo e a alma e integra os conceitos: “corpo/alma/mente” em uma unidade de vida. As mudanças de um paradigma sobre o corpo, causaram outras interpretações e possibilidades sobre as ações.

A temática do corpo nos interessa como produtora de relação humana, agora não analisada sobre ferramentas, dispositivos, estruturas políticas ou sociais tão somente, mas colocando a matéria prima da vida: nosso corpo, como fonte produtora de outros caminhos. As relações acontecem a partir do corpo no mundo.

O francês Merleau-Ponty (1996) entende o ser no mundo também tendo o corpo como princípio das ações, dos fenômenos, das interpretações que subjetivam os seres. A localização das ações no mundo acontece sobre a ideia do corpo. Ideia esta que nos insita que é o corpo o agente que viverá, interpretará, sentirá, produzirá relações dele mesmo com o universo.

*“Eu trabalhei com roda de dança circular, dando ênfase para as danças indígenas ou quilombolas. Eu fui me aproximando dessa rede de compartilhamento desses elementos a partir do corpo, das práticas corporais”* (I.O. em entrevista).

Propiciar um cuidado comprometido com a ideia de que os corpos são habitados por elementos culturais e que estes são carregados como partes das nossas próprias entranhas, ajuda a dizer de um modo de dialogar com forças geralmente esquecidas quando se pensa na saúde dos sujeitos (OLIVEIRA, 2016, p. 106)

*Os usuários estavam super curiosos, disponíveis, então a gente viveu anos muito incríveis com esse sarau do Renascer. Era um sarau que começava de manhã e terminava à tarde. Ele começava 9 horas da manhã. Era um sarau em que a gente abria o trabalho com aula de yoga ou com uma roda de dança circular, com um café da manhã compartilhado e as pessoas iam se apresentando, com música, poesia, ou alguma apresentação cultural, como a quadrilha que foi para lá, gente assistia um filme e depois discutia sobre o filme, a gente viu o filme da Nise da Silveira bem no ano do lançamento* (I.O. em entrevista).

*Já naquele espaço eu consegui começar a me aproximar de algumas práticas. Fui muito para o campo das práticas corporais. Então eu tinha um grupo de relaxamento, mas assim, sempre que eu tinha essas práticas eu fazia uma aproximação com elementos culturais. Por exemplo, no grupo de relaxamento eu trabalhava com banho de cheiro. Eu trabalhava com sachê de travesseiro com ervas, que são ervas que tem uma função de relaxamento e de ativação do sono* (I.O. em entrevista).

Os elementos trazidos nas narrativas de I.O se aproximam do campo da cultura, mas se analisarmos mais pontualmente, podemos observar a presença da cultura como um dispositivo.

*Dentro do grupo de prática corporal a gente foi formando uma rede com esses colaboradores para que a gente pudesse vivenciar várias coisas ao longo dos anos que esse grupo foi se reativando. Eu fazia os planejamentos anuais para o grupo e ia trazendo gente para que ele não ficasse só comigo, não ficasse centrado na minha figura de terapeuta. Que a gente pudesse ter parceiros para experimentar*

*outras coisas. Então foi um grupo que a gente fez muita coisa nessas parcerias (I.O. em entrevista).*

*E eu acho que para mim a arte, do jeito que entendo é um bem da humanidade, é um bem cultural, é um bem de todos. eu acho que eu tenho uma perspectiva muito corporalista da Terapia Ocupacional, porque todos os trabalhos que eu faço, a maioria deles, mesmo que eu vou fazer um trabalho conceitual, ele parte da experiência, do saber do corpo (F.L. em entrevista).*

F.L. traz a ideia da cultura como direito humano e patrimônio da humanidade. Todavia, não acredita no campo cultural como concebemos. Aqui é importante ressaltar que as trajetórias e as formações vão direcionar o entender sobre as temáticas. F.L. concebe o corpo como porta de entrada para as experiências.

*Olha... esse também é um problema que você está me trazendo, porque assim... eu vejo que na T.O., a gente tem necessitado estabelecer um contorno para os Terapeutas Ocupacionais, que trabalham com uma dimensão ligado à arte, ao corpo e a cultura (F.L. em entrevista).*

Ainda recobrando Merleau-Ponty (1996), a motricidade do corpo incluirá em outras questões como mentais e espirituais. O corpo alterará a percepção do mundo. A ampliação do movimento e da compreensão do corpo, desloca a criação dos sentidos.

Outro ponto relevante se relaciona com as práticas artísticas possibilitando novas formas de se estar: a partir do corpo se criam expressividades e manifestações outras, cujas potências ultrapassam a experiência caso não houvesse a arte. Para Flávia, a arte e a terapia ocupacional assumem sentidos múltiplos nas vidas cotidianas.

O corpo aparece como ferramenta que amplia a vivência. É por meio do corpo que a experimentação acontece. A sensorialidade das emoções e do pensamento se materializam no corpo. Transformar os sentidos, deslocando as interpretações, levam à ampliação de horizonte da vivência. Aqui temos o corpo como instrumento de experimentação. Essas experimentações marcam a história dos sujeitos e podem resultar em sentimentos menos tristes, menos abjetos, mais poéticos e mais leves.

### 3.2.6.1 Perspectivas sobre o corpo e a corporeidade: processos estéticos e formativos na terapia ocupacional

As modificações do sujeito no mundo podem ocorrer passando pela ideia de corporeidade. Para Merleau-Ponty (1996) o ser humano é percebido em seu corpo. Ele não tem um corpo, ele é o próprio corpo. “A partir da noção de ser um corpo e não ter um corpo, o autor passa a agregar conceitos como percepção e subjetividade para uma nova compreensão da motricidade dos corpos” (AMBROSIO; SILVA, 2017, p. 7).

Para o teórico francês, o objeto de estudo passa pela percepção do corpo para a criação de sentidos. A percepção influenciará diretamente na expressão desse corpo. A coletividade e as experiências em grupo também configuram essa rede de sentidos e de interpretação. A partir do outro, nos encontramos conosco.

O grupo permite entrar em contato com os desejos e ser livre para elaborar e escolher novas opções. A atividade propicia esse encontro com o desejo e a escolha, fundamentais para uma vida criativa: desejo de conhecer, de pegar ou ser pego, de observar, de ouvir, de chorar, de tocar e ser tocado, correr, gritar, criar ou sonhar. Além do prazer de aprender a estar com os outros (AMBROSIO; SILVA, 2017, p. 6) .

*A gente tinha uma coisa do próprio corpo, sendo esse corpo que emprestava aqueles corpos completamente desterritorializados, completamente fragmentados, a ponto de pessoas estarem babando, caindo no chão e, no dia seguinte, a gente chegando. Eu certamente naquela época eu falava assim “não, esse corpo tá aqui, mas ele não tá aqui”. No dia seguinte, quando a gente chega, chega essa moça que estava muito “grogue” da medicação, babando, caindo no chão e a gente lá o tempo todo naquela perspectiva de “vamo lá pelo fluxo tentar levantar”. Quando ela nos vê chegando ela pergunta: “Hoje vai ter oficina de música?”. Aquilo para mim foi inacreditável. Isso foi na década de 90. E aquilo foi um marco pra mim (M.C. em entrevista).*

A relação com os processos formativos também aparece como importante apontamento, já que para as pesquisadoras as atividades de ensino e extensão, principalmente, aparecem como as possibilidades de criação e experimentação, a ponte entre a universidade e a comunidade e que se sustentam com a força da comunidade as experiências no campo.

*Eu construí um estágio, uma extensão, primeiro um projeto de extensão e depois um estágio em terapia ocupacional no campo da cultura, que foi assim que a gente denominou na época. Porque o*

*nosso trabalho era focado, não na cultura enquanto só essa coisa cidadã e acessibilidade cultural também, mas a coisa da fruição, do reconhecimento (M.M. em entrevista).*

Os processos de formação acadêmica passaram, cada vez, a olhar para os currículos de seus cursos de forma a considerarem o elo entre clínica, corpo e arte como caminho de atuação profissional.

A transformação se dá a partir de profissionais que se relacionaram com a temática a partir das vivências em projetos culturais, de extensão, criando espaço para esses acontecimentos, assim a atuação vai se transfigurando: os olhares mudam, as relações com o outro também.

*Então, eu já ficava próxima dos sujeitos tentando auxiliar num processo de criação em diferentes linguagens naqueles lugares e eu identificava que alguns daqueles sujeitos podiam vir a expandir a sua vida cotidiana por meio da aproximação com esse recurso. Já vir a trabalhar, a vir a ocupar esse lugar, como artistas também. É uma história super cumprida pra chegar no espaço-corpo (Devir A. em entrevista).*

*Tenho pensado muito sobre essa cisão que a gente fez historicamente na cultura ocidental dessa separação corpo, arte, essa esfera inclusive que nomeamos como espiritual, mas que outras culturas nomeiam de outra forma, que vão pensando isso como parte constitutiva de quem somos no mundo (Devir A. em entrevista).*

Sob a perspectiva da corporeidade, cujas divisões de alma/corpo/mente não existem, por se tratar de uma unidade criadora de sentidos e signos, notamos nas narrativas a presença das teorias de Merleau-Ponty cujo corpo é criador de sentidos e de reações no universo. Tal qual o conceito de cultura, o conceito de corpo também se modificou ao longo do tempo.

Houve um tempo em que para Sócrates, como exemplo, o corpo era algo perecível e a alma era salva para a vida eterna. Platão, discípulo de Sócrates, pensou o corpo como algo que pudesse aprisionar a alma. O elemento binário e em antítese entre corpo e alma perpassa até hoje o imaginário coletivo: o corpo é finito e morre, já a alma vive a vida eterna após a morte do corpo. Frente ao Cristianismo, a alma e o corpo parecem ser elementos distintos e antitético. Mais adiante na história, o corpo virou abrigo de vícios e pecados. Os prazeres do corpo e as práticas hedonistas condenavam a alma, passiva de salvação.

Tal corpo também sofreu as consequências do capitalismo. Marcado pelo consumo e pelos bens materiais, os corpos se tornaram a vitrine de produtos: modelos, maneiras de se vestir, de andar e falar, de se propor como ser humano, tornaram o corpo molde da sociedade. Os pilares dos sistemas capitalista e neoliberais ou quaisquer outros também incidem sobre os corpos (HEROLD JUNIOR, 2008).

Retomando Merleau-Ponty (1996) o corpo e mundo incidem sobre a mesma matéria prima. Assim sendo, o corpo é visto como algo mais orgânico à vida. Está integrado à condição do mundo. Para o autor, a sensibilidade e a percepção humanas são elementos básicos para as significações do mundo. A percepção é um fenômeno. Para ele, o corpo pode também ser fala e expressão. Também se comunica.

Da mesma maneira, não preciso representar-me a palavra para sabê-la e para pronunciá-la. Basta que eu possua sua essência articular e sonora como uma das modulações, um dos usos possíveis de meu corpo. Reporto-me à palavra assim como minha mão se dirige para o lugar de meu corpo picado por um inseto; a palavra é um certo lugar de meu mundo linguístico, ela faz parte de meu equipamento, só tenho um meio de representá-la para mim, é pronunciá-la, assim como o artista só tem um meio de representar-se a obra na qual trabalha: é preciso que ele a faça (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 246).

O corpo e a corporeidade apresentam elementos de linguagem e de comunicação. Articular o corpo é criar linguagem, como lemos:

*Então nos aproximamos muito mais da performance, e aí eu tenho um trajeto de aproximação com as artes cênicas e isso pra mim tinha um lugar importante, e poder trabalhar com pessoas muito diferentes, com artistas, com estudantes de artes, com estudantes de T.O., da antropologia, num grupo que se encontrava pra fazer algo juntos a partir da prática de uma educação somática e de uma experiência com essas linguagens, contação de história, teatro, dança (Devir A. em entrevista).*

*“Eu trabalhei com roda de dança circular, dando ênfase para as danças indígenas ou quilombolas. Eu fui me aproximando dessa rede de compartilhamento desses elementos a partir do corpo, das práticas corporais” (I.O. em entrevista).*

A sensibilidade estética é um aspecto das vertentes de Merleau-Ponty. Notamos que o corpo se torna parte integrante da análise estética na obra do teórico francês. A fenomenologia é estruturada pela percepção do corpo como unidade no mundo. O corpo pode ser, junto à corporeidade uma porta de acesso para práticas

culturais e artísticas. Essa percepção sobre a estética amplia a capacidade de compreensão da utilização do corpo no espaço. Recobrando Liberman (em entrevista concedida), temos na corporeidade a possibilidade de ampliação da compreensão sobre o corpo.

*(...) eu vou dar a dança, para aumentar a amplitude do movimento; mas eu acho que a dança, ela é muito mais do que isso, ela mesma, enquanto potência expressiva do humano. Mas na terapia ocupacional, nós temos um outro problema. É a Biomedicina. Tudo que a gente faz ele tem que ter um objetivo médico patologizante (F.L. em entrevista).*

De acordo com Liberman (2010) a corporeidade pode significar novos processos de identidade e pertencimento individuais, que culminarão em fazeres coletivos. “(...) podemos dizer que um outro aspecto a ser assinalado no território do fazer é o inusitado de uma proposta de um fazer individual que se desdobra e se desmancha em um fazer coletivo” (LIBERMAN, 2007, p. 264).

Os estudos e práticas sobre a corporeidade transformam o corpo, a compreensão desse corpo no mundo. Os territórios de sensibilidade e sentido vão se encontrar com novas formas de se relacionar e se identificar com o outro no mundo. A subjetivação do ser acontecerá a partir das experiências corporais.

*A questão dessa fruição... De fazer trilhas pela mata, de identificar o território, de identificar aqueles elementos de plantas e animais, do que eles gostavam de desenhar...a gente ia para mata com eles para contarem como que era aquele dia a dia, o que era importante, do que não era para eles (M.D. em entrevista).*

O corpo será tido como fonte de possíveis intervenções. A presença, a prontidão, a consciência desse corpo trarão maior número de modos e novas formas, que se ampliaram na compreensão do “eu mesmo no mundo”, do “eu em relação ao outro” e do “outro em relação a mim e ao mundo.”

Um dos desafios é resistir à tentação de um novo adestramento, agora efetuado pelas chamadas intervenções clínicas na construção de um corpo hipercriativo, superexpressivo, que responda, rapidamente, às velocidades impostas pelos modos de subjetivação contemporâneos. (LIBERMAN, 2015, p. 185).

Trazer o corpo para a discussão é potencializar esse corpo frente aos elementos das práticas e ações culturais. O corpo é afetado por outros corpos e afeta aos outros também. Para o corpo é bom aquilo que tenha capacidade de ser afetado, de ser influenciado (LIBERMAN, 2015). A relação entre os corpos cria afetos e pertencas.

O corpo se relaciona com o mundo a partir das ações e frequências de pulsação, cria movimento e se estabelece presente como fonte de possibilidades. Ampliar a visão sobre o corpo, é abrir novos horizontes interpretativos. A matéria do corpo transformará os demais corpos sob aspectos químicos, sob os fenômenos dos ambientes, sob as condições físicas e afetivas (LIBERMAN, 2015). “Os corpos estão em constantes autoproduções. Os corpos estão em redes e estão atravessados por substâncias e acontecimentos”, como sugere Liberman (2015, p. 187).

Deslocamos a compreensão em torno do corpo: Merleau-Ponty nos aponta que a qualidade não é um elemento da consciência humana, mas sim uma propriedade do objeto que a constitui. A qualidade da interpretação sensível depende sempre de outros elementos da realidade.

### **3.2.7 Relações Interseccionais: paraquedistas em oração aos céus.**

É inegável a interferência dos processos que marcam a história do Brasil, em relação a racialização colonial como forma de dominação branca. Assim, a ideia de raça cria a dicotomia entre inferiores (negros e indígenas) e superiores (brancos), e consolidam categorias raciais a partir da codificação dos traços fenotípicos dos colonizados como cor e legitimam processos de subalternização e naturaliza as relações de dominação (AMBROSIO; SILVA, 2022). Estes padrões de dominação estruturam diretamente as relações culturais estabelecidas entre estes grupos.

Outra questão peculiar para a nossa argumentação se refere ao fato de que as culturas de povos indígenas e negros africanos sofreram fortes interferências e destruições desde período colonial, mas com todo processo das colonialidades ainda atualmente.

Ambrosio *et al.* (2020) apontam que a prática terapêutica ocupacional antirracista, além de estar comprometida com as pessoas e grupos marginalizados pelo racismo e colonialismo, precisa estar engajada em promover alterações nas estruturas institucionais, sociais e comunitárias.

Pensar sobre diferentes povos indígenas e suas etnias e coletivos negros se apresenta como uma grande demanda e debate, visto que para estes temas ainda se apresentam de forma incipiente, apesar de crescente e urgente na terapia ocupacional brasileira.

Nas narrativas, temos alguns relatos de práticas que compõe diferentes formas de atuação e de reflexão, como a seguir:

*Casa das Áfricas desenvolveu que era o Círculo Áfricas, contribuições de artistas e intelectuais africanos e africanas no Brasil. Foi um programa centralizador das ações da casa das áfricas em parceria com o Projeto METUIA envolveu vários T.Os. e trazia também esta dimensão de discutir o próprio racismo, xenofobia e esse racismo se constrói também relação com a África, com a desqualificação de um continente inteiro... essa história com a África é de longa data, e ela foi marcada por muitas ações, né, e que estão interconectadas com a Cultura como direito e cultura também como eixo organizador das ações da T.O. (D.G. em entrevista).*

Diversidade cultural é diversidade de discursos e práticas interseccionais, é diversidade na composição de diversidade de povos e etnias integrando a mesma roda de conversas.

*Eu acho que essas dimensões, elas existem mas em graus maiores ou menores, em cada prática dos terapeutas... às vezes os terapeutas por exemplo, estão trabalhando mais dentro da sua dimensão mais identitária, usando o conceito de cultura como modo de obtenção de direito daquele determinado grupo. E ok. Tem um uso interessante, da função identitária. Aliás muito presente hoje né Antonio... A luta dos negros, a luta dos indígenas, são lutas identitárias e necessárias neste momento, porque são simplesmente ignoradas a sua existência (F.L. em entrevista).*

*Então, essa mudança vai se encontrar em certo período com as políticas culturais que também vêm ampliando o seu campo de atuação, que vão construindo projetos, fomentando projeto e políticas de base comunitárias, que vão valorizando a questão das culturas indígenas, que vão trabalhando na pauta da diversidade. Há uma questão de encontro e essas pessoas que estão nessa interface, quando elas estão atuando num espaço, num ambiente, em um programa que esteja apoiado por políticas culturais, ela está trabalhando na área da cultura e é disso que a gente tem feito um reforço (P.D. em entrevista).*

*E também as suas expressões artísticas e culturais. Então tinha performance, tinha vendas de artesanatos indígenas, de biju, de roupa afro, apresentação de grupos de jogos, de capoeira, de performance Drag. Enfim, então... Isso é uma coisa que também é muito presente,*

*dentro da minha prática enquanto professora de terapia ocupacional (M.C. em entrevista).*

Neste trecho podemos notar e sugerir o papel da cultura como campo de atuação. Espaços culturais se formam na busca de se constituir um campo. Sobre os debates e sobre a expansão das temáticas, sugerimos também que o trabalho da terapia ocupacional com a cultura tenha relação direta com os coletivos, territórios, de forma a promover lutas contra-hegemônicas.

*Se para a atuação técnica estamos sendo convocados a repensar conceitos, no âmbito da pesquisa e do desenvolvimento teórico-epistemológico precisamos acompanhar essas atualizações que exigem que estabeleçamos novos diálogos (AMBROSIO; SILVA, 2022, p. 4).*

Na entrevista de Márcia Cabral da Costa, ela nos explica sua perspectiva e como se relaciona com o conceito de atividades afroreferenciada<sup>35</sup>, a partir construções de estratégias para restituição histórica e existencial de pessoas negras, objetivo do coletivo que coordena: Laboratório Işé.

*Eu me identifico mais com uma terapia afro-referenciada, inclusive construí um capítulo de livro que saiu agora na UFRJ com esse nome. (M.C. em entrevista).*

*“As pessoas acessam elementos que não dizem sobre a sua existência e apagam-se as culturas próprias e assim elas (as pessoas) vão se distanciando de suas culturas e sofrem com isso (...)” (M.C. em entrevista).*

*Eu uso essas palavras-chave, cultura, atividades culturais negras, africanas, mas é bem pautada nessa perspectiva e a gente atualmente está inclusive dentro desse grande universo de perspectivas negras africanas, a gente fez um recorte de perspectiva Yorubá afro-brasileira, que tem a ver muito com uma perspectiva de terreiro (M.C. em entrevista).*

A narrativa de Márcia expõe a necessidade de se trabalhar em um campo que respeite e valorize as diversidades culturais, que influenciam os processos de subjetivação dos seres humanos: *“É urgente que se valorizem as culturas pretas no*

---

<sup>35</sup> Termo bastante utilizado pela entrevistada que se refere às práticas não colonialistas, não patriarcais e não hegemônicas, que se deslocam do modelo europeu, como exemplos.

*Brasil. É urgente que os negros acessem a sua cultura preta*” (M.C. respondendo sobre o seu trabalho). Afinal, a cultura que os negros acessam muitas vezes não os representa.

*“Por que que tem esse paradoxo: Porque enquanto signo eu preciso dizer que é cultura africana. Para que as pessoas entendam. É um conceito mais genérico que faz com que as pessoas entendam e possam parar para me ouvir”* (M.C. em entrevista).

*O que é uma discussão importante que a gente faz: é exatamente essa discussão que você trazendo da cultura, que concepção eurocêntrica da cultura, da arte... E o que acontece? As pessoas negras quando (...) por exemplo na terapia ocupacional, elas acessam atividades que não dizem sobre a sua existência (...)* (M.C. em entrevista).

Esta narrativa evidencia a necessidade da construção de práticas que valorizem as culturas a partir de perspectivas contra hegemônicas, ou estaremos rapidamente podemos estar reproduzindo lógicas, e culturas hegemônicas no trabalho com pessoas e coletivos que historicamente sofrem com a supremacia branca. É então, por um lado, um “se debruçar” sobre as relações e questões étnico-raciais, por outro, é preciso mais do que oferecer espaços ou elementos culturais diversos, é necessário gerar e alargar espaços para as existências, para a valorização daquilo que faz sentido para aqueles coletivos.

Costa *et al.* (2020) apresentam outras perspectivas para o trabalho pautado em da cultura africana e/ou afro-brasileira, considerando a sobreposição de uma cultura marcada pela supremacia branca, que apaga e/ou inferioriza a cultura negra.

*(...) o branqueamento é um processo político e psicológico que nasce do medo das elites brasileiras do crescimento da população negra e mestiça; refere-se à construção de uma identidade branca pela pessoa negra, que incorpora um conjunto de padrões de beleza, de atitudes e de valores visando a assemelhar-se a um modelo branco (SANTOS *et al.*, 2012, p. 172).*

Para Barros, De Almeida e Vecchia (2007) as sociedades são um campo de desigualdades e conflitos constantes. As diferenças étnicas-culturais são sufocadas com a ideia de uma identidade coletiva. Mas para que haja a multiplicidade e a coexistência de diversas culturas é preciso romper com alguns binarismos trazidos

pelos discursos homogeneizadores. A exemplo das religiões, temos preconceitos e estereótipos sobre algumas delas. É preciso romper.

Há, portanto, um grande desafio no contato das diferentes culturas, o outro transformado em objeto exótico tem sofrido transformações, mas ainda informa parte de nossos preconceitos e facilita projeções sobre o outro tanto de nossos desejos como de nossas repulsas (BARROS; DE ALMEIDA; VECCHIA 2007, p. 131).

Logo, a diversidade cultural é composta por ações que sistematizam um grupo de elementos e pilares possibilitadores de acesso e coexistência com os múltiplos. Para Débora Galvani (2021), é impossível se fazer qualquer trabalho sem compreender sobre culturas a partir de perspectiva antropológica:

*“É impossível fazer T.O., em qualquer área da T.O., sem entender as dimensões culturais do ponto de vista antropológico (...) alguns profissionais trabalham no campo da cultura. Ele me faz todo o sentido”* (D.G. em entrevista).

Criar mecanismos e estratégias de atuação que fomentem as múltiplas culturas existentes no Brasil. As manifestações culturais e a manutenção de elementos regionais, estabelecem a preservação com a identidade, com as crenças, com hábitos e costumes de um povo. Contudo, esse processo também gera conflito.

*“(...) Porque a questão da cultura e dos atravessamentos da cultura, elas estão em todos os sujeitos, em todos os grupos. Não existe uma T.O. que não parta de uma análise de uma perspectiva cultural da existência das pessoas...”* (F.L. em entrevista).

*Eu vou te contar um caso que tem a ver com isso. A gente fez uma oficina com uma pesquisadora de dança circular, para experimentar danças quilombolas e indígenas. No grupo tinha um senhor que era evangélico e ele se viu muito angustiado no dia. Ele ia para o grupo, ele relaxava, mas quando entraram elementos culturais na prática, aquilo para ele era muito incômodo* (I.O. em entrevista).

*A pegada cultural, enquanto o grupo estava só nas práticas, enquanto ele não fazia associação com elementos culturais, estava tudo bem. Mas quando ele fez isso, a partir dessa vivência, com essa pesquisadora, isso foi um problema para ele. Claro que eu não vou entrar no mérito religioso, mas para ele essa aproximação com os elementos da cultura africana ou quilombolas, despertava muita incomodação. Tinha muita resistência dele. Claro que para os outros foi incrível, mas para ele foi tenso* (I.O. em entrevista).

*Eu sou atravessado por muitas culturas e a cultura é... esses modos de funcionamento que de certa forma se reorganizam, que a gente pode dizer num certo momento, que eu tenho uma cultura, que você possa ter uma cultura classista, uma cultura branca... uma cultura.... mas enfim são muitos processos de aculturação no sujeito, não é? Essa pessoa, por exemplo, ela mora no Nordeste. Ela nasceu no Nordeste... ela tem uma cultura nordestina atravessada pela vida dela... mas ela não é só isso. Ela é atravessada por diferentes processos de culturalização, vamos chamar assim. Então isso está em todos os sujeitos, está na vida de todo mundo (F.L. em entrevista).*

*“A cultura brasileira, que cultura brasileira? Aliás não dá nem para a gente falar de uma cultura brasileira hoje. Por que hoje o que a gente vê? A gente vê um campo de forças...” (F.L. em entrevista).*

O trecho acima nos traz a ideia de campo de forças e essa discussão, de fato, se faz importante porque abarca o que estamos buscando refletir: qual cultura brasileira existe? A qual temos acesso? Quais queremos enquanto experiências? Problematicar o campo da cultura é problematizar estratégias de ampliação: novas ressonâncias que devem se ecoar na vastidão de tal tema. O conceito de cultura se expande e precisa ser repensado a partir de perspectivas contra-hegemônicas.

*E aqui entendendo também as próprias leis como essa expressão da mobilização de identidades coletivas. Poder também entender essa T.O. que se mobiliza, que dialoga com os conflitos culturais, com as questões lidas a partir dessa dimensão dos conflitos culturais, identitários coletivos (D.G. em entrevista).*

*[trabalhamos] as lógicas de pertencimento, as lógicas de sociabilidade... num movimento contrário ao que a gente costuma vivenciar, que é o movimento de desqualificação, de reduzir as pessoas as pessoas ou o grupo, ao seu lugar de pobre, a pobreza. Como se a pobreza fosse a única possibilidade de identidade daquele grupo, então... esses elementos, a produção que a T.O. social ia fazendo, e esse encontro com a antropologia urbana eles vão alimentando essa possibilidade compreender dimensões da produção desses sujeitos, que (D.G. em entrevista).*

*O que me chamava muito a atenção também eram as narrativas das pessoas que não conseguiam expressar os seus pertencimentos religiosos, porque absolutamente tudo o que elas frequentavam do ponto de vista da assistência, tinham um marcador de uma religião, de uma denominação religiosa (D.G. em entrevista).*

É importante que façamos uma reflexão sobre os trechos acima, que nos trazem a ideia de pertencimento e lugares de discursos cada qual como suas particularidades. Cada particularidade se desenha de acordo com cada maneira que

as culturas se manifestam. Outro ponto que podemos observar nos trechos, são as dificuldades de articularem em suas narrativas seus pertencimentos ou conflitos. As práticas e os trabalhos desenvolvidos pela terapia ocupacional podem auxiliar na mediação de conflitos culturais e na capacidade de expressão de pontos de vista e opiniões. Legitimar uma crença, uma cultura e criar espaços para que isso acontecer é fomentar a ampliação aos direitos e às diversidades culturais. Por vezes, podemos notar, a dificuldade que as pessoas possuem em se reconhecerem em um espaço sem que tenham receio ou barreiras para se expressarem de maneira honesta e que tenham seus pontos de vista respeitados. A terapia ocupacional em suas ações podem auxiliar no gerenciamento de conflitos culturais. Como articulamos um debate onde as culturas e expressões culturais coexistam de maneira coerente, respeitando e garantindo os direitos humanos e culturais.

As afetividades produzidas e a relação de pertença podem surgir a partir do respeito à diversidade cultural, à interculturalidade e aos processos de respeito às etnias, raças, religiões mais diversas.

*Eu acho que tem muito a ver com essa questão do afeto. Da expressão sensível. Eu emendaria naquilo que eu te falei agora a pouco: o que está se produzindo é algo que, mais do que mudar as pessoas, muda o mundo? Cria mundos? Acho que a questão é: modificar as pessoas para mim ainda estaria circunscrito a essa esfera terapêutica. Muda a vida de todo mundo? Muda a vida do entorno? cria mundos? transforma os mundos? eu acho que esse é o ponto. Acho que a vida de cada um, no espaço político, tem que estar voltada para todos. Então, como é que eu posso ter uma relação com uma pessoa que tem uma história de sofrimento psíquico, uma história de passagens por serviços de saúde mental, por tratamentos de saúde mental e tomar essa pessoa como alguém que tem alguma contribuição política pro campo artístico, cultural? É nesse ponto que eu pensaria em transfiguração, não como uma coisa voluntária, autônoma ou individual, mas como uma coisa que é voltada para a criação de mundos, para a produção de alteridade, de outras formas de sentir, de perceber, de viver, para todos (E.I. em entrevista).*

A cultura LGBTQIA+, como exemplo, são camufladas e anuladas pelos modelos hegemônicos.

*Mas quando era presencial tinha um trabalho de campo, um trabalho etnográfico com população indígena, população negra e população LGBTQIA+. E aí a ideia era fazer uma imersão dentro desses grupos e pensar qual tipo de cultura marca os modos de vida desses diferentes grupos. E convidar essas pessoas para esse evento final,*

*tanto para uma roda de conversa conversando sobre as questões pertinentes, as problemáticas sociais, os seus modos de vida, as suas potências que são muitas vezes não possibilitadas de se expressar (M.C. em entrevista).*

*“O foco é essa pessoa poder fazer uma contribuição e uma produção artística que produza sentido no mundo. Que ela reverbere para os outros e que ela seja desejada” (E.I. em entrevista).*

Produzir outros sentidos no mundo nos amplia a maneira de estar nele: é sobre novas formas de se relacionar, é sobre novas maneiras de se pensar e construir as relações humanas, que conseguiremos fortificar as discussões sobre direitos e políticas não apenas culturais, mas humanos e éticos.

Edith Piza argumenta que, se há algo característico da identidade racial branca, essa característica é a invisibilidade, que se concretiza diariamente através da falta de percepção do indivíduo branco como ser racializado. A branquitude, nesse caso, é vista pelos próprios sujeitos brancos como algo natural e normal. Edith Piza classifica essa identidade coletiva como uma construção em contraposição, em que os não brancos são aqueles que têm a visibilidade da raça. Assim, para a autora, a branquitude só existe em relação (SANTOS *et al.*, 2012, p. 173).

*Essa diversidade cultural para o mundo, para a sociedade, para a gente auxiliar na construção das diferenças, eu tenho certeza de que os meus colegas que trabalham com cultura indígena, não trabalham só com cultura indígena. (...) Para quem pensa nessa T.O. e cultura. Não que a gente não vá pensar em atividades culturais, mas o sentido maior, pelo menos, para mim é essa potencialização do direito ao acesso cultural. E dessa história muitos outros elementos surgem: as identidades, os coletivos (P.D. em entrevista).*

As ações que vão de encontro com a concretude de práticas que valorizem as manifestações culturais locais ou regionais, são ao mesmo tempo em que especificam uma cultura como mantenedoras da expressão de um povo, como parte integrante da condição humana. Valorizar a cultura sergipana, como exemplo, é demonstrar aos outros mais sobre essa cultura, ratificando a sua importância no cenário de respeito à cultura brasileira e suas diversidades. Garantir que as culturas sejam expressas e acessadas é garantir que elas se exerçam em suas potencialidades, memórias e significados.

*“E aí eu falei que a gente tem que começar a aparecer e ser reconhecido como tal, dada a importância que eles tinham de representação desse bairro, dessa região*

e a potência que a cultura tem nesse lugar de transformação das realidades” (M.M. em entrevista).

*Existe todo o protagonismo dos idosos em relação ao campo da cultura, sem os quais não existiria as transmissões culturais, as tradições e a questão da intergeracionalidade mas daí estou falando de uma perspectiva maior que transcende a questão da terapia ocupacional em si (C.R. em entrevista).*

*Então o que a gente fez: a gente foi fortalecendo esse grupo, enquanto coletivo, enquanto uma quadrilha representante da cultura nordestina sergipana, mas também daquele Jardim, chamado Jardim Campo Novo que era a região onde a gente estava (M.M. em entrevista).*

*A cultura como um todo desde a parte da tradição cultural, da cultura dos povos, das políticas, eu acho que é um campo vasto e diverso e é impossível se aprofundar sem ter um recorte, depois eu vou falar desse recorte que é na terapia ocupacional (C.R. em entrevista).*

*“Sempre foi algo otimista, compreendendo as diferenças culturais. A gente não pode ignorar as distâncias entre o nosso público-alvo, no meu caso, idosos em vulnerabilidade, e a minha própria vida” (C.R. em entrevista).*

*Quando eu me proponho a estudar determinada tradição, determinada comunidade, na qual eu não estou envolvida, é claro que não vou ter a compreensão completa daquela situação já que não a vivencio. Eu posso imaginar o que seja, mas é distante. Então o limite é esse, que nem sempre a gente está ali imerso na cultura que estamos nos propondo a estudar, compreender e pesquisar, mas de uma forma geral é um campo de estudo, muito potente...quando você pensa na ocupação, da questão do idoso e sua participação cultural, a sua inserção, isso é o tempo todo permeado pela questão da cultura e sua ocupação no mundo, é sempre perpassado pela questão cultural (C.R. em entrevista).*

Todavia, necessita-se avançar no debate e nas construções acerca do papel do terapeuta ocupacional nos contextos culturais, a fim de que as práticas profissionais sejam coerentes e pertinentes às populações que as demandam (MACEDO *et al.*, 2016, p. 80).

Recaímos sobre a questão da garantia da preservação das identidades e manifestações pertinentes àquelas pessoas e coletivos. Criar possibilidades para que valorizem as práticas artísticas locais, ressaltar diversidades culturais.

*(...) Ela vai querer ir mais ao cinema, ela vai querer mais literatura, ela vai querer ir mais ao teatro, ela vai entender que os espaços culturais lhes pertencem, ela vai querer frequentar. porque as pessoas de periferia, às vezes acham, que um espaço público não tem a ver com elas (P.D. em entrevista).*

As linguagens, como nos sugere P.D., ajudam a compor um campo, um núcleo polissêmico de possibilidades. Se pensarmos em uma analogia, a cultura é tão qual um rizoma: raízes sem começo, meio e fim que se espalham em todas as direções. Por isso, que propôs a ideia de dimensões culturais. A ideia do campo para nós é múltipla e complexa. Nesta direção, a cultura seria como os movimentos de rotação e translação da Terra, vão para diversos sentidos e direções.

*E a gente não oferece né, a gente só potencializa porque a pessoa tem os seus elementos culturais. vamos pensar o seguinte: Hip Hop. Eu comecei trabalhar com Hip Hop nos anos 90, em Porto Alegre. Eu conheci o Hip Hop porque eu fui para a Restinga, o bairro Restinga. Eu conheci 60 grupos de rap só em um bairro. Isolado de Porto Alegre. Longe e tal. Então assim, de onde surgiu isso? Da influência dos negros americanos, sim. Beleza, mas tem uma certa identidade ali. A cultura Hip Hop tem todo um tema gerador então, ela pode traduzir a identidade daquela vida, da violência que está no Rap, está no Break, que está em todos esses elementos, ou o funk. Ou seja, aquilo está lá, se cria lá. Ou o sarau de literatura, saraus de periferia, como o rap auxiliou muito nisso? Então, a coisa está lá. A gente tem muitas manifestações (P.D. em entrevista).*

Ao mesmo tempo em que se direcionam vivências artísticas de um local específico e reafirmam tal cultura, outras pessoas têm contato com novas expressões e linguagens culturais, que possibilitam outros campos de visão e interpretação sobre si, o outro e o mundo. O cenário perfeito é aquele onde as diversas manifestações culturais possam acontecer de maneira respeitosa de mesmo importância e valorização.

*“E aí a gente foi construindo, a gente construía os cenários, pensava na construção das roupas de ciranda dos homens das mulheres e todo o processo de construção junto com a equipe da enfermaria” (M.C. em entrevista).*

*E aí a gente começou a trabalhar também uma rede de “saciólogos”, são pessoas que estudam e afirmam já ter visto Saci, e que o dia de Saci é o mesmo dia do Halloween, então que o Dia do Saci é um Dia Nacional do Brasil de comemoração ao Saci. Daí a gente foi transformando. A gente tirou essa história de comemorar o Halloween e a gente começou a incluir o dia do Saci (M.C. em entrevista).*

*“Essa ideia de chamar os grupos culturais do bairro, do território para compor para a gente ir discutir nessa questão, de que a saúde mental não se trata dentro de um lugar fechado. Que as pessoas estavam na rua fruindo com arte, com cultura” (M.C. em entrevista).*

Notamos novamente a proposta dos territórios desenhando os processos de pertencimento e cultura. Há também um deslocamento do que se do que é biomédico para o que é cultural, artístico e práticas que que estejam relacionadas aos processos de fruição.

Nessa perspectiva, entende-se ação cultural em terapia ocupacional como ações pertinentes aos contextos culturais dos indivíduos, nas quais se busca compreender as formas de organização simbólica das experiências e ações humanas, e as formas de aprendizado dos grupos, bem como as construções das diferenças entre os grupos no que tange aos seus modos de vida e às suas relações. Deste modo, a ação cultural também está relacionada às necessidades de grupos culturais quanto às expressões artísticas, de linguagem, de questões de gênero, de questões etárias e de questões econômicas (MACEDO *et al.*, 2016, p. 83)

Compreender as formas de se organizar e sistematizar um campo é reafirmá-lo e expandi-lo.

*Quando a gente vai falar de cultura, tem diferentes tipos de perspectiva cultural, inclusive na antropologia tem umas coisas muito endurecidas e muito dessa relação binária...Binária e às vezes opositora. Né? Então é humano e a natureza, ela fala sobre uma perspectiva de mundo, inclusive filosófica e aí a gente vai olhando assim, quando a gente olha uma concepção filosófica ocidental, a gente percebe exatamente essas binaridades. Quando a gente olhar essas perspectivas filosóficas indígenas e africanas, a gente vai ver uma perspectiva pluriversal, não tem a questão da binaridade (M.C. em entrevista).*

*“O próprio campo da antropologia foi colocando nesse lugar da cultura para criar processos de exclusão. Esse lugar do exótico, né?” (M.C. em entrevista).*

*E aí tem todo movimento de buscar não entrar nessas armadilhas construídas pela colonialidade e pela hierarquia. Existe uma hierarquia. Então está falando que é cultura? Não é cultura, é uma expressão existencial, porque é o que constitui a existência (M.C. em entrevista).*

*Porque quando a gente vai pensar nesse processo histórico, isso é arte, isso é filosofia, isso é ciência. Isso foi uma construção ocidental que compartimentaliza todos os campos. Quando a gente vai fazer os estudos da origem da civilização humana e que a gente tem dados que apontam que a origem da civilização é negra, que foi no antigo Egito os primeiros homens, eles eram pessoas negras. E lá existia um modo de existir e que não fragmentava, não dicotomizava a experiência espiritual, a experiência científica a experiência artística. Só que isso, com o processo de desenvolvimento, foi se especializando, se compartimentando (M.C. em entrevista).*

*“Por isso que eu falo desse paradoxo. Porque essa construção de termo mesmo, termo cultura, ele é também fruto desse processo de compartimentalização” (M.C. em entrevista).*

Sob tais narrativas compreendemos que as perspectivas culturais estão enraizadas nos processos de colonização e hierarquia. A quebra sobre esses elementos se torna importante para que novas possibilidades existam. Assim como os povos e territórios, as culturas também são resultados com características de suas colonizações. Abrir espaços para outros horizontes, para outras práticas, para novos diálogos, pode tornar a relação com as culturas algo menos hierárquico e hegemônico.

Refletir sobre e sistematizar novas maneiras de expressar a cultura e repensar o papel das culturas nas formações humanas, nos leva aos modelos e modos mais amplos para que possamos, porventura, deslocar e quebrar a lógica das hierarquias também presentes nas culturas.

*(...) não tem o certo, o melhor ou pior, mas assim trazer a diversidade de uma forma mais possível sem ser a forma que eles sempre foram habituados na perspectiva da violência, então a gente sempre trabalhou essa relação de confiança, né... no sentido de que a interculturalidade pode ser possível desde que ela não seja pautada na questão da relação de poder e de violência, que claro a relação de poder ela é inerente, mas a partir do momento que eu consigo entender né... que lugar é esse que eu estou de poder eu consigo receber (M.D. em entrevista).*

*“É claro que a gente não perde essa questão da mediação, do diálogo. Enfim, dessas estratégias e recursos, mas a atividade em si, ela acaba sendo bem importante porque para aquele grupo, ela é determinante para outros processos” (M.D. em entrevista).*

Sobre tais trechos de narrativa, imaginamos que os novos caminhos não tenham direcionamento sobre o que se deve ou não fazer no que tange aos aspectos

menos padrões mais artísticos como exemplo. As vivências, diálogos, experimentações acerca dos elementos culturais, explorados de forma mais livre, podem configurar novos desenhos no que entendemos sobre culturas.

O processo de compartimentalização ao qual se refere M.C. se debruça justamente na segregação de algumas culturas em detrimentos de outras e é também um processo de ajustamento, delimitação e classificação.

*O que é uma discussão importante que a gente faz é que, exatamente essa discussão que você estava trazendo, da concepção eurocêntrica da cultura, da arte, ela toma todo o universo e o que que acontece: as pessoas negras quando vão, por exemplo, no espaço de terapia ocupacional, elas acessam atividades que não dizem sobre as suas existências e isso para nós é um processo de violência, porque é a continuidade desse processo colonial que o tempo todo foi construído um processo de embranquecimento, de apagamento da cultura das pessoas negras e elas, nesse processo de apagamento, elas vão se distanciando das suas essências, da sua singularidade enquanto pessoas negras, e o quanto que isto vai produzido sofrimento (M.C. em entrevista).*

*Então quais são os termos, porque quando a gente vai ver algumas palavras 'yorubá', quando você vai traduzir para o português, a palavra em português, não é suficiente para dar conta do que é essa palavra em yorubá e aí aproxima dessa perspectiva cultural. Porque a cultura yorubá convoca diferentes percepções, inclusive a gente faz uma discussão, diferença de cosmovisão e cosmo percepção. Porque a cosmovisão é uma visão de mundo, e aí tá localizado na questão órgão da visão. E a cosmo percepção é exatamente esse sentimento que se dá por diversos sentidos (M.C. em entrevista).*

*E a subjetividade negra, ela é movida por diferentes sensações, percepções. Quando eu falo das pessoas negras, é porque a subjetividade delas foram negadas, então, quando a gente tá dizendo da importância de oferecer essas atividades que convoca esses múltiplos sentidos ligadas às culturas, à essas expressões existenciais negras, é uma forma do sujeito voltar a tocar, porque certamente a gente vai falar, a gente pode falar de outras culturas também, né? (M.C. em entrevista).*

A necessidade de diálogo é constante para a composição de saberes dos agentes, no entanto numa relação de poder, entre o saber da comunidade e o médico/científico. Evidencia-se, assim, a importância de estudos ligados à saúde indígena e à juventude Guarani, como os trabalhos já referidos sobre álcool, suicídio, violência e maternidade, entre outros (MACEDO e BARROS, 2010, p. 184).

*Eu acredito que o meu trabalho foi sendo desenhado nessa questão da cultura enquanto campo de atuação principalmente no início na*

*questão da interculturalidade, das questões étnico-raciais, que acabam enfim... focando na questão dos povos indígenas, de algumas etnias específicas, mas que em determinadas discussões acabam ampliando um pouco nessa questão étnica e hoje já acabo discutindo a questão interétnica que aprofunda um pouco a questão da interculturalidade. E que tenho caminhado para uma discussão para cultura enquanto estrutura também, enquanto um campo de conhecimento que a terapia ocupacional não pode menosprezar (M.D. em entrevista).*

As narrativas nos revelam que as questões interculturais e étnicas expressam modos de vida por vezes não mantidos e não respeitados pelo decorrer da história. Os modos de vida impactam nas formas de estabelecer relações com o mundo e trabalhar no campo da cultura, também significa compreender diferentes éticas, modos de vidas e saber se relacionar com eles.

Ressaltemos a importância de criarmos espaços abertos para a existência de diversas culturas, povos que coexistem e se integram. A reflexão sobre a temática da cultura é uma reflexão sobre a temática das identidades, povos e pluralidades.

*Vou muito no processo reflexivo, mas depois eu consigo sentar e materializar, faz uns anos que eu estou nessa discussão aí, dessa relação do autocuidado, das existências, da sustentabilidade, dessas possibilidades de adiamento (...) e aí, eu quero trazer essa discussão para terapia ocupacional, a partir dos povos indígenas, nesta questão mais focada na cultura, mas de algo que também possa interpelar outros campos e, não somente os nossos campos mais sensíveis a esse debate. a gente tem que lidar nesse espaço e dessas coisas de acessibilidade, permanência e questões étnicas. (M.D. em entrevista).*

Percebemos que as questões de classe, raça, gênero, e outros marcadores como a idade ou a religiosidade, todas elas também podem compor um escopo acerca da relação de cuidado e de saúde, por exemplo, que reproduz as formas de violência e violação das matrizes de opressão (AMBROSIO; SILVA, 2022).

Nesse período, os negros e os mestiços recebiam muito mais diagnósticos de doenças mentais toxinfeciosas, como a sífilis e o alcoolismo, do que os brancos. E também eram mais acometidos pelas doenças chamadas constitucionais, como a esquizofrenia e a psicose maníaco-depressiva (SANTOS *et al.* 2012, p. 169).

Para Macedo e Barros (2010), os rituais religiosos para indígenas como os Guaranis fazem parte de terapias de curas. Há a necessidade da criação das discussões e debates, bem como a preparação de profissionais que trabalhem com

tal população afim de garantir que parte dessa cultura seja reafirmada também como garantia de acesso à saúde. O saber da comunidade se antagoniza ao saber médico. A saúde está diretamente ligada à preservação da cultura indígena, sob essa perspectiva.

*O sujeito não é fora da sua cultura ele não é, ele é expressão da sua cultura, ele é produção e a transformação da sua cultura. E aí quando eu estou trabalhando com esse sujeito, com os coletivos, com o seu contexto, eu estou trabalhando com cultura porque essa cultura ela vai me dizer dessas formas...um projeto, um projeto que pode simbolizar como que a T.O. pode atuar nisso, para fortalecer essas expressões, fortalecer essa potência de transformação e olhar também para as expressões culturais que limitam, que violentam... porque é isso a expressão cultural não é só, oh que legal! (P.C. em entrevista).*

Cultura sob tal ótica exprime também questões de identidade e pertença. As relações que criamos com nossas

*Eu aprendi tanta coisa com aquela mulher (se referindo à uma prática que fez) e, a gente trabalhava muito nessa relação de valorização do saber, que é o saber cultural, que é bom saber que envolve essa cultura então, a partir dessa escuta, dessa mediação, a gente forma um grupo de mulheres que vinham contando da sua vida, da sua forma de viver, das violências, da cultura local, tanto a potência da cultura local, como a produção de violência da cultura local e da possibilidade de valorização de um saber, então a gente começou com elas assim, a horta...lá na frente... mas primeiro o fortalecimento desse grupo, uma comunicação entre elas porque se você quiser o fortalecimento de um grupo, isso só vai acontecer a partir de um vínculo, e a partir de um sentido. Então, olha só...: como a cultura, ela vai se transformando no eixo tanto no sentido do que é importante para aquele bairro, o que é aquele bairro deseja, o que que aquele bairro expressa de significação da sua vida, a questão da horticultura é importante naquele bairro, se você vier para aquele bairro que eu morava naquela época. Essa diversidade de experiências e de expressões culturais e, aí chegou o momento do projeto que elas falam, a gente quer aperfeiçoar ainda mais essas técnicas de horticultura aqui e de artesanato, então foram dois vetores que para aquelas mulheres eram muito importantes. Nisso, elas já estavam mais vinculadas com o CRAS (P.C. em entrevista).*

*A cultura produz o cotidiano dessas pessoas, essa cultura é produzida nas relações... Então, quando eu digo que a cultura produz, esse sujeito está produzindo na relação com a cultura dele, lembra porque a subjetividade é produzida pela cultura e o sujeito produz cultura, então quando eu digo que a cultura produz o cotidiano, não é só uma*

*entidade produzido a vida daquela pessoa, é a cultura produzida na relação daquela pessoa com o seu meio. (P.C. em entrevista).*

Observemos a relação que a cultura cria com o cotidiano das pessoas. Ela é substância do cotidiano das pessoas. Abaixo temos um trecho que propôs exemplos da cultura como algo que limite e restringe a existência humana:

*A produção de cultura, ela pode estar atuando mais no encolhimento da vida, das possibilidades de vida... ou mais da ampliação das possibilidades de vida, um exemplo básico, quando a cultura... ela é uma expressão cultural, ela limita a diversidade, ela determina modos de vida que são limitados no sentido da experiência...sexual, por exemplo...da sexualidade, uma cultura, uma experiência cultural que limita, que define possibilidade de experiência da sexualidade ela tende a bloquear possibilidades diversas dessa expressão, e eu posso produzir isso, eu posso ser influenciado por isso, olha então existe dois tipos de jeito de ser, homem e mulher, homem e mulher para poder fazer filhinho..., é isso que eu aprendi ... cultura é alguma coisa também que é passado pelo pai, pela avó. Eu aprendi que o certo é homem e mulher senão não tem filho, e eu vou reproduzindo isso...eu estou entendendo que essa reprodução ela limita possibilidades que orientam a sexualidade das pessoas, isso encolhe a possibilidade dos seus fazeres da sua experiência de vida. A minha atuação ela vai muito no sentido de entender quais são os vetores desses, culturais (P.C. em entrevista).*

Os modos de vida são trazidos como manutenção e preservação das identidades culturais, para que se produzam as diferenças sem que produzamos as desigualdades. “Mais do que definir e classificar identidades se torna central para as práticas coletivas dialógicas: a busca dos sentidos e a construção de um escopo de atividades que façam coexistir diferenças sem que haja desigualdades” (LAVACCA, 2018, p. 45).

*Então isso que acaba tendo que ser transformado em produto para que a gente consiga continuar produzindo nessa lógica que a gente vive. Então, às vezes, a forma como a gente traz, é uma oficina de música, às vezes é uma confecção de uma arte típica da região, que isso além de manter a cultura, é um recurso (M.S. e I.C. em entrevista).*

A realização de atividades que corroborem para a construção de espaços onde as identidades culturais se manifestem de maneiras seguras se tornam compromissos. Mas outra vez a problemática recai sobre o fato: Todos têm suas culturas preservadas? De fato, as identidades culturais são respeitadas?

*A gente faz é uma T.O. que visa a transformação, que é a consciência, a percepção dessas relações, como ela se deu nesse acontecimento minucioso e como isso também vai disparar e se relacionar com mais muitas outras relações. Esse é o movimento, então quando eu penso atividade eu penso que é esse movimento, o ser ativo na produção da vida dele. (M.S. e I.C. em entrevista).*

*Eu acho que isso é importante! Nem tudo que é cultural é bonitinho...A cultura a gente defende que cultura é isso, ela é o modo de existir de produzir vida e tudo mais? Ok. Mas desse modo que acontece culturalmente é a partir da negação da violação de direitos de determinada população determinado grupo, a gente não pode justificar e falar, é cultural. (M.S. e I.C. em entrevista).*

*Então, também quando a gente vai olhar o processo, talvez a importância do processo e do acompanhamento de processos como Terapeuta Ocupacional é entender também que a gente não sabe necessariamente o que vai se produzir... a gente tenciona com a crítica, com a política, com a ética, né... mudanças melhores para aquela pessoa, mas também a importância de se olhar para todas essas outras relações que não... elas não deixam de acontecer. só porque eu não estou olhando (M. S. e I.C. em entrevista).*

As questões étnicas são importantes no fomento para a garantia dos direitos humanos de todos os povos. Algumas leis, como a de número 9394/96 das diretrizes e bases de ensino LDB (BRASIL, 1996) supõem garantir a discussão das africanidades e cultura africana nas aulas de história na tentativa de inclui-las na educação básica.

As manifestações culturais e artísticas como as festas e celebrações afro-brasileiras, como exemplo: a prática de capoeira, as rodas de samba, as religiões de matriz africanas como a umbanda e o candomblé, dão espaço para a manifestação e a preservação das culturas africanas no Brasil.

O paradoxo dos conceitos de cultura se dá, justamente, no fato de que ao mesmo tempo de a cultura pode trazer e conceber novas possibilidades positivistas de existência, pode minimizar e restringir a participação.

Tal exemplo nos traz a percepção de que as ações também se fazem necessárias dentro do universo da terapia ocupacional. Construir escopos e arcabouços com as demandas sobre as diferentes culturas e Relações Interseccionais, faz o trabalho dos profissionais da terapia ocupacional se encontrar na confluência da realização de momentos sobre os quais tais manifestações sejam evidenciadas e preservadas. As discussões e debates sobre as temáticas enriquecem

as práticas e constroem novos caminhos para a atuação e para a intervenção com os usuários. Uma pergunta central às temáticas: de modo geral, há garantia de direitos, há acessos? Há respeito às diversidades e às questões étnico raciais?

Outra vez, nos deparamos com a necessidade do debate e da criação de políticas públicas que auxiliem nas atividades culturais: sejam como ferramenta, como campo de atuação, como construção de identidade ou na esfera dos diálogos entre as culturas.

Encontrar meios de produção de subjetividades dessas múltiplas culturas é trabalhar com engajamento dentro dos campos e núcleos da terapia ocupacional. O viés das políticas públicas garante que isso aconteça de forma mais distribuída e horizontalizada.

Os muitos territórios que se localizam no Brasil vociferam as amplitudes de identidades, etnias e povos. Por processos distintos e históricos passam por ocultações e exclusões.

*“A gente precisa sair da dimensão do sujeito hétero branco europeu (...)tem uma dimensão do acesso que pensa de um jeito mais decolonizador (...)”*(D.G. em entrevista).

*“Eu fui trabalhar embaixo do viaduto, onde meus pais me disseram a vida inteira para não passar por lá. Lá era um outro universo cultural”* (D.G. em entrevista).

Percebamos quantas manifestações, quantas identidades, quantas culturas não conhecemos. Invertamos o processo de análise: enquanto pesquisador não conhecemos a maior parte das manifestações culturais, existentes nos guetos, becos, culturas outras tantas que não a nossa. Segundo a entrevistada Débora, precisamos trabalhar com ações menos racistas, xenofóbicas e não dar lugar à sobreposição de preconceitos.

Todos esses trechos que trouxemos nos evidenciam a conexão entre as temáticas que elencamos a partir das entrevistas.

A garantia dos direitos humanos e culturais se encontram ancorados nas práticas cujas políticas públicas e culturais se desenvolvam com engajamento. A problemática sobre tal ponto se dá, justamente, porque a acessibilidade à cultura, bem como a garantia de tais políticas são barradas por diversas questões dentro do cenário real em que vivemos. A terapia ocupacional aparece, pois, como ponte para que tais acessos e garantias de direito venham a acontecer.

Ademais, vimos que as experiências estéticas estabelecem relações com as questões étnico-raciais e se concentram como possibilidade de transformação social.

Os trabalhos em torno da apreciação estética também auxiliam na composição de um arcabouço onde a cultura é setor de atual dos profissionais.

O corpo se demonstra unidade de vivência e criação de elementos sensíveis, cujas transformações das perspectivas sobre a vida, podem se dar de maneira mais engajada com a fenomenologia do sentir e do ser.

Assim sendo, temos a tese de que as dimensões sobre a cultura podem trazer parte de um conjunto de novas ações acerca das práticas no campo da terapia ocupacional, sobre o qual consideramos as temáticas trabalhadas aqui como integrantes potentes para a reinvenção da profissão e para criação de novos pressupostos e paradigmas.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, ao longo da tese, ancorarmos as práticas em torno do campo da cultura com teorias que alimentassem a argumentação de que as ações podem significar novas formas de se olhar para a vida.

Para tanto, foram realizadas entrevistas com profissionais pertencentes a diferentes grupos de pesquisa e outros coletivos espalhados pelo Brasil que, sob diversas perspectivas, trabalham e se reconhecem no campo da cultura ou em interface com a cultura.

Tentando objetivar a discussão e afunilar as temáticas para dentro do campo da terapia ocupacional de maneira mais assertiva, almejamos a utilização de teorias e textos de dentro do próprio universo da terapia ocupacional. As próprias entrevistadas nos serviram de referenciais teóricos, triangulando a argumentação entre narrativas, teoria e práticas a partir dos núcleos da própria terapia ocupacional.

A mostra das narrativas e a apresentação da curadoria das temáticas expressam um caminhar que sustenta a hipótese de que a cultura é campo específico da terapia ocupacional, com a tese de que existem contraposições, debates, arcabouços e escopos teórico/metodológicos distintos de diferentes aproximações e interfaces, mas que acima de tudo existe um campo em crescimento que sustenta práticas, reflexões e outras construções.

A tese se concentra em reunir teorias e perspectivas na relação entre cultura e terapia ocupacional, neste caminho foram muitas as reflexões abordadas. As discussões sobre as temáticas, as apropriações sobre o escopo, a lente que amplia as possibilidades de atuação se volta para o campo da cultura. As perspectivas, os caminhos metodológicos as práticas e estratégias compõem grande leque de possibilidades. E novamente: não se trata de graus de importância. Existe a cultura em múltiplos campos e núcleos da terapia ocupacional, haja vista a diversidade de trajetórias, práticas, debates e engajamentos são apresentados no campo. O que supõe novas perspectivas que legitimam um campo com outras demandas, possibilidades, arcabouços, escopos e olhares.

A partir das narrativas das participantes foi realizada a curadoria temática: Política e Direito; Acessibilidade; Arte e Experiência Estética; Corporeidade e Relações Interseccionais.

Em um primeiro momento, buscamos teorizar algumas maneiras de se conceituar e se trabalhar com a cultura e como esta cultura pode estar inserida na sociedade: quais suas vertentes? Quais suas implicações? Logo, a cultura foi apresentada sob algumas perspectivas, sempre sendo referenciada a partir de um contexto político/econômico.

O campo das políticas sobre a temática da cultura também fez parte da estruturação da tese, com o objetivo de concretizar a necessidade da efetivação dessas políticas na tentativa de se garantirem os direitos humanos às pessoas.

Pensamos a cultura e as políticas inicialmente como grandes setores inerentes à vida humana: como elas aparecem na sociedade? Como ela se transforma ao longo do tempo? Como ela transforma e transfigura as relações humanas? Partimos de teorias mais gerais, mais macros, objetivando desenhar alguns pontos mais amplos das perspectivas teóricas, para depois direcionarmos a discussão para teorias mais micros, pertencentes ao universo da terapia ocupacional.

Notamos que as políticas de acesso e as políticas públicas em torno do elemento da cultura, precisam da discussão sobre suas efetivas concretizações. Apesar das leis que garantem os acessos e colocam a cultura como patrimônio da humanidade, notamos que o real acesso à cultura é barrado por um sem número de obstáculos, como por exemplo, os altos preços das entradas a um museu ou até mesmo a falta de interesse das pessoas em frequentarem um museu. Assim sendo: quais são as estratégias para a garantia à essa cultura? Elas têm funcionado?

Em “Política e Direito: um pouso sobre a área do respeito”, discorremos sobre as demandas dentro das políticas públicas, políticas culturais e os trabalhos que articulam a cultura como bem da humanidade e patrimônio cultural. A problemática sobre tal, recai na questão: mesmo com as diversas políticas sobre direitos humanos e sobre a cultura como direito dos seres, quais motivos existem para que, efetivamente, a relação cultura/seres humanos seja truncada? Há um “tensionamento”.

Sobre “Acessibilidade: adentrando nos espaços como protagonistas” as narrativas apresentam sobre as possibilidades de vivenciar, exercer ou acessar espaços, culturas, obras, patrimônios, ou propostas terapêuticas ocupacionais. Novamente, nos debruçamos sobre teorias voltadas ao próprio campo da terapia ocupacional e problematizamos: Quem tem acesso? Por que não se têm acesso? O porquê não se quer ter acesso? Há a falta de sentido, há a falta de interesse das

peças em algumas vivências. Não se trata apenas de uma questão de acesso provocada pelo dinheiro ou pelas condições de acesso, como adaptações às pessoas com algum tipo de deficiência. Trata-se também da construção de conteúdos, hierarquias e classificações, ações e políticas, entre outras exclusões e desigualdades expressas nos cotidianos das pessoas e coletivos com quem terapeutas ocupacionais atuam.

Em “experiência estética: vislumbrando a maravilha dos céus”, trouxemos exemplos de como é possível tomar a cultura a partir das vivências e experimentações artísticas e culturais.

Na parte sobre “Corpo/corporeidade: sentindo o vento durante a navegação” colocamos o corpo como grande ator das possibilidades de acesso, experiência e potência no mundo. Todas as experiências, vivências, a vida ocorre a partir do corpo e aqui vemos o corpo como uma unidade, uma parte do mundo no restante do mundo. Tudo se integra igualmente.

Finalizando em “Relações Interseccionais”: paraquedistas em oração aos céus”, desenhamos um caminho sobre o qual a diversidade cultural e a interculturalidade, as populações, as etnias, como indígenas, africanos, surgiram como protagonistas das entrevistas: como manter a diversidade cultural? Como respeitá-la? Como criar relações de pertencimento e políticas que sustentem a multiculturalidade? A tensão encontra-se na hierarquização de algumas culturas como mais importantes e outras menos? Como se deram os processos de colonização? Quem estabeleceu as relações de poder sobre as culturas?

Não nos esqueçamos que as culturas se inscrevem sobre os sistemas políticos e econômicos do mundo e estamos analisando as práticas circunscritas nessas condições. Quais práticas devem ocorrer para que minimizemos as desigualdades culturais?

A terapia ocupacional se volta para aqueles que mais sofrem com os processos de exclusão e desigualdade. Grosso modo não evidenciamos, durante o texto, as diferenças socioeconômicas frente às práticas culturais. Mas é elementar que as disparidades ocorrem sobre a questão econômica. A cultura é também não acessada pela condição econômica e mais do que isso apresenta hierarquias dentro das próprias classes sociais. A cultura ainda pode ressoar como manipuladora e aliciadora em sua realidade. Voltando a visão do mundo para a criticidade, a cultura pode produzir experiências estéticas ou vivências de alienem o ser.

A visão crítica sobre a cultura é necessária para que delineemos os papéis as demandas de maneira mais consciente e não romântica.

Novamente destacamos que o ponto principal não é julgar o papel da cultura na vida das pessoas, mas sim possibilitar a vivência para que a partir disso, cada um possa dizer por si mesmo o que aquela vivência produziu naquela vida e se é que produziu e como produziu.

Notamos que o trabalho não está em oferecer uma cultura ou impingir determinada cultura sobre a pessoa. Esta já tem suas manifestações culturais. Sob essa perspectiva, o trabalho da terapia ocupacional é justamente garantir que aquela cultura se mantenha. A pessoa já carrega consigo elementos culturais, não é uma área do conhecimento como a T.O. que trará a cultura para aquela realidade.

Devemos, entretanto, cuidar e considerar que a cultura também pode estar relacionada com padrões hegemônicos ou tradições que ceifam as escolhas e identidades das pessoas. E é aqui que mora a sua contradição: o trabalho com a cultura amplia as possibilidades de potência de vida, mas podem, ao mesmo tempo, segregar e restringir experiências. Precisamos ter atenção na relação que criamos com os conceitos de cultura.

Propusemos a edificação do trabalho da terapia ocupacional se fazendo da cultura como campo de atuação, com perspectivas, desenhos, demandas, linguagens e caminhos específicos de uma prática que olha de maneira distinta para a cultura.

Sugerimos ainda que haja ampliações nos debates que tragam a intersecção de povos, costumes e crenças distintos.

No que tange à formação dos profissionais, também apontamos mudanças no currículo das universidades e na criação de novos cursos que se voltem para o profissional no campo cultural.

Os pontos centrais desta tese se concentraram em realizar uma espécie de curadoria sobre as narrativas mapeadas. A tese se fez de forma mais expositiva e menos conclusiva, trata-se de um mostra das práticas que dialogam indireta ou diretamente com o campo da cultura e a terapia ocupacional.

Tentamos olhar a cultura sob diversas lentes: umas que confluíam com a ideia de que a cultura é elemento inerente à vida e está agindo de maneira mais positivista sobre os seres humanos. Por outro lado, tentamos mostrar a face mais massificadora e mais crítica em relação ao universo cultural.

A pesquisa tem seus limites no que diz respeito ao recorte sobre as temáticas. Entrevistamos apenas terapeutas ocupacionais acadêmicas. Seria interesse continuar a discussão com terapeutas ocupacionais dos serviços, nos mais diversos campos de atuação e que também se reconhecem na área da cultura.

Cada temática tem largo potencial para comporem futuros trabalhos que se encerram sobre as próprias temáticas. Cada temática tem forças para novas teses em si. A tese se construiu na tentativa de criar novos horizontes de pensamento, novas formas de olhar para a grande temática da cultura. É uma provação e um convite aos novos olhares, às novas formas de se produzir conhecimento em terapia ocupacional. Produzir novas relações e novas práticas com a temática da cultura é deslocar o que já temos de hegemônico e padronizante para novos desenhos e novos diálogos. Longe de ser algo conclusivo, é reticências para novos sobrevoos.

## REFERÊNCIAS<sup>36</sup>

ALMEIDA PRADO, Ana Carolina da Silva; SILVA, Carla Regina; SILVESTRINI, Marina Sanches. Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. **Cad Bras Ter Ocup**, v. 28, n.sn, p. 706-724, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/sGP7bMpgPxZsqddxS8PTNxK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em julho de 2022.

AMBROSIO, Letícia; SILVA, Carla Regina. Interseccionalidade: um conceito americano e diaspórico para a terapia ocupacional. **Cad Bras Ter Ocup**, v. 30, n.e3150, p.1-11, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/LTfLtqD6wm4bJ4mFpLcrY3P/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em julho de 2022.

AMBROSIO, Letícia; SILVA, Carla Regina. **Corporeidade e Terapia Ocupacional**. 2017. 54p. Relatório (Iniciação Científica) – Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/344366748\\_Corporeidade\\_e\\_Terapia\\_Ocupacional](https://www.researchgate.net/publication/344366748_Corporeidade_e_Terapia_Ocupacional). Acesso em: maio de 2022.

ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de. Vagar e ocupar: dez anos de narrativas no TOCCA – saberes e práticas transdisciplinares entre as artes e a saúde. **Interface (Botucatu)**, v. 25, n. 8, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2021.v25/e210218/pt>. Acesso em: março de 2021.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013. 256 p.

BARROS, Denise Dias. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. **Rev. Ter. Ocup Univ São Paulo**, v. 15, n. 3, p. 90-7, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/13945/15763>. Acesso em: março de 2020.

BARROS, Denise Dias, DE ALMEIDA, Marta Carvalho; VECCHIA, Talira Camila. Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 18, n. 3, p. 128-134, set./dez. 2007. Disponível em [www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/14016/15834](http://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/14016/15834). Acesso em dezembro de 2020.

BARROS, Denise Dias *et al.* Cultura, economia, política e saber como espaços de significação na Terapia Ocupacional Social: reflexões sobre a experiência do Ponto de Encontro e Cultura. **Cad Bras Ter Ocup- UFSCar**, v. 21, n. 3, p. 583-594, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.060>. Acesso em: fevereiro de 2021.

BARROS, Denise Dias; GALVANI, Débora. Terapia Ocupacional: social, cultural? Diversa e múltipla! In. LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata

---

<sup>36</sup> Referências de acordo com a ABNT NBR 6023 de 2018.

(orgs). **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. 1.ed. São Carlos: Edufscar, 2016.

BARROS, Denise Dias; GHIRARDI, Maria Isabel Garcez; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional social. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 13, n. 2, p. 95-103, 2002. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000870.pdf>. Acesso em: março de 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de Cultura**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

BELEI, Renata Aparecida *et al.* O uso de entrevista, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa. **Cad Educ FaE/PPGE/UFPel**, v. 30, n. sn, p. 187-199, jan/jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1770>. Acesso em: junho de 2021.

BOURDIEU, Pierre. 1998. O capital social – notas provisórias. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio(Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 73-79 (3. ed., 2001).

BRANDÃO, CR. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial União**: Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: junho de 2021.

BRASIL. **Lei n. 12.343, de 2 de dezembro de 2010**. Institui o Plano Nacional de Cultura – PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais – SNIIC e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm). Acesso em: 23 ago. 2023.

BRUNELLO, Maria Ines Britto. Reflexões sobre a influência do fator cultural no processo de atendimento de terapia ocupacional. **Rev Ter Ocup**, v. 2, n. 1, p. 30-33, 1991. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-112605>. Acesso em: julho de 2022.

BRUNELLO, Maria Ines Britto *et al.* A criação de um espaço para a existência: o Espaço Lúdico Terapêutico. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 17, n. 1, p. 4-9,

2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/13976/15794>. Acesso em: julho de 2022.

CANCLINI, Nestor García. **A globalização imaginada**. 1ª. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CARDINALLI, Isadora. **Ninho de nós: sentidos da atividade humana em terapia ocupacional**. 2022. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15866>. Acesso em: julho de 2022

CARDOSO, Paula Tatiana *et al.* ProCult: diversidade e cidadania – uma proposta política e poética na academia. In: SILVA, Carla Regina. **Atividades humanas & Terapia Ocupacional**. 1ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2019, p. 265-86.

DA COSTA, Davi Silva; SOUZA, Heron Ferreira; CARDEL, Lídia Maria Pires Soares. Territorialização e cotidiano como estruturas de uma identidade em construção: Percepções e caminhos dos jovens do projeto de assentamento Ana Rosa, Pojuca, Bahia. In: VI ENECULT, 2010. **Anais** [...]. UFBA. Bahia, 2010. Disponível em: <http://www.vienecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload/24813.pdf>. Acesso em: novembro de 2020.

DE ALMEIDA, Marcus Vinicius Machado. Arte, loucura e sociedade: ideologias e sensibilidade na terapia ocupacional. **Cad Bras Ter Ocup- UFSCar**, v. 5, n. 2, p. 87-100. 1996. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/298>. Acesso em: março de 2021.

DE ALMEIDA, Marcus Vinicius Machado. **Corpo e Arte em Terapia Ocupacional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.

CASTRO, Eliane Dias de. **Atividades artísticas e Terapia Ocupacional: construção de linguagens e inclusão social**. 2001. Tese [Doutorado em Ciências da Comunicação]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001177511>. Acesso em: junho de 2021.

CASTRO, Eliane Dias de *et al.* Formação em Terapia Ocupacional na Interface das Artes e da Saúde: a experiência do PACTO. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 149-156, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i3p149-156>. Acesso em: maio de 2022.

CASTRO, Eliane Dias de *et al.* Território e diversidade: trajetórias da terapia ocupacional em experiências de arte e cultura/Territory and diversity: paths of Occupational Therapy in art and culture experiences. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, p. 3-12, 2016. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/download/1288/681>. Acesso em: julho de 2022.

CASTRO, Eliane Dias de *et al.* Arte, saúde e cultura na formação em Terapia Ocupacional: atividades, corpo e produção de subjetividade na experiência do

PACTO. In: SILVA, Carla Regina. **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1. ed. São Carlos: HUCITEC, 2019. cap. 5, p. 131-156.

CASTRO, Eliane Dias de, SILVA, Dilma de Melo. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/13888/15706>. Acesso em: julho de 2022.

CASTRO, Eliane Dias de; SILVA, Dilma de Melo. Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinaridade e as ações na interface da arte e promoção da saúde. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 18, n. 3, p. 102-112, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/14013/15831>. Acesso em: julho de 2021.

CASTRO, Eliane Dias de; SILVA, Reinaldo José Gomes. Processos criativos e terapia ocupacional. **Rev Ter Ocup USP**, v. 1, n. 2, p. 71-75, 1990. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000811746>. Acesso em: julho de 2022.

CASTRO, Shamyrl Sullivan *et al.* Acessibilidade aos serviços de saúde por pessoas com deficiência. **Rev Saúde Pub**, v. 45, n. 1, p. 99-105, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/JmzdmXDzwZ48DJGB8xnrvCN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: maio de 2022.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. In: Crítica y emancipación. **Rev Lat Cien Soc**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 53-76, jun. 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: abril de 2021.

COSTA, Marcia Cabral *et al.* Laboratório ISÉ: construções de estratégias para restituição histórica e existencial de pessoas negras. **Rev Interinst Bras Ter Ocup**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 5, p. 734-741, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/36913>. Acesso em: abril de 2021

DI PASCUCCI, Alessio; PETRECHEN, Marília Pinto; QUARENTEI, Mariângela Scaglione “Qual é a desse órgão? Arte-reflexão sobre o amor”. **Com Saúde Edu**, v. 15, n. 38, p. 963-6, 2011. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832011000300032](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000300032). Acesso em: maio de 2021.

DORNELES, Patrícia Silva. Jovens, território e territorialidade: Experiências estéticas de engajamento nas ações culturais dos pontos de cultura da região Sul. **Pol Cult Rev**, v. 2, n. 7, p.136-152, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/12575>. Acesso em: maio de 2022.

DORNELES, Patrícia Silva *et al.* Do Direito Cultural das pessoas com deficiência. **Rev Pol Pub**, v. 22, n. 1, p. 138–154, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v22n1p138-154>. Acesso: 11.05.2022.

DORNELES, Patrícia Silva; CARVALHO, Claudia Reinoso Araújo de; MEFANO, Vânia. Breve histórico da acessibilidade nas políticas culturais no Brasil. *In: XV Enecult: encontro de estudos multidisciplinares em cultura*. 2019. **Anais [...]**. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111698.pdf>. Acesso: Maio de 2022.

DORNELES, Patrícia Silva; REINOSO, Cláudia Araújo. Diversidade cultural: formação e atuação da terapia ocupacional na política e no campo da diversidade cultural. Mesa de conversa no XVIII ENECULT. Salvador. Bahia. 2018

DORNELES, Patrícia Silva; SALASAR, Desirée. Acessibilidade cultural. **Expressa Extensão**. v. 23, n. 3, p. 146-160, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/14235/8682>. Acesso: 11.05.2022.

ELMESCANY, Érica de Nazaré Marçal *et al.* Tecendo fios de ouro numa terapia ocupacional hibridizada com a arte. **Revista do NUFEN**, v. 10, n. 1, p. 146-159, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912018000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000100009). Acesso em: julho de 2022.

FANCOURT, Daisy; FINN, Saoirse. What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review. World Health Organization. Regional Office for Europe. 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/329834>. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/329834> . Acesso em julho de 2022.

FERREIRA, Juca. A Economia da cultura e o desenvolvimento do Brasil. *In: Castro, Flávia Lages de; Telles, Mário F. de Pragmácio (Coord.)*. Dimensões Econômicas da Cultura: Experiências no Campo da Economia Criativa no Rio de Janeiro . pp. 1-9 Rio de Janeiro: Lumen Juris

FRANCELINO, Vanessa Carolina Santos; BREGALDA, Marília Meyer. Poesia, arte e sensibilidade: contribuições de um projeto de extensão para a formação de estudantes de terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. sn, p. 50-73, 2020.

FRANCISCO, Berenice Rosa. **Terapia Ocupacional**. 1. ed. São Paulo: Papyrus, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In: FREUD, S.* **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.21.

GALHEIGO, Sandra Maria. O social: Idas e Vindas de um Campo de Ação em Terapia Ocupacional. *In*: PÁDUA, Elisabete. M.M. de; MAGALHÃES, Lilian V. **Terapia Ocupacional Teoria e Prática**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2005, p.15-26.

GALHEIGO, Sandra Maria et al. Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, p. 723-738, 2018.

GALVANI, Debora. **Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades**. 2008. 200p. Dissertação (Mestrado em Movimento, Postura e Ação Humana) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: doi:10.11606/D.5.2008.tde-01062009-110911. Acesso em: maio de 2022.

GALVANI, Debora. **Circuitos e práticas religiosas nas trajetórias de vida de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo**. 2015. 200p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: doi:10.11606/T.47.2015.tde-07072015-100223. Acesso em: maio de 2022.

GALVANI, Debora; BARROS, Denise Dias. Pedro e seus circuitos na cidade de São Paulo: religiosidade e situação de rua. **Interface - Comun Saúde Educ**, v. 14, n. 35, p. 767-779, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RYxwDjsMymX8HGrZc4CyQ9c/?lang=pt>. Acesso em: outubro de 2020.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, p. 57-63, 1995.

GONÇALVES, Monica Villaça; COSTA Samira Lima; TAKEITI, Beatriz Akemi. Terapia Ocupacional e cultura: atravessamento, recurso ou campo de atuação. **Rev Interinst Bras Ter Ocup**, v. 1, n. 5, p. 538-555, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/10078>. Acesso em: julho de 2021.

HANKE, Michael. Narrativas orais: formas e funções. **Contracampo**, v. 9, n. sn, p. 117-125, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17361>. Acesso em: julho de 2022

HEROLD JUNIOR, Carlos. Os processos formativos da corporeidade e o marxismo: aproximações pela problemática do trabalho. **Rev Bras Edu**, v. 13, n. sn, p. 98-111, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000100009>. Acesso em: junho de 2022.

IMBRIZI, Jaquelina Maria *et al*. Narrativas de vida como estratégia de ensino-aprendizagem na formação em saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n.66, p. 929-938, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/5LqFHz57mjQvNXkrnSDBwMy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: maio de 2022.

INFORSATO, Erika Alvarez. **Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum**. 2010. 217p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22042010-104547/publico/ERIKA\\_ALVAREZ\\_INFORSATO.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22042010-104547/publico/ERIKA_ALVAREZ_INFORSATO.pdf). Acesso em: 2022-05-11.

INFORSATO, Erika Alvarez *et al.* Deslizamentos entre a arte e a clínica na formação em Terapia Ocupacional. **Interface (Botucatu)**, v. 25, n. sn, p.1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/S3wRHq6jBK6N9Dk8KjYRznp/?lang=pt>. Acesso em: junho de 2022.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 10341. **JC - ON LINE: Ipea constata que 70% da população brasileira nunca foram a um museu ou a um centro cultural**. IPEA. Disponível em: [https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com\\_alphacontent&ordering=12&limitstart=10340&limit=20&Itemid=80](https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com_alphacontent&ordering=12&limitstart=10340&limit=20&Itemid=80). Acesso em: junho de 2022.

JURDI, Andrea Perosa Saigh; SILVA, Carla Cilene Baptista; LIBERMAN, Flavia. Inventários das brincadeiras e do brincar: ativando uma memória dos afetos. **Comum Saúde Educ**, v. 22, n. 65, p. 603-608, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2018.v22n65/603-608/pt>. Acesso em: março de 2020.

LAVACCA, Antonio Belforte. **Atividades musicais e corporais entre jovens e adolescentes na escola pública: pertencimento, subjetivação e cultura**. 2018. 187p. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9928/LAVACCA\\_Antonio\\_2018.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9928/LAVACCA_Antonio_2018.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: maio de 2020.

LAVACCA, Antonio Belforte; SILVA, Carla Regina. Cultura e pertencimento: música e corpo em uma escola pública de São Carlos. *In: JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL*, 7., 2017. São Carlos. **Anais[...]**. São Carlos: UFSCar, 2017. p.235-244.

LIBERMAN, Flavia. **Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional**. 2007. 304 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LIBERMAN, Flávia *et al.* Práticas corporais e artísticas, aprendizagem inventiva e cuidado de si. **Fractal Rev Psicol**, v. 29, n. 2, p.118-126, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/r8C67GZrsptQ6rj5fKrWyfB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: julho de 2020.

LIBERMAN, Flávia; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Um corpo de cartógrafo. **Interface-Com Saúde, Educ**, v. 19, n. sn, p. 183-194, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/MWxPQ5YZH9FgTTdV5GNZ3Fr/?lang=pt>. Acesso: Maio de 2022.

LIBERMAN, Flávia; MAXIMINO, Viviane. Acessibilidade e experiência estética: um trabalho com mulheres em situação de vulnerabilidade. **Cad Bras Ter Ocup**, v. 24, n. 1, p. 139-146, 2016. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1299>. Acesso em: maio de 2022.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em terapia ocupacional. In: SILVA, Carla Regina. (org.). **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1.ed. São Paulo: HUCITEC, 2019.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 64-71, 2003.

LIMA, Elizabeth Araújo et al. Práticas estéticas e corporais: criação e produção de subjetividade na atenção psicossocial. **Saúde em Debate**, v. 45, p. 420-434, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2021.v45n129/420-434/>. Acesso em: Abril de 2021.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; PELBART, Peter Pál. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. **Hist. ciênc. saúde-Manguinhos [online]**, v. 14, n. 3, p. 709-735, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/3rLqcpCGc3TRpM4Dj8CGnfw/abstract/?lang=pt> . Acesso em: Abril de 2021.

LIMA, Leonardo Jose Costa de ; SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. Visões sobre o envelhecer: o distanciamento e a proximidade da velhice com a grande cidade. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 171-179, 2009.

LOPES, Roseli Esquerdo; LEÃO, Adriana. Terapeutas ocupacionais e os centros de convivência e cooperativas: novas ações de saúde. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 2, p. 56-63, 2002.

MACEDO, Maria Daniela Corrêa; BARROS, Denise Dias. Saúde e serviços assistenciais na experiência de jovens Guarani da comunidade Boa Vista. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 21, n. 3, p. 182-188, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14103/15921>. Acesso em: maio de 2022.

MACEDO, Maria Daniela *et al.* Olhares em formação: refletindo a prática da terapia ocupacional em um contexto cultural a partir de experiências com povos indígenas. **Cad Bras Ter Ocup**, v. 24, n. 1, p. 77-89, 2016. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1290>. Acesso em: maio de 2022.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2005.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/13952/15770>. Acesso em: maio de 2022.

MECCA, Renata Caruso; DE CASTRO, Eliane Dias; Epifania do acontecer poético: aspectos da experiência estética na relação sujeito-obra em terapia ocupacional. **Rev Ter Ocup. Univ São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 180-187, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14074/15892>. Acesso em: maio de 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto R. de Moura. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NALASCO, Leidismar Fernandes; MARTINS, Denise Luciana de Souza Silva. Reflexões do uso da arte como recurso terapêutico ocupacional. **Revista do Hospital Universitário/UFMA**, v. 8, n. 1, p. 25-27, 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hu-ufma/ensino-e-pesquisa/revista-de-pesquisa-em-saude/v8-no1.pdf#page=23>. Acesso em: Julho de 2022.

OLIVEIRA, Ingrid Bergma da Silva. **Artesania do cuidado: reverberações do corpo, do tempo e da experiência estética na terapia ocupacional**. 2016 150f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15472>. Acesso em: maio de 2022.

PASTORE, Marina Di Napoli; SATO, Miki Takao. Pelos caminhos da diversidade sociocultural: diálogos entre Terapia Ocupacional, África e Etnografia. **Cad Bras Ter Ocup**, v. 16, n. 4, p. 952-959. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/fXGspwwNcHF6xZNtyLBb9Xs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: maio de 2021.

POELLNITZ, Jéssica Cristiba von; SILVA, Carla Regina. Sobre a linguagem: sentido para uso de termos e conceitos. *In*: SILVA., Carla Regina. (org.). **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 2019.

RIBEIRO, Marli B.; OLIVEIRA, Luiz Roberto de. Terapia Ocupacional e Saúde Mental: construindo lugares de inclusão social. **Interface - Comunic, Saude, Educ**, v. 9, n. 17, p. 425-31, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DxVLGSPPVgWpCfSNPLn9qGn/abstract/?lang=pt> . Acesso em: fevereiro de 2021.

ROSA, Helena. História oral e micro história: aproximações, limites e possibilidades. **Rev da UFSC**. 2006. Santa Catarina. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Helena%20Rosa.pdf>. Acesso em: junho de 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo social**, v. 5, p. 31-52, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/R3mZGKnT67SGfsVwWpvbTFb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: outubro de 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza Direitos Humanos: o desafio da interculturalidade. **Rev Dir Hum**, v. 02, n. sn, p. 1-10, 2009. Disponível em: [https://eg.uc.pt/bitstream/10316/81695/1/Direitos%20humanos\\_o%20desafio%20da%20interculturalidade.pdf](https://eg.uc.pt/bitstream/10316/81695/1/Direitos%20humanos_o%20desafio%20da%20interculturalidade.pdf). Acesso em: julho de 2021.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais. **Psi Ciên Profis**, v. 32, n. esp., p. 166-175, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TtJZrnNBHT88ShMQTLt5wYg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: Maio de 2022.

SIEBRA, Sandra de Albuquerque; BORBA, Vildeane da Rocha; MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. Curadoria digital: um termo interdisciplinar. **Informação & Tecnologia-Especial Enancib 2016-parte 2; 21-38**, v. 24, n. 2, p. 38-21, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41848>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SIEGMANN, Christiane. **Passagens, limiares e escritências. Pistas para uma terapia ocupacional inventiva**. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em psicologia social e institucional, Porto Alegre. 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193167/001088121.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em julho de 2022.

SILVA, Carla Regina. Oficinas. *In*: PARK, Margarete Brandini.; SIEIRO, Renata Sieiro Fernandes; CARNICEL, Amarildo. (Orgs.). **Palavras-chave da educação não formal**. 1. ed. Holambra: Editora Setembro/Centro de Memória da Unicamp, 2007. p.213-4.

SILVA, Carla Regina *et al.* Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis. **Cad Bras Ter Ocup UFScar**, v. 26, n. 02, p. 489-500, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/QN8rLvHTnr9XxQ9LGLmbz8L/abstract/?lang=pt>. Acesso em: maio de 2022.

SILVA, Carla Regina *et al.* Proposições da terapia ocupacional na cultura: processos sensíveis e demandas sociais. *In*. SILVA, Carla Regina. (org.) **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. São Paulo: Hucitec, 2019, p. 203-224.

SILVA, Carla Regina *et al.* La terapia ocupacional y la cultura: miradas a la transformación social. **Rev Chil Ter Ocup**, v. 17, n. 1, p. 105-113, 2017. Disponível em: <https://revistas.uchile.cl/index.php/RTO/article/download/46383/69239>. Acesso em: maio de 2022.

SILVA, Meire Luci da; GREGORUTTI, Carolina Cangemi. Abordagens corporais: recurso transformador na formação do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 25, n. 2, p. 135-141, 2014.

SILVA, Carla Regina; TEIXEIRA, Débora Isabele Vasconcelos. O hip-hop é uma só família: processo criativo, produção cultural e militância. **Políticas Culturais em Revista**, v. 14, n. 2, p.75-99, 2021. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/2v3vogxyxba3bopj62cjbemgma/access/wayback/https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/download/38271/25347>. Acesso em: julho de 2022.

SILVESTRINI, Marina Sanches; SILVA, Carla Regina; ALMEIDA PRADO, Ana Carolina da Silva. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. **Cad Bras Ter Ocup**, São Carlos, v. 27, n. 4, p. 929-940, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/kZJHWcS4rjQRQ66f8LS7Wmy/abstract/?lang=pt>. Acesso fevereiro de 2020.

STUBS, Roberta; FILHO, Francisco da Silva Teixeira. Inventando gêneros: artes e modos de subjetivação singulares. *In: III Simpósio nacional de educação sexual*. Maringá- PR. 2013. **Anais** [...]. Maringá, 2013. Disponível em: [http://www.sies.uem.br/anais/pdf/arte\\_e\\_sexualidade/1-02.pdf](http://www.sies.uem.br/anais/pdf/arte_e_sexualidade/1-02.pdf). Acesso em: julho de 2020.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. França, Paris: UNESCO. 2002. Disponível em:

<https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf> Acesso fevereiro de 2020.

WFOT. Diversity and culture. **WFOT: Code of Ethics**.2005. Disponível em: [www.wfot.org](http://www.wfot.org). Acesso em: maio de 2021.

WFOT. **The WFOT Code of Ethics is the overarching global guide to ethical practice**. 2018. Disponível em: <https://www.wfot.org/resources/code-of-ethics>. Acesso em: maio de 2021

## ANEXOS

Anexo 1. Roteiro de entrevista:

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS          Centro de Ciências Biológicas e da Saúde          Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional          Atividades Humanas e Terapia Ocupacional          Rod. Washington Luís, Km.235 - C.P. 676          CEP 13565-905-São Carlos-S P</p>
---	--

ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA:

### **Terapia ocupacional e cultura: sobrevoos sobre construções acadêmicas do campo.**

- 1) Por favor, diga-me sua idade e como gostaria de ser chamado(a) na pesquisa.
- 2) Há quantos anos trabalha como terapeuta ocupacional? Há quanto tempo se formou e onde? Em qual área?
- 3) Conte-me (livremente) sobre a sua trajetória de trabalho (por onde passou, quais serviços, públicos da intervenção, tipo de contrato, fatos que tenham marcado a sua trajetória profissional, uma imagem, uma lembrança, uma dificuldade, obstáculos).
- 4) Como compreende a noção de cultura? Como esta noção se expressa no seu trabalho? E como você constrói este conhecimento a partir da experiência no campo da cultura? Utiliza algum referencial teórico, algum conceito que norteie sua prática? Como vem trabalhando?
- 5) Você acha que a cultura é um campo específico na terapia ocupacional? Se sim, de que modo terapeutas ocupacionais desenvolvem suas práticas neste campo? (teorias, abordagens, procedimentos, raciocínio)
- 6) Você enxerga uma relação direta do seu trabalho em terapia ocupacional com o campo da cultura? A relação com a cultura, para você, afeta, transfigura transforma? Se sim, de que forma isso se dá?
- 7) Que lugar ocupa a cultura no seu trabalho?
- 8) Como você vê a cultura influenciando os cotidianos das pessoas com quem

você trabalha?

**9)** Como você enuncia/apresenta/correlaciona a cultura em seu trabalho? Como você percebe a cultura dentro dele?

**10)** Nos últimos dez anos, destaque as suas principais produções ou principais trabalhos de campo (teóricas, Resumos, apresentação em congressos, simpósios, eventos científicos, cursos.... melhor especificar!) sobre terapia ocupacional e cultura?

**11)** Você tem acompanhado as produções de textos, artigos, livros dentre outros acerca da cultura em diálogo com a terapia ocupacional? Onde acessa? O que lhe chama a atenção neste campo? Qual a importância deste material para a sua prática profissional? Você as utiliza? Que outras produções de terapeutas ocupacionais no campo da cultura você conhece? Poderia falar um pouco?

**12)** Estamos sugerindo que a Terapia Ocupacional e a cultura se conectam por quatro dimensões e se articulam entre si:

- a.** Dimensão cultural das ocupações/atividades/atividades humanas
- b.** A cultura como ferramenta/estratégia/meio para atuação
- c.** A cultura como campo de atuação
- d.** E a cultura como fundamental para a transformação social (Silva *et al*, 2019)

Estas dimensões fazem sentido para você?

Elas ajudam a explicar sobre sua experiência no campo?

Você acrescentaria ou alteraria alguma dimensão? Se sim por favor comente.

Podemos agora falar como foi a entrevista? O que sentiu, suas impressões.... Faltou algo a ser abordado que não tenha falado aqui? Gostaria de comentar algo a mais? Fique à vontade!

## Anexo 2: (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido):

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS          Centro de Ciências Biológicas e da Saúde          Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional          Atividades Humanas e Terapia Ocupacional          Rod. Washington Luís, Km.235 - C.P. 676          CEP 13565-905-São Carlos-S P</p>
---	--

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 510/2016)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para concessão de entrevista.

Interfaces da cultura e a terapia ocupacional: dimensões possíveis para práticas e saberes plurais

O(a) Senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “Interfaces da cultura e a terapia ocupacional: dimensões possíveis para práticas e saberes plurais.” Este estudo tem como objetivo mapear terapeutas ocupacionais que produzam textos e produções sobre os eixos dos campos da cultura em diálogo com a terapia ocupacional.

Esta é uma pesquisa de doutorado e se ancora sob a perspectiva crítica na construção de conhecimento e nas práticas que possuam interface com a terapia ocupacional e a cultura. A pesquisa tem como pesquisadores o doutorando Antonio Belforte Lavacca sob orientação da professora Dra. Carla Regina Silva

O (a) senhor (a) foi convidado/a para participar desta pesquisa, dada sua experiência profissional e importância no campo. Devido ao fato de apresentar estudos, publicações e práticas intensamente relacionadas ao instrumental teórico prático da terapia ocupacional e sua conexão com os campos da cultura.

O (a) senhor (a), ao aceitar participar da pesquisa irá: 1. Eletronicamente participar da pesquisa: o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de e-mail fornecido, se assim desejar. 2. Conceder entrevista e posteriormente revisar a transição para o acréscimo de novas informações (caso deseje) 3. Caso não queira participar, basta ignorar o convite enviado. O participante que desejar participar deverá responder ao

e-mail em até uma semana após o recebimento do e-mail convite, anexando este TCLE à mensagem eletrônica. Sua participação é voluntária, isto é: a qualquer momento o(a) senhor(a) irá decidir se deseja participar e colaborar com a pesquisa, podendo interromper a participação em qualquer fase do processo sem que existam quaisquer penalizações ou prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Caso desista da sua participação em meio ao processo, informar ao pesquisador sobre a sua desistência e, imediatamente ao aviso, este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização. As entrevistadas têm previsão de duração de uma à duas horas, podendo sofrer alterações de acordo com cada participante. É importante ressaltar que a entrevista pode durar mais ou menos tempo.

A participação nesta pesquisa pode gerar: cansaço ou desgaste mentais e/ou físicos ao participar das entrevistas.

Como medida para sanarmos tais cansaços, o (a) senhor (a) pode interromper a entrevista em qualquer momento, para continuar numa próxima data que preferir. Sua participação nessa pesquisa também compreende benefícios, afinal temos a oportunidades de: oferecer informações sobre a especificidade da atuação, docência ou investigação em terapia ocupacional; incentivar estudos, pesquisas e produção de conhecimento na profissão; contribuir com material que possa qualificar a concepção, o ensino e a formação sobre o tema.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação se assim preferir. Caso queira ter o seu nome atrelado à sua fala e à sua opinião, basta comunicar o desejo ao final da entrevista. Não haverá quaisquer tipos de danos físicos ou morais, caso queira ser identificado.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Pesquisador: Antonio Belforte Lavacca  
Endereço: Rua Francisco Crestana, 661  
Casa 04. São Carlos - SP  
Contato telefônico: (16) 981369342  
e-mail: antonio.lavacca@gmail.com



Pesquisadora: Carla Regina Silva (o.)  
Endereço: Rua Ray Wesley Herrick, 1501  
casa 67. São Carlos - SP  
Contato telefônico: (16) 35518743  
e-mail: carlars@ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar "Pró-Reitoria de Pesquisa" - telefone correto (16) 3351-9685 - o *e-mail*: cephumanos@ufscar.br

São Carlos, \_\_\_/\_\_\_/ 202\_.

---

Sujeito da pesquisa. (Nome Completo)

---

(Assinatura)